

WALTER LESLIE WILMSHURST

O Significado da Maçonaria

Londres, 1922

Walter Leslie Wilmshurst

O Significado da Maçonaria



Título original:

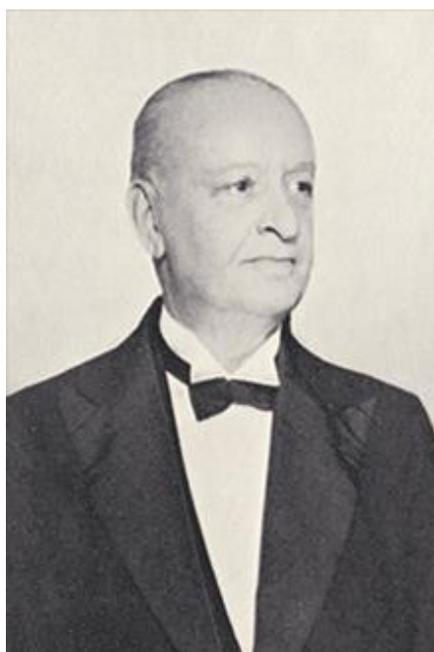
The Meaning of Masonry

- Londres, 1922 -

Fonte: http://www.brad.ac.uk/webofhiram/?section=meaning_of_masonry

Tradução livre:

Elder de L. Madruga – 3ª revisão 2016



W.L. Wilmshurst
(1867-1939)

Walter Leslie Wilmshurst foi um proeminente maçom britânico, filósofo e esotérico. Um professor magistral, falava e escrevia com frequência sobre o significado e simbolismo interior do ritual maçônico. Um dos pioneiros da restauração maçônica, ele escreve não apenas sobre um estilo de contemplação pessoal da Maçonaria, mas também sobre de que maneira as lojas podem se sintonizar melhor com a tradição especulativa do Simbolismo.

J.S.M. Ward escreveu em seu obituário para a Sociedade de Estudo Maçônico em 1939:

'It is as an exponent of the mystical meaning of Freemasonry that he will ever be remembered [...] Masonic scholars and students sometimes allow their zeal for their pet theories to out-run the brotherly affection they should feel for their fellow masons, but not so Wilmshurst. I never remember him saying a harsh or unkind word about any other masonic authority, however much his opinions might differ, and it was remarkable how he managed to win the affection of all who truly knew him.'

Índice

	Pág
Introdução	9
Capítulo I	
O PROFUNDO SIMBOLISMO DA FRANCO-MAÇONARIA	23
Capítulo II	
A MAÇONARIA COMO FILOSOFIA	87
Capítulo III	
NOTAS SOBRE O SIMBOLISMO	90
A forma da Loja	90
A posição dos Oficiais da Loja	100
As Grandes e Pequenas Luzes	105
Abertura e encerramento da Loja	109
Grau de Aprendiz	109
Grau de Companheiro	115
Grau de Mestre Maçon	120
O avental maçônico.....	130
Oração para o encerramento	131
Capítulo IV	
O SANTO ARCO REAL DE JERUSALÉM	133
A cerimônia de Exaltação	145
Capítulo V	
A FRANCO-MAÇONARIA EM RELAÇÃO COM OS ANTIGOS MISTÉRIOS	163

Introdução

A POSIÇÃO E POSSIBILIDADES DA ORDEM MAÇÔNICA

Este livro, dividido em cinco capítulos, foi escrito unicamente para os membros da Ordem Maçônica, reunidos sob a Grande Loja Unida da Inglaterra. A todos eles lhes oferecemos, no melhor espírito de fraternidade e boa vontade, e com o desejo de devolver à Ordem uma pequena parte do proveito que o autor tem recebido de sua participação nela ao longo de trinta e dois anos. Foram escritos com a intenção de promover uma compreensão mais profunda do significado e propósito da Maçonaria, e para proporcionar uma melhor explicação da mesma, o que é sempre necessária, especialmente tendo-se em conta o crescente interesse pela Ordem, assim como o aumento de membros que atualmente experimenta.

O significado da Maçonaria, contudo, é uma matéria habitualmente deixada de lado e permanece desconhecida para a maioria de seus membros, salvo para aqueles que a estudam por sua própria iniciativa. Os dirigentes, que em todos os demais aspectos são parte de uma organização elaborada e admiravelmente governada, não têm até agora disponibilizado os meios suficientes para o ensinamento e a explicação da *Nobre Ciência* que a Maçonaria proclama ser, e que tem a obrigação de transmitir. Tem-se considerado como certo que a iniciação na Ordem será automaticamente acompanhada por uma imediata capacidade de mentalmente assimilar, e em seu completo valor, tudo o que o neófito nela encontra. Mas a realidade é o contrário, pois a Maçonaria é uma expressão velada e críptica da difícil ciência da

vida espiritual, e sua compreensão requer, por um lado, um guia especialmente aperfeiçoado e, por outro, de um desejo genuíno e sério de adquirir conhecimento, assim como da capacidade de percepção espiritual por parte daqueles que buscam ser instruídos. Não raras vezes se encontram irmãos que perdem o interesse pela Ordem ou abandonam as lojas porque concluem que a Maçonaria não significa nada para eles e que nenhuma explicação ou orientação lhes foi adequadamente concedida. Se tal instrução fosse fornecida, assimilada, e houvesse resposta a ela, conseqüentemente a vida da Ordem seria enormemente melhorada e aperfeiçoada, e sua eficiência como meio de iniciação seria notavelmente potencializada, ao mesmo tempo que se formaria uma proteção adicional contra a admissão na Ordem de membros inadequados – pelo que se entende não apenas as pessoas que não conseguem satisfazer às qualificações convencionais, mas também aquelas que, mesmo preenchendo os aspectos convencionais, não estejam suficientemente evoluídas intelectualmente ou espiritualmente de forma que não são capazes de se beneficiarem da Iniciação em seu verdadeiro sentido, ainda que passem formalmente através da cerimônia. Qualidade espiritual em vez de números, e capacidade de compreender o sistema maçônico e extrapolar suas implicações à experiência pessoal, é o que deve buscar a Ordem hoje em dia.

Estes textos foram produzidos como uma contribuição destinada a amenizar a ausência de ensinamento. Os dois primeiros capítulos foram muitas vezes lidos como palestras em encontros de Loja. Muitos pedidos me foram feitos para que eles fossem impressos e disponibilizados mais amplamente, o que me incentivou a expandi-lo, com mais detalhes do simbolismo dos três graus, indo além do que poderia ser apresentado em palestras ocasionais. Para completar a análise do sistema maçônico, também foi necessário acrescentar um capítulo que constitui a coroação e

culminação dos Graus simbólicos e sem o qual seriam imperfeitos: a Ordem do Arco Real. Finalizando apresenta-se um importante tema que forma o pano de fundo do todo: a relação da Maçonaria moderna com os Antigos Mistérios, do qual ela é, embora de forma muito atenuada, descendente espiritual direta.

Dessa forma, com esses cinco capítulos, busquei proporcionar uma panorâmica de todo o conteúdo maçônico tal e como é apresentado pelos graus simbólicos e o Arco Real, esperando que possa ser uma referência para o crescente número de irmãos que sentem que a Maçonaria encerra algo mais profundo e maior do que, devido a ausência de orientação apropriada, haviam sido capazes de compreenderem por si mesmos. Não se pretende que este livro seja mais que uma visão elementar, pois está longe de ser exaustivo. Se a intenção fosse produzir um tratado mais ambicioso e acadêmico, a matéria poderia ser tratada muito mais profundamente, empregando terminologia mais técnica e com abundantes referências aos autores. Mas para o maçom mediano tal abordagem talvez fosse um serviço pior do que uma síntese expressa em termos simples e sem a carga de intermináveis referências literárias. Podem ser encontradas algumas repetições de pontos já tratados em capítulos anteriores devido ao fato dos documentos terem sido escritos em momentos distintos, embora a repetição possa ser vantajosa ao enfatizar certos aspectos, mantendo a continuidade da exposição. Por razões explicadas no capítulo correspondente, a parte que diz respeito ao Arco Real provavelmente apresentará dificuldades de compreensão para aqueles que não são versados na literatura e psicologia do misticismo religioso; se assim for, a leitura deste texto pode ser adiada, ou não ser lido. No entanto, considerando que a ideia global do sistema maçônico estaria incompleta sem a referência ao Grau Supremo (o Arco Real), e considerando que este grau trata de assuntos referentes a avançadas experiências psicológicas e

espirituais cuja explicação sempre é difícil, o tema foi tratado aqui com toda simplicidade de expressão quanto possível, mas com a perspectiva de apontar a que grandes alturas de realização espiritual pode ser alcançada nos graus simbólicos, na esperança de que seja tranquilamente compreendido pelos leitores sem alguma experiência mística prévia e, quem sabe, sem estarem familiarizados com os testemunhos dos místicos até este momento.

Este trabalho propositadamente evita lidar com questões da história da Ordem que seja de interesse meramente antiquário ou arqueológico. Datas, particularidades das Constituições Maçônicas, mudanças históricas e evolução nos aspectos externos da Ordem, referências a Lojas antigas e a pessoas que nelas se destacaram, e outras questões como essas, podem ser lidos em outros livros. São, no nosso entender, aspectos subordinados ao que é realmente importante e que tantos Irmãos anseiam: o conhecimento do propósito espiritual e linhagem da Ordem e o valor dos rituais de Iniciação no momento atual.

Ao encaminhar este texto para publicação teve-se o devido cuidado de guardar a devida discrição no referente a aspectos essenciais. A natureza geral do sistema maçônico é, de todas as formas, amplamente conhecida hoje em dia pelos profanos e pode ser encontrado em vários livros já publicados. Além disso, ao longo dos últimos anos tem existido um amplo interesse, acompanhado de uma extensa produção literária em torno das religiões místicas e da ciência da vida interior, familiarizando boa parte da sociedade com uma matéria que, como serão mostrados nesses capítulos, a Maçonaria não é senão uma forma especializada. Explicar a Maçonaria a grandes massas não é, portanto, divulgar um conhecimento reservado exclusivamente a seus membros, mas tão somente mostrar que a Maçonaria se alinha com outros sistemas doutrinários que transmitem os mesmos princípios porem sem

compromisso de segredo, e que é um método especializado e altamente efetivo de inculcar estes princípios. A verdade, seja expressada por meio da Maçonaria ou de outro modo, é em toda a época e lugar um segredo aberto, sendo uma coluna de luz para aqueles capazes de recebe-la e extrair proveito dela, enquanto que para todos os demais não passa de uma coluna de escuridão e incompreensão. Um segredo elementar e formal é necessário como medida de precaução prática contra a intrusão de pessoas impróprias e de impedir a profanação. Em outros aspectos os segredos vitais da vida, e de qualquer sistema que verse sobre a vida, se protegem por si mesmos ainda que sejam proclamados aos “quatro ventos”, porque eles não significam nada para aqueles que ainda não estão preparados para o conhecimento e estão longe de estarem aptos para assimilar esta doutrina e incorporá-la a seu pensamento e conduta habituais.

Tendo em vista a grande difusão e popularização da Maçonaria – apenas na Grã-Bretanha já existem umas três mil lojas¹ – convém igualmente considerar seus aspectos e tendências atuais, para se prever de antemão suas possibilidades futuras. A Ordem é uma instituição semi-secreta e semi-pública. Secreta a respeito de suas atividades em loja, mas de resto de total notoriedade pública, com suas portas abertas à admissão de qualquer candidato de bom caráter e reputação. A maioria daqueles que entram na Ordem o fazem completamente ignorantes do que encontrará nela, e habitualmente ingressam porque tem amigos maçons ou porque sabem que a Maçonaria é uma instituição consagrada a elevados ideais e à beneficência, e com a qual é altamente desejável relacionar-se. Podem, ou não, sentirem-se atraídos e obterem proveito do que lhes é revelado, e pode ser que vejam, ou não, mais além da desnuda forma do símbolo ou que

¹ NT: dado da década de 20 do século passado. São atualmente 7.647 lojas na Inglaterra e 1.001 na Escócia. Fonte: *List of Lodges – Pantagraph Printing & Stationery Co. Illinois, USA, 2014*

escutem, ou não, mais além das meras sílabas das palavras. Sua admissão é uma loteria, e sua Iniciação fica muitas vezes nas formas muito simples, não provocando um verdadeiro despertar para a Ordem ou para uma nova qualidade de vida até então desconhecida. Pertencer a uma loja, (salvo se o despertar derive de um minucioso estudo e prática fiel dos ensinamentos da Ordem) não exerce maior influência sobre o membro do que aquela resultante de pertencer a um clube meramente social.

A “Iniciação” – pois há muitos candidatos que, a julgar por suas perguntas, não são conscientes do que ela implica – o que realmente significa e pretende? Pretende um novo começo (*initium*); uma ruptura com a velha forma e ordem da vida e a entrada em um método de mais amplo autoconhecimento, mais profunda compreensão e virtude intensificada. Supõe uma transição desde um estado e condições de vida meramente natural a um estado e padrão sobrenatural. Supõe a mudança do perseguir os ideais mundanos do mundo exterior, pela convicção de que estes ideais não são senão sombras, imagens e substitutos temporais da Realidade eterna. Supõe uma dedicada e irrenunciável busca dessa mesma Realidade e a compreensão dos genuínos segredos de nosso ser que jazem enterrados e escondidos no centro ou parte mais interna de nossas almas. A Iniciação comporta o despertar das mais altas faculdades da alma, que até agora permaneciam adormecidas, e que dotam a seu possuidor de Luz sob a forma de uma nova consciência realçada e melhorada, e uma faculdade perceptiva incrementada. E, finalmente, em palavras que serão familiares para qualquer maçom, a Iniciação supõe que o postulante passará a dedicar e consagrar sua vida ao Divino em lugar de a si próprio ou a qualquer outro fim, de forma que pelos princípios da Ordem ele possa ser melhor habilitado a visualizar a beleza da divindade que, anteriormente, talvez não tivesse ainda se manifestado através dele.

Para completar esta definição de Iniciação – que pode ser útil aplicando-a como prova não apenas àqueles que procuram admissão à Ordem, mas a nós mesmos que já estamos dentro dela – é obvio que uma especial qualidade mental e de intenções é essencial no candidato que se beneficiará da Ordem à maneira que a doutrina contempla, e que não é necessariamente o homem ordinário e mundano, o amigo pessoal ou o colega, segundo as normas sociais, quem está adequadamente preparado ou poderá beneficiar-se em algum sentido vital sendo membro da Maçonaria. O verdadeiro candidato necessita ser, como a palavra *candidus* implica, um “homem branco”, branco por dentro assim como está vestido simbolicamente de branco por fora, de forma que nenhuma mancha nem sujeira possa obstruir o alvorecer em sua alma, o amanhecer daquela Luz que ele reconhece como desejo predominante de seu coração no momento da admissão. Se realmente é desejoso de aprender os segredos e mistérios do seu próprio ser, ele deve estar preparado para livrar-se de todos os preconceitos e hábitos mentais do passado e, com mansidão e docilidade infantis, entregar sua mente para a recepção de algumas verdades, talvez novas e inesperadas, que a Iniciação promete transmitir e que se desvelam progressivamente, justificando-se por si mesmas na mente daqueles, e apenas daqueles, que estão e continuam mantendo-se corretamente preparados para elas. *Conhece-te a ti mesmo!* Era a legenda inscrita sobre os portais dos antigos templos de Iniciação, pois com este conhecimento se prometia o conhecimento de todos os segredos e todos os mistérios. A maçonaria foi criada para ensinar auto-conhecimento. Mas este auto-conhecimento envolve um conhecimento muito mais profundo, mais amplo e mais difícil do que popularmente se concebe. Não se adquire pela passagem formal por três graus (incluindo-se ainda o Arco Real) em alguns meses; é um conhecimento impossível de realização plena até que se ponha de lado o conhecimento de qualquer outro tipo, e que se percorra por

um longo e sinuoso caminho, em uma busca esgotante que é a única que pode conduzir e guiar o iniciado à sua conquista. O mais sábio e avançado de nós não é, em realidade, senão um Aprendiz neste conhecimento, seja qual for o nosso posto na hierarquia da Ordem. Aqui e ali pode haver, quem sabe, alguém merecedor de ser chamado Companheiro em seu verdadeiro sentido. O Mestre Maçom completo - o homem justo e perfeito que tenha realmente atravessado a totalidade do caminho, não apenas de forma cerimonial, que tenha superado todas as suas provas e sacrifícios, e que tenha sido elevado a uma comunhão de consciência com o Criador e Doador de Vida, e alcançado a capacidade de transferir e ensinar a outros essa ordem de vida - é, em todo o tempo e lugar, difícil de ser encontrado.

Uma conquista tão elevada, tão ideal, deve-se advertir, encontra-se além de nosso alcance. Não somos senão homens comuns e mundanos, ocupados com nossas obrigações cívicas, sociais e familiares básicas, e seguimos o curso natural da vida. No entanto, a Maçonaria moderna se instituiu para assinalar que esta conquista é possível para nós sendo parte de nosso destino, e indica o caminho do auto aperfeiçoamento para aqueles que se atrevam a percorrê-lo, e para destacar esta realização é que foram escritas estas páginas. Então, ou a Maçonaria significa isto ou não significa nada que mereça uma busca séria por parte dos homens amantes do pensamento, e que nada pode ser buscado dentro da Maçonaria que não se possa encontrar fora dela. A Maçonaria proclama que existe um caminho de vida mais elevado do que aquele que normalmente percorremos, e proclama que quando o mundo exterior, com suas buscas e suas recompensas, perde seu atrativo para nós e se revele insuficiente para satisfazer nossas necessidades mais profundas – o que mais cedo ou mais tarde acontecerá – nos veremos obrigados a voltar para nós mesmos, buscar e bater à porta de um mundo interior; e é sobre esse mundo interior e o caminho que a ele conduz

que a Maçonaria promete luz, marca seu rumo, cartografa o caminho e indica os requisitos e condições de progresso. Este é o único objetivo e fim da Maçonaria. Após seu simbolismo mais elementar e óbvio, após suas exortações à virtude e à moral convencional, após suas expressões monótonas e frases grandiloquentes (que hoje em dia bem poderiam ser submetidas a uma revisão inteligente por aqueles a quem compete) com as que, segundo a moda de seu tempo, os compiladores do século XVIII velaram seu ensinamento, aí é encontrada a estrutura de um esquema de iniciação a essa forma de vida mais elevada, onde unicamente há que se aprender os segredos e mistérios de nosso ser. Mais ainda, um sistema, como se verá posteriormente nestas páginas, que reproduza para o mundo moderno o caráter dos Antigos Mistérios, e que foi bem descrito por um sagaz autor como “um compêndio, ou seu reflexo a longa distância, do que uma vez foi a Ciência Universal”.

Por muito tempo, e para muitos, a Maçonaria tem significado menos que isso, e talvez por isso não tenha ainda cumprido com o seu propósito original de ser o instrumento eficiente de iniciar, para o qual foi projetada para ser. Suas energias foram desviadas de seu verdadeiro propósito de instrução para canais sociais e filantrópicos, excelentes à sua maneira, mas estranhos e acrescidos à intenção original e principal. Na verdade, muito pouco se aprecia e se compreende dessa intenção central, e frequentemente se escuta da boca de homens de eminente posição na Maçonaria, e calorosa devoção para com ela, que é apenas o interesse em sua grande estrutura de caridade que mantem viva sua conexão com a Ordem. A caridade é, sem dúvida, uma obrigação para o maçom, mas sua interpretação maçônica não tem por que estar limitada às necessidades físicas. Os pobres e aflitos, tanto espiritual como economicamente falando, sempre estarão entre nós, e a Maçonaria tem por desígnio a obrigação de exercer seu ministério.

Teoricamente todo o profano, no momento de sua entrada na Ordem, se reconhece como dentro da categoria dos espiritualmente pobres, e felizes em renunciar às riquezas temporais, se com esse sacrifício seu necessitado coração pudesse ser preenchido com as coisas boas que o dinheiro não pode comprar; mas igualmente se afirma que, apesar de sua pobreza espiritual, os verdadeiros iniciados podem ajudá-lo.

Mas, se a Maçonaria ainda não cumpriu seu propósito principal, encontrando-se comprometida em algumas atividades, admiráveis, mas secundárias, e continua sendo um instrumento iniciático de baixa eficácia, pode ser que, ao aumentar a compreensão de seus propósitos, esta eficácia seja consideravelmente incrementada. Durante os três últimos séculos a Ordem vem se transformando gradualmente desde seu pequeno e rudimentar início até a atual organização, vasta e altamente complexa. Hoje em dia o número de lojas e de membros da Ordem está crescendo acima de qualquer precedente. Perguntamo-nos o que este interesse crescente prenuncia, para onde tenderá ou para onde se deseja que tenda? Este crescimento coincide com a correspondente queda de interesse pelas religiões ortodoxas e adoração pública. Não é necessário perguntar-se agora até que ponto estão os simples princípios de fé e ideais humanitários da Maçonaria, ocupando, em alguns homens, o lugar que antes correspondia à teologia oferecida pelas distintas igrejas. Sem dúvida, em certa medida, isso vem ocorrendo. Mas o fato é que os ideais da Ordem Maçônica estão estimulando os melhores instintos de um grande número de homens, e que a Ordem se tem convertido imperceptivelmente na maior instituição social do Império². Os seus princípios de fé e ética são simples, e de aceitação praticamente universal. Proporciona meios para a expressão da fraternidade universal sob uma Paterna Divindade comum, e de

² NT: O autor certamente se refere ao Reio Unido.

uma lealdade comum para um governo estabelecido do Estado, deixando espaço para as divergências de crenças privadas e em outras matérias sobre as quais a unidade de opinião é impraticável, e, talvez, indesejável. A Maçonaria está totalmente limpa de política e de suas intrigas, mas ainda assim se tem convertido inconscientemente em verdadeiro, ainda que discreto, elemento de valor político, tanto para estabilizar a sociedade quanto para tutelar a amizade entre as nações. A complexidade de sua organização, o admirável cuidado e controle de seus negócios por parte de suas autoridades superiores, são louváveis ao extremo, enquanto que no exercício de suas Lojas individuais tem sido e constitui-se num esforço progressivo para elevar o padrão de trabalho cerimonial a um grau de reverência e inteligência muito mais elevado do que foi possível nas condições em vigor a algum tempo. A Arte Maçônica cresceu e se ramificou para dimensões inimagináveis por seus fundadores originais e, em sua taxa atual de crescimento, suas potencialidades e influências no futuro são incalculáveis.

O que parece agora necessário para intensificar o valor e utilidade desta grande Fraternidade, é aprofundar na compreensão do seu próprio sistema, que é voltado a educar os seus membros no sentido mais profundo do verdadeiro propósito de seus rituais e filosofia. Alcançando este objetivo, a Ordem Maçônica se converteria, na proporção de sua conquista, em uma força espiritual maior do que jamais poderia ser. Se continuar satisfeita com uma perpetuação formal e pouco inteligente de ritos pouco compreendidos, seu verdadeiro e sagrado propósito permanecerá perenemente incompreendido, e não representando para seus membros mais que uma associação semirreligiosa e uma agradável instituição social. Levando à sua máxima expressão, essa conquista resultaria na recuperação, numa forma adaptada às condições modernas, dos antigos ensinamentos da Sabedoria e da prática daqueles Mistérios proscritos há dezesseis séculos, e dos quais a

Maçonaria é representante e descendente direta, como se verá nestas páginas.

O futuro desenvolvimento e valor da Ordem como força moral dentro da sociedade depende, portanto, da perspectiva que seus membros tenham de seu sistema. Se não o interiorizam espiritualmente, progressivamente irão priorizando os elementos materiais. Se fracassam ao interpretar seu conteúdo velado, ao entrar na compreensão de sua filosofia subjacente, e ao traduzir seu simbolismo da maneira correta, então estarão confundindo a sombra com a essência, o externo com o fundamental, e secularizando o que foi designado como meio de proporcionar instrução espiritual. **Hoje em dia a Maçonaria não sofre de falta de desejo de aprender, mas da falta de instrução.** E considerando que em todas as partes há um desejo de instrução, são oferecidos estes textos à Ordem como forma de contribuir com essa necessidade de ensinamento.

Permita-me concluir com um epílogo e um desejo.

Nas Crônicas de Israel pode-se ler como, após um árduo trabalho preparatório, após empregar o material mais seletos e os artífices mais habilidosos, o Rei Salomão construiu e embelezou seu Templo dedicado ao serviço do Altíssimo, num trabalho tão perfeito quanto as mãos humanas eram capazes de criar. E as Crônicas narram que então, e só então, sua oferenda foi aceita, e essa aceitação se manifestou por uma manifestação Divina sobre ele de tal forma que a glória do Senhor brilhou e encheu toda a casa.

Assim pode acontecer com o Templo da Ordem Maçônica. Desde o início da Maçonaria Especulativa esse Templo tem sido um edifício que se tem expandido durante trezentos anos. **Composto de pedras vivas** que conformam uma estrutura orgânica de ampla presença, tem sido levado gradualmente, sob o correto

governo de seus dirigentes, à elevada perfeição de seu aspecto temporal e de sua observância externa, e tem sido capaz de realizar nobres propósitos e de proporcionar um testemunho divino no mundo obscuro e agitado. Que se invoque sobre a base destes esforços preliminares esta coroa de benção culminante, e que o Espírito da Sabedoria e da Compreensão se derrame abundantemente sobre o trabalho de nossas mãos, promovendo sua prosperidade e enchendo e transfigurando todo nosso Templo.

Capítulo I

O PROFUNDO SIMBOLISMO DA FRANCO-MAÇONARIA

O candidato que se dispõe a entrar para a Franco-Maçonaria raramente tem formada uma ideia definida quanto à natureza daquilo a que se está comprometendo. Geralmente, após sua iniciação, permanece perdido e não é capaz de explicar satisfatoriamente o que é a Maçonaria e com que propósito existe a Ordem. Escuta, desde o início, que a Maçonaria é "um sistema de moralidade velada em alegorias e ilustrada por símbolos". No entanto esta explicação, ainda que correta, é ao mesmo tempo parcial e limitada. Para muitos membros da Ordem ser maçom implica unicamente tomar parte de uma instituição que parece combinar a natureza de um clube com a de uma sociedade benemérita. Encontram nela, desde o início, um certo elemento de religiosidade, mas como lhe é dito que a discussão religiosa - o que significa, a discussão religiosa sectária - é proibida em Loja, inferem que a Maçonaria não é uma instituição religiosa, e que seus ensinamentos só pretendem ser secundários e complementares aos preceitos religiosos que já tenham previamente. Às vezes se escuta enfatizar *que a* "Maçonaria não é uma religião", o que em certo sentido é bastante acertado, e às vezes que é uma religião complementar ou secundária, o que é bastante incerto. Mais ainda, com frequência se supõe - inclusive por seus próprios membros - que a Maçonaria é um método extraordinariamente antigo que nos chegou quase exatamente igual como era nos tempos dos egípcios, ou ao menos nos tempos dos antigos hebreus, ponto de vista que apenas possui uma ponta de verdade. Para resumir, quanto mais

atuais e imediatos parecem ser os propósitos da Maçonaria, assim como suas possibilidades, mais vagas nos resultam as noções sobre a origem e história da Ordem, que permanecem desconhecidas para a maioria de seus próprios membros.

Reunimo-nos regularmente em nossas lojas, realizamos nosso trabalho cerimonial e repetimos preleções de instruções, noite após noite, com maior ou menor grau de desenvoltura e perfeição verbal, como se apenas a habilidade para representar o ritual fosse a razão de ser e o fim do trabalho maçônico³. Raramente, ou nunca, empregamos nossos encontros em Loja para outro propósito, importante tanto para fins cerimoniais, ou seja, para “aprofundar nos mistérios da Maçonaria”. Quem sabe nossa resistência em fazê-lo seja porque assumimos erroneamente que esses mistérios fazem parte do que corresponde à Ordem descobri-los para nós, e que teria sido este o objetivo de sua criação.

Ainda assim existe um grande número de irmãos que desejam reparar esta óbvia deficiência; irmãos que sentem em sua natureza um profundo chamado por parte da Maçonaria, e que sentem que sua filiação à Ordem é um privilégio que os tem levado à presença de algo maior do que já conheciam, e que guarda um propósito que poderia se revelar numa mensagem mais profunda do que a que eles atualmente compreendem.

Em um breve texto como este, não tem sentido tentar solucionar adequadamente tudo que temos sugerido como definições dentro do conhecimento que temos da Ordem a que pertencemos. O mais que se pode aspirar é oferecer certas pistas ou indicações, que seriam trabalhadas e desenvolvidas de forma individual por aqueles que assim o desejarem. Em última instância, ninguém pode comunicar os mais coisas mais profundos da

³ NT: No Reino Unido, bem como em diversos outros países como Estados Unidos, Canadá, etc, a prática é de que os rituais sejam praticados de memória.

Maçonaria a outro irmão. Cada pessoa deve descobrir e aprender por si mesmo, ainda que um amigo ou irmão seja capaz de orientá-lo, a certa distância, no caminho da compreensão. Sabemos inclusive que os segredos mais elementares e superficiais da Ordem não devem ser comunicados a pessoas não qualificadas, e a razão desta prescrição não é tanto porque estes segredos tenham um valor específico, mas sim porque este silêncio deve ser habitual em tudo o que se refere aos maiores e mais profundos segredos, alguns dos quais, por razões bem fundadas, não devem ser comunicados, enquanto que outros não são comunicáveis de nenhuma maneira, pois transcendem o poder da comunicação.

É correto enfatizar, para começar, que a maçonaria é um sistema sacramental que possui, como todos os sacramentos, um lado exterior e visível que consiste em seu cerimonial, sua doutrina e seus símbolos, que podemos ver e escutar; e um lado interior, intelectual e espiritual, que se oculta atrás do cerimonial, da doutrina e dos símbolos, e que é acessível unicamente ao maçom que tem aprendido a usar sua imaginação espiritual e que pode apreciar a realidade velada pelo símbolo externo.

Qualquer um pode imediatamente entender os mais simples significados de nossos símbolos, especialmente com a ajuda de textos explanatórios; mas mesmo assim pode ainda não entender o significado do sistema maçônico como um todo vital. É absurdo pensar que uma vasta organização como a Maçonaria foi ordenada unicamente para ensinar a cultivar nos homens do mundo o conteúdo simbólico de algumas escassas ferramentas de pedreiros, ou para defender virtudes tão elementares como a temperança e a justiça, ensinado às crianças nas escolas de qualquer cidade; ou ainda para entender princípios morais tão básicos como o Amor Fraternal, que qualquer igreja e religião propugnam, ou o Auxílio, que é tão praticado por não maçons como por maçons, ou a

Verdade, que as crianças aprendem no colo de suas mães. Seguramente não há, ademais, nenhuma necessidade de integrar-se em uma sociedade secreta para que alguém lhe ensine que o Volume da Lei Sagrada é fonte de verdade e instrução, nem tampouco de atravessar a longa e elaborada **cerimônia do Terceiro Grau** meramente para aprender que todos temos que morrer.

A ordem, cujo trabalho somos ensinados a honrar com o nome de "Ciência" ou "Arte Real", tem provavelmente alguma finalidade maior do que apenas imprimir no espírito a prática de virtudes sociais comuns a todo o mundo e que não são em absoluto monopólio dos franco-maçons. Resta-nos, então, perguntar em que consiste essa finalidade de maior envergadura, e por que o trabalho voltado a alcançar este propósito é digno de ser chamado de "Ciência", e determinar o que são esses "Mistérios" que nossa doutrina promete que serão finalmente alcançados, se nos esforçamos o suficiente para compreender o que a Maçonaria é capaz de nos ensinar.

Tendo em conta, pois, o que não se pode considerar que seja **a Maçonaria, perguntamos, então, o que ela é?** Antes de responder a essa questão, permitam-me que os informem de certos fatos que facilitará a apreensão da resposta assim que a apresentemos. **Em todos os períodos da história do mundo, e em cada parte do globo, as ordens e sociedades secretas têm existido, à margem das igrejas oficiais,** com o propósito de ensinar o que é chamado de "os Mistérios", compartilhando com as mentes adequadas e preparadas **certas verdades acerca da vida humana, certos ensinamentos sobre as coisas divinas, sobre as coisas que inquietam a nossa paz, sobre a natureza humana e o destino dos homens.** **Verdades que não seria desejável que se publicasse a uma multidão, que não fariam mais que profanar esses ensinamentos e aplicar o conhecimento**

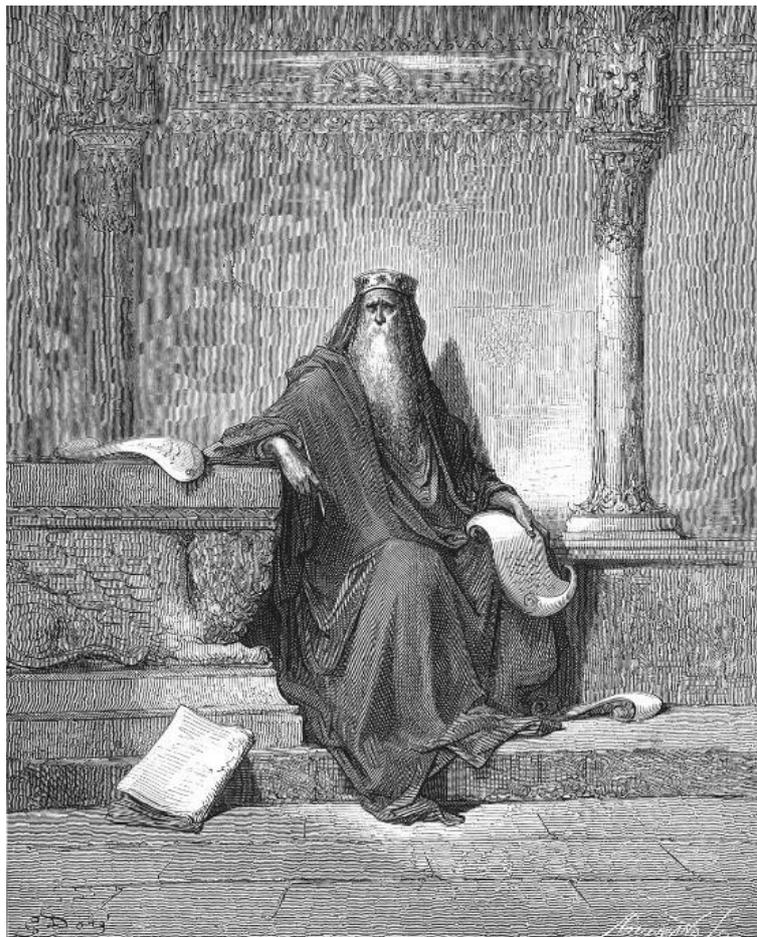
esotérico que lhe foi comunicado para fins perversos e, inclusive, desastrosos.

Estes Mistérios eram antigamente ensinados, é-nos dito, "nas mais elevadas colinas e nos mais profundos vales", o que é uma figura retórica para expressar, em primeiro lugar, que se transmitiam em circunstâncias de maior privacidade e segredo, e, em segundo lugar, que se ensinavam de forma tão simples como avançada, segundo fosse a capacidade de entendimento dos discípulos.

É do conhecimento comum que os grandes sistemas de segredos dos Mistérios (aos que nossas Preleções fazem referência sob a expressão "as nobres ordens de arquitetura", ou, o que é o mesmo, "a construção da alma") existiam no Oriente, Caldeia, Assíria, Egito, Grécia, Itália, entre os hebreus, entre os maometanos e entre os cristãos; inclusive entre os povos selvagens africanos podem ser encontrados.

Todos os grandes mestres da humanidade, Sócrates, Platão, Pitágoras, Moisés, Aristóteles, Virgílio, o autor dos poemas homéricos e os grandes autores gregos, assim como São João, São Paulo e inumeráveis outros, foram iniciados nos Sagrados Mistérios.

A forma do ensinamento comunicado tem variado consideravelmente segundo a época, e tem sido expresso sob distintos véus. Considerando que a verdade última que os Mistérios pretendem ensinar é sempre una e idêntica, sempre se tem ensinado, e apenas pode ser ensinada, uma doutrina única e idêntica. O que a doutrina era, e ainda é, a consideraremos agora segundo nosso entendimento e segundo a Maçonaria a expressa.



O Rei Salomão, por Gustave Doré (1865)

No momento deixe-me dizer apenas que por trás de todos os sistemas oficiais de religião do mundo, e atrás dos maiores movimentos e avanços na história da humanidade, sempre se há chamado os que São Paulo denominava de os "guardiões ou servidores dos Mistérios". O próprio Cristianismo veio ao mundo a partir desta fonte. Dela nasceu a grande escola da Cabala, maravilhoso sistema de tradição hebraica secreta e oral, importante elemento que tem sido introduzido em nosso sistema maçônico. Deles também surgiram muitas fraternidades e ordens, como por exemplo as grandes ordens de Cavalaria e dos Rosacruzes, e a escola de alquimia espiritual. Finalmente, também surgido da mesma fonte, no século XVII, temos a moderna Franco-maçonaria especulativa. Traçar a gênese do movimento, que entrou em atividade aproximadamente há mais de trezentos anos (nossos

rituais e cerimônias foram compilados por volta de 1700) é algo que fica mais além do propósito destas notas. Basta enfatizar que o próprio movimento incorporou o ritual simples e o simbolismo elementar que durante séculos havia sido empregado pelas Guildas de Construtores medievais, mas imprimindo-lhe um conteúdo muito maior e um alcance consideravelmente mais amplo. Sempre foi costume das Guildas de Comércio, inclusive nas modernas Sociedades Beneméritas, outorgar um componente espiritual a suas atividades e dar um matiz de moralidade em seus métodos.

Nenhum trabalho, quem sabe, se presta melhor a tal propósito que a dos construtores. Onde queira que um grande projeto floresça, aí se encontrarão mostras de conteúdo alegórico empregadas para a simples instrução moral daqueles que são membros operativos da indústria. Tenho conhecimento, por exemplo, de um sistema cerimonial egípcio de uns cinco mil anos que ensinava as mesmas coisas que ensina hoje em dia a Maçonaria, mas em termos de construção de barcos em lugar de vocábulos arquitetônicos.

Os termos de arquitetura foram empregados por aqueles que criaram a Maçonaria porque estavam à mão, porque estavam em uso entre certas guildas que existiam naquele momento, e, finalmente, porque são extremamente eficazes e significativos do ponto de vista simbólico.

Tudo o que desejo assinalar neste momento é que nosso atual sistema não provém da remota antiguidade, que não há continuidade direta entre nós e os egípcios, nem sequer com os antigos hebreus que construíram, no período do Rei Salomão, um certo Templo em Jerusalém. O que é extremamente antigo na Maçonaria é a doutrina espiritual oculta no interior de sua fraseologia externamente relacionada com a Arquitetura; pois sua doutrina é uma forma elementar da doutrina que tem sido ensinada

em todas as épocas, sem importar em que linguagem possa haver sido expressa.

Nosso próprio ensinamento, por exemplo, admite que Pitágoras passou por numerosas iniciações em distintas partes do mundo, e que adquiriu grande protagonismo na arte. **No entanto é totalmente certo que Pitágoras não era um maçom em nosso atual sentido da palavra, o que não nos impede de entender que era um mestre sumamente avançado no conhecimento das escolas secretas dos Mistérios, de cujas doutrinas somos depositários, em uma pequena parte, no nosso sistema maçônico.**

Qual era o propósito que os criadores do nosso sistema maçônico tinham em mente quando o compilaram? Não encontrarás uma resposta satisfatória a esta pergunta nos livros de Maçonaria habituais. Não há nada mais aborrecido, nem decepcionante, que a literatura e história maçônicas, habitualmente dedicadas à análise de questões nada essencial, relacionadas ao desenvolvimento externo da Ordem e seu aspecto antiquário. Fracassam totalmente no tratamento de sua essência e significado vital; um fracasso que, em alguns casos, pode ser intencional, mas que em geral se deve à falta de conhecimento e percepção, **pois a história verdadeira da Maçonaria não tem sido bem conhecida e interpretada nem pela própria Ordem.** Há membros da Ordem que a conhece mais ou menos, e que, a seu devido tempo, podem considerar justificado tornar público, de forma gradual, algo do que é conhecido nos círculos internos. **Mas antes que esse momento chegue e que a própria Ordem possa discernir o que convém ou não revelar, é desejável, para não dizer necessário, que seus próprios membros realizem um esforço para interiorizar o propósito de sua própria instituição e que mostrem sinais do mais sincero desejo de considerá-la, não como um sistema arcaico de ritos mecânicos, mas uma realidade vital capaz de penetrar e dominar suas vidas; não**

apenas como uma agradável ordem social, se não como um sagrado e solene método de iniciação que lhes adentre nas mais profundas verdades da vida. Está escrito que “àquele que tem se lhe dará, e ao que não tem até o pouco que tem lhe será arrebatado”. É responsabilidade da Maçonaria determinar, por seus próprios feitos, se essa realidade formará parte de sua herança ou se, pelo contrário, ao fracassar em seu dever de salvaguardar o valor daquilo que é depositária, permitindo que seus próprios mistérios se vulgarizem e se profanizem, sua organização se degenerará, perderá seu bom nome e se desvanecerá em um merecido esquecimento, como tem sucedido com muitas outras ordens secretas do passado.

Há sinais, de todas as formas, de um universal aumento de interesse, e um genuíno desejo de conhecimento do conteúdo espiritual de nosso sistema maçônico, e comemoro ser capaz de oferecer a meus irmãos um breve e imperfeito esboço do que considero ser o verdadeiro propósito de nosso trabalho, e que pode ajudar a nos aprofundar no trabalho da Ordem à qual pertencemos, e (o que é de muito maior envergadura) ajudar a fazer da Maçonaria um fator vital para o maçom e uma realidade viva e solene por cima do que seria unicamente um agradável complemento da vida social.

Para resumir, a Maçonaria nos oferece, de forma representada dramaticamente e por meio de rituais cerimoniais, uma filosofia de vida espiritual do homem e um diagrama do processo de regeneração. Veremos que esta filosofia não somente é assimilável à doutrina de cada sistema religioso ensinado fora da loja, como também explica, elucida e define com precisão a doutrina fundamental de todo sistema religioso que existe ou tenha existido no Mundo, seja cristão ou não. Ainda que as religiões do mundo tentem ensinar a verdade, a expressa de formas distintas, e tendem a se concentrar mais nas diferenças que nas semelhanças entre o

que elas ensinam. Em algumas lojas maçônicas o candidato penetra pela primeira vez no templo entre o intrépido do choque de espadas e os sons de luta, para fazer-se entender que está abandonando a confusão e estridências das seitas religiosas do mundo exterior e que está adentrando em um templo onde os irmãos vivem juntos, em unidade de pensamento sobre as verdades fundamentais da vida, verdades que não permitem diferenças ou facções.

Ainda que não esteja unida a nenhum sistema religioso externo, não deixa de ser a Maçonaria uma síntese, um pacto para homens de todas as raças, de todo credo e de toda tendência; e sendo seus princípios fundacionais comuns a todos, não admite variação alguma. “Como era no princípio, assim é agora e o será para sempre, por séculos e séculos”. Por isso cada Mestre de Loja (a quem denominamos Venerável Mestre) é levado a jurar que nenhuma inovação é possível no corpo da Maçonaria (isto é, em sua doutrina substancial), dado que ainda contém um mínimo, e suficiente, de verdade a qual ninguém pode acrescentar nada, nem pode ser alterada, e que nada pode ser excluído. Posto que a Ordem conceda perfeita liberdade de opinião a todos os homens, as verdades que nos tem para oferecer são inteiramente "livres" em função de nossa capacidade de assimilá-las, enquanto que aqueles que não se sentem chamados, aqueles que consideram que podem encontrar uma filosofia mais satisfatória em outra parte, gozam de total liberdade para segui-las, e os homens de honra chegarão à conclusão de que é seu dever retirar-se da Ordem ao invés de perturbar, com suas presenças, a harmonia de pensamento que deveria caracterizar a Maçonaria.

A admissão de cada Maçom na Ordem é, tal como nos é ensinado, "uma representação alegórica da entrada de todos os homens nesta existência mortal". Reflexionemos sobre estas palavras cheias de conteúdo. Ante questões tão profundas e

persistentes que aparecem por si mesmas em qualquer mente pensante, "Quem sou?, De onde venho?, Para onde vou?", a Maçonaria oferece respostas tão categóricas como luminosas. Cada um de nós, como nos é ensinado, provém do místico Oriente⁴, a eterna fonte de toda luz e vida, e nossa vida aqui é descrita como acontecendo no *Ocidente* quer dizer, em um mundo que é a antípoda de nosso lugar original, e sob condições de existência totalmente distanciadas daquelas da qual viemos e à qual estaremos retornando, tal e como sucede com o Oriente e o Ocidente em nossa concepção ordinária do espaço. Por isso cada candidato se encontra, quando da admissão, em um estado de cegueira, no Ocidente da loja, repetindo simbolicamente o acontecimento de seu verdadeiro nascimento neste mundo, no qual entrou como um bebê cego e indefeso, e em cujos primeiros anos, não sabendo para onde se dirigia, após muitos tropeços e passos mal dados, após muitos desvios do verdadeiro caminho e após muitas tribulações e adversidades na vida humana, pode finalmente ascender, purificado e expiado pela experiência, a uma vida maior no Oriente Eterno. Por isso, no grau de Aprendiz, é perguntado: "Como maçom, de onde vens?" e a resposta, vindo de um Aprendiz (quer dizer, do homem natural que ainda não desenvolveu o conhecimento) é "do Ocidente", pois ele supõe que sua vida se originou neste mundo. No entanto, no grau avançado de Mestre Maçom a resposta é que o maçom vem "do Oriente", pois o maçom já teve seu conhecimento aumentado até o ponto de ser consciente de que a fonte primogênita da vida não se acha no "Ocidente", não se acha neste mundo. Sabe que a existência neste planeta não é mais que uma estância transitória, empregada na busca dos genuínos segredos, realidades últimas da vida; e que da mesma forma que a alma humana deve retornar a Deus, que a criou, ele está retornando de seu mundo temporal de segredos substitutos, ao "Oriente" do

⁴ NT: "Oriente" e "Ocidente": no texto original "East" e "West".

qual veio originalmente. Da mesma maneira que a admissão de cada candidato em uma loja pressupõe sua anterior existência no mundo exterior à loja, igualmente nossa doutrina pressupõe que cada alma deste mundo viveu previamente, e procede de um estado de vida anterior. Viveu em algum lugar antes de entrar neste mundo, e viverá em algum lugar quando finalize sua vida humana, breve parêntesis em meio da Eternidade. Ao entrar neste mundo a alma está obrigada a adotar uma forma material, quer dizer, se vê submetida a um corpo físico que a capacita para suas relações com o mundo material, e para desempenhar as funções correspondentes a esta fase concreta de sua existência. Será necessário que se diga que a forma física com que todos temos sido investidos pelo Criador em nossa entrada neste mundo, e da qual nos desprenderemos quando abandonemos esta loja que é a vida, está representada, entre nós, pelo nosso avental maçônico? Este nosso corpo mortal, este véu de carne e sangue que envolve nossa alma mais interior é o verdadeiro “avental de inocência” com o qual o Grande Arquiteto tem o prazer de investir-nos; vestuário que é mais antigo e mais nobre que o de qualquer outra Ordem que haja existido; ainda que não seja mais do que um corpo humilhante comparado com o corpo incorruptível que é a herança prometida para aquele que persevera até o fim. Nunca esqueçamos que se nunca fizemos algo que desonre a insígnia de carne e osso com que Deus dotou a cada um de nós, o avental nunca será para nós causa de vergonha e indignidade.

Irmãos, incentivo-os a que contempleis vosso avental como um dos símbolos mais preciosos e expressivos que nossa Ordem pode dar-nos. Recorda que a primeira vez que o vestistes era apenas uma peça de pura pele de cordeiro branca; um emblema da pureza e inocência que sempre associamos com o cordeiro e com a criança recém-nascida. Recorda que ao princípio o vestistes com a abeta levantada, conformando assim uma figura de cinco pontas, que

indica os cinco sentidos, por meio dos quais nos relacionamos com o mundo material que nos rodeia (nossos "cinco pontos do companheirismo" com o mundo material). Também indica, pela porção triangular da abeta em conjunção com a porção quadrada inferior, que a natureza do homem é uma combinação de corpo e alma; o emblema de três lados acrescentado ao emblema de quatro lados forma sete, que é o número perfeito, pois, como está escrito na antiga doutrina hebraica, da qual a Maçonaria é parente próxima, "Deus bendisse e amou o número sete mais que todas as coisas sob seu trono". Significa que o homem, ao ser de Sete Dimensões⁵, é o mais querido de todas as obras do Criador. É por isso que a Loja tem sete oficiais principais e que, para ser perfeita, requer sete irmãos; ainda que o significado mais profundo desta frase é que o homem individual constitui por si mesmo a Loja Perfeita se for capaz e conhecer-se a si mesmo e analisar sua própria natureza corretamente.

Igualmente, a cada um de nós é outorgada três luzes menores, que iluminam a loja que se acha em nosso interior. O Sol simboliza nossa consciência espiritual, as mais elevadas aspirações e emoções da alma; a Lua encarna o raciocínio e as faculdades intelectuais, as quais (da mesma forma que a Lua reflete a luz do Sol) deveriam refletir a luz que provém da faculdade espiritual superior e transmiti-la à nossa conduta diária; e finalmente o "Mestre da Loja" é uma expressão simbólica que denota a força de vontade do homem, que deve capacitá-lo para ser senhor de sua própria vida, controlando suas ações e submetendo os impulsos mais baixos de sua natureza, assim como o golpe de malhete do Mestre controla a loja e chama os irmãos à ordem e à obediência. Por meio da ajuda destas três luzes menores de nosso interior, um homem está capacitado para entender o que, também

⁵ As Sete Dimensões do ser humano às que o autor se refere, e que comenta posteriormente, são o Espírito (*Pneuma*), a Alma (*Psique*), o Intelecto (*Nous*), o nexo entre Espírito e Alma, o nexo entre Alma e Intelecto, a natureza sensitiva interna (astral) e a natureza sensitiva externa (física).

simbolicamente, é denominado de a “forma da Loja”, quer dizer, a maneira em que sua própria natureza humana tem sido composta e constituída: o comprimento, a largura, a altura e a profundidade de seu próprio ser. Também com sua ajuda compreenderá que ele mesmo, seu corpo e sua alma, são "solo sagrado" sobre o qual deve construir o altar de sua própria vida espiritual, um altar que não deve ferir nem macular empregando "ferramentas de ferro", nenhum hábito degradante de pensamento ou de conduta. Por meio dessas três luzes perceberá também como a Sabedoria, a Força e a Beleza têm sido empregadas pelo Criador como três grandes pilares mestres da estrutura de seu próprio organismo. E por elas, finalmente, discernirá que há uma escada mística de muitas voltas e possibilidades, quer dizer, que há inumeráveis caminhos ou métodos por meio dos quais os homens são elevados para a Luz Espiritual que nos rodeia a todos, e na qual vivemos e nos movemos e em que se encontra nosso ser. Dos três métodos principais, o maior deles, o que inclui todos e nos aproxima mais ao Céu, é o Amor, cujo exercício como Virtude Divina permite ao maçom alcançar o ápice de sua experiência; este ápice é o próprio Deus, cujo nome é Amor. Não é necessário que eu insista, Irmãos, no fato de que as referências efetuadas à Loja ao longo de nossos rituais não correspondam ao edifício no qual nos reunimos. Esse edifício não é mais que um símbolo, uma alegoria velada que oculta algo mais. “Acaso não sabeis” - disse o grande iniciado São Paulo – “que vós sois templos do Altíssimo, e que o espírito de Deus mora em vós?” A verdadeira loja à qual se faz menção em nossos rituais é nossa personalidade individual, e se interpretarmos corretamente nossa doutrina à luz desse fato, nos daremos conta de que revela um aspecto totalmente novo do propósito de nossa irmandade.

O recém-iniciado é colocado no canto nordeste da Loja após ser investido com o avental. Com isso se pretende que aprenda que em seu nascimento neste mundo a pedra angular de sua vida

espiritual foi devida e honestamente depositada, e implantada em seu interior, sendo seu dever desenvolver sua via interior e criar uma superestrutura sobre ela. Dois caminhos aparecem abertos ante ele nesta etapa: um caminho da luz e um caminho da treva, um caminho do bem e um caminho do mal. O canto Nordeste é o lugar que simbolicamente separa ambos caminhos. Em linguagem simbólica, o Norte sempre implica o lugar de imperfeição e falta de desenvolvimento. Nos tempos antigos os corpos de suicidas, marginais e crianças não batizadas, eram enterrados no lado norte ou sem insolação do cemitério. O acento dos mais novos membros da Ordem está situado no norte, representando a condição do homem não iluminado espiritualmente; o neófito o qual a luz espiritual latente em seu interior ainda não se elevou sobre o horizonte de sua consciência, dispersando a nuvem de interesses materiais de sua vida inferior e meramente sensual. Pretende-se que o iniciado, situado no rincão nordeste, sinta que em seu interior há uma via que conduz à perpetua luz do Oriente, na qual se incentiva a percorrer, e que no outro lado se acha a via que conduz à escuridão espiritual e à ignorância na qual pode permanecer e se degenerar. Isto é uma parábola dos caminhos duais da vida, abertos diante de cada um de nós: de um lado o caminho do egoísmo, dos desejos materiais e da indulgência sensual, da cegueira intelectual e podridão moral; e de outro lado o caminho do progresso moral e individual, em cujo percurso o irmão pode decorar e adornar a loja de seu interior com os ornamentos e joias da graça, e com o incalculável tesouro do verdadeiro conhecimento, que poderá colocar a serviço de Deus e de seus semelhantes. Observa-se que, das joias, algumas se dizem que são móveis e transferíveis, porque quando se desenvolvem em nossa própria vida e natureza, sua influência se transfere e comunica a outros, e colabora para melhorar e adoçar a vida de nossos semelhantes. Outras joias são imóveis porque estão permanentemente fixas e plantadas nas raízes de nosso próprio ser, e são de resto a matéria bruta que nos é

confiada para que a trabalhemos e a tiremos do caos e imperfeição, dando-lhes a devida e verdadeira forma. A Cerimônia do Primeiro Grau é, pois, um fugaz mas completo compêndio da entrada de todos os homens, inicialmente na vida física, e posteriormente na vida espiritual. Assim como compartimos felicitações e bênçãos quando uma criança vem ao mundo, também recebemos com aclamação o candidato que, simbolicamente, busca renascer espiritualmente; e aqui emulamos o que está escrito sobre o regozijo que existe entre os anjos do céu por cada pecador que se arrepende e volta à Luz. O Primeiro Grau é eminentemente um grau de preparação, de autodisciplina e purificação. Correlaciona-se com a limpeza simbólica concedida no sacramento do batismo que é, nas igrejas, por assim dizê-lo, o Primeiro Grau da vida religiosa; e que é administrado, com toda propriedade, na fonte próxima à entrada da Igreja, marcando o começo do caminho espiritual. Para todos nós tal purificação e ablução é necessária. Tal e como foi belamente escrito por um irmão maçom:

É apenas certo que as almas descem nuas
 A tomar lugar nesta cidade terrenal,
 Ou nuas passam, e lhes é negada toda vestimenta,
 Entramos com roupa descuidada e esfarrapada
 E colhemos tanta que em pouco tempo
 Não é tarefa fácil encontrar lugar para guarda-las
 Limpa, portanto, a sujeira que se prende em nós
 Te rogamos, Mestre, ante Tuas moradas sagradas
 Nós entramos, despojamo-nos do supérfluo
 E em Tua presença veste-nos de santidade

*Tis scarcely true that souls come naked down
 To take abode up in this earthly town,
 Or naked pass, of all they wear denied.
 We enter slipshod and with clothes a wry,*

*And we take with us much that by-and-by
 May prove no easy task to put aside.
 Cleanse, therefore, that which round about us cling,
 We pray Thee, Master, ere Thy sacred halls
 We enter. Strip us of redundant things
 And meetly cloth us in pontificals.*
 (Estranhas Moradas de Sonho, por A. E. Waite)

Nas escolas dos Mistérios, quando os aspirantes a uma vida mais alta eram estimulados a abandonarem o mundo exterior e ingressar nos templos ou santuários da iniciação, se assinalavam prolongados períodos de tempo para alcançar praticamente o que é brevemente resumido no nosso Primeiro Grau. Diz-se que sete anos ou mais eram o período habitual, ainda que menos bastariam em certos casos meritórios. Se exigiam as mais severas provas de disciplina, pureza e equilíbrio antes que ao neófito lhe fosse permitido avançar, e se preserva em nosso trabalho uma reminiscência destas provas nos exames realizados pelos dois vigilantes, que submetem o candidato a uma prova de habilidade meramente formal. Não é possível hoje em dia, como não era nos tempos antigos, que um homem alcance os mais altos graus da perfeição moral e consciência espiritual, propósito e fim de todas as escolas de mistérios e ordens secretas, sem purificação e julgamento. Pureza imaculada de corpo e mente eram requisitos essenciais para alcançar o grande momento final. "Quem - pergunta o salmista (e recorda-te de que os Salmos eram os hinos sagrados empregados nos antigos mistérios) - "Quem ascenderá à colina do Senhor, e subirá ao seu santo lugar? Apenas aqueles cujas mãos estejam limpas e tenha um coração puro". E aqui está a origem de portarmos luvas brancas e aventais como emblemas de haver purificado nossos corações e lavado nossas mãos em inocência, e por isso nosso santo patrono João ensina: "Aquele que colocou sua fé Nele se purificou, pois Ele (ou seja, o Mestre ao qual se busca)

é puro". Pois aquele que não é puro de corpo e alma e aquele que é escravo de suas paixões e desejos, ou das amarras dos interesses materiais deste mundo, resulta, por causa de sua impureza, indigno de continuar avançando. Nada impuro ou que macule o homem (nos é ensinado) pode entrar no Reino. Por isso é perguntado aos nossos candidatos se portam "dinheiro ou metais", pois sendo assim, esses candidatos estão sujeitos a atrações físicas e corrupção mental, e sua iniciação real à elevada esfera representada por nossa Iniciação deve ser diferida e postergada até que o candidato esteja purificado e apto para sua passagem.

Após a purificação chega-se a contemplação e a iluminação, que constituem o núcleo do Segundo Grau. No passado, o candidato aos mistérios, após prolongada disciplina e purificação que qualificava sua mente para adquirir completo controle sobre suas paixões e sobre sua mais baixa natureza física, havia avançado, como se pode avançar hoje em dia, no estudo de suas faculdades mais interiores para compreender a ciência da alma humana e desenvolver estas faculdades desde seu estado elementar, até tomar consciência de que se conectam e tem seu fim na própria Divindade. Os segredos de sua natureza mental e os princípios da vida intelectual se tornam gradualmente cognoscíveis para sua percepção nesta etapa. Consequentemente, irmãos, compreenderás que o grau de Companheiro Maçom, com frequência considerado como pouco interessante, tipifica em realidade um longo processo de desenvolvimento pessoal que requer o mais profundo conhecimento da faceta mental e psíquica de nossa natureza. Implica não unicamente na limpeza e controle da mente, mas também numa completa compreensão de nossa constituição interna, dos mistérios mais escondidos de nossa natureza e psicologia espiritual. Neste grau é chamada nossa atenção sobre o feito de que o Maçom é capaz de descobrir o símbolo sagrado, colocado no centro da loja e que alude ao Grande Geômetra do

Universo. Sem dúvida nos temos perguntado frequentemente em que esta frase e este símbolo implicam. Não necessito repetir que a loja aludida não é o edifício no qual nos encontramos, mas que é nosso próprio Eu, e que o sagrado símbolo no centro do teto e do solo deste templo exterior é simbólico do que existe no centro de nós mesmos e que foi expresso pelo Mestre Cristão quando proclamou que "O Reino de Deus está em teu interior"; que nas profundidades de nosso próprio ser, oculto sob pesados véus de nossa natureza sensual e mais baixa, reside aí o princípio vital e imortal, ao que nos referimos como Grande Geômetra porque não é outra coisa senão a mesma fagulha do próprio Deus imanente em nós. Sobre os antigos templos de mistérios encontra-se escrita a frase "*Homem, conhece-te a ti mesmo, e conhecerás o Universo e a Deus*". Feliz é o maçom que se tenha purificado e desenvolvido sua natureza ao ponto de compreender em sua plenitude o significado do *símbolo sagrado* do Segundo Grau, e tenha encontrado Deus presente, não no exterior, mas dentro dele mesmo. Mas a fim de encontrar *os perfeitos pontos de entrada* a este segredo (e nos é dito em outra parte que "reto é o caminho e estreita é a porta, e poucos os que a encontram"), volta-se a colocar ênfase em nosso ensinamento sobre a necessidade de uma absoluta retidão moral, de absoluta exatidão de pensamento, palavra e ação, exemplificados pela rígida observância dos princípios simbólicos do esquadro, do nível e do prumo.

Aqui novamente o simbolismo do nosso trabalho se mostra extremamente profundo e interessante. Aquele que deseja elevar-se às alturas de seu próprio ser deve primeiro esmagar e crucificar sua própria natureza inferior e inclinações; deve percorrer pelo piso (pavimento mosaico), o que em outra parte é descrito como o caminho da Cruz; e a Cruz é indicada pela junção das ferramentas de trabalho (que unidas formam uma cruz); e este "caminho" está implícito na escrupulosa tarefa de todos que

conhecem o significado dessas ferramentas de trabalho. Aperfeiçoando sua conduta por meio da luta contra suas próprias inclinações naturais, o candidato está trabalhando a pedra bruta de sua própria natureza e transformando-a em pedra cúbica, e eu os pediria para observar também que o próprio cubo contém um segredo em si mesmo, pois desmontado desenvolve a forma da cruz.

O desenvolvimento interno que o Segundo Grau simboliza é representado pela baixada da abeta triangular do avental sobre a posição retangular inferior. Isto é equivalente ao ritual de Confirmação (Crisma) nas Igrejas Cristãs. Denota "o progresso feito na ciência" ou, em outras palavras, indica que a natureza superior do homem, simbolizada pela trindade do espírito, desceu ao interior e está agora permeando sua natureza inferior. Até agora, em seu estado de ignorância e cegueira moral, a parte espiritual de sua natureza tem, por assim dizer, pairado sobre ele, não tendo consciência de sua presença. Mas agora, ao haver percebido a sua existência, a iluminação do alto lhe visitou, e a sua parte mais nobre desceu até sua natureza inferior, iluminando-a e enriquecendo-a.

O homem que se volta a si mesmo desta maneira, rapidamente se torna consciente das dificuldades de sua tarefa, sendo mais sensível aos obstáculos que a vida do mundo exterior coloca no caminho da vida espiritual. É-lhe ensinado a resistir com fortaleza e prudência, e a tirar o melhor de si mesmo com "fervor e zelo". Por meio do autoconhecimento, ou seja, entrando nessa câmara de reflexão que, como uma escada em caracol, conduz ao interior do *Sancta Sanctorum* de seu interior, dá-se conta de que as dificuldades e obstáculos colocados em seu caminho são empregados pela Sabedoria Eterna como meios necessários para desenvolver o seu bem latente e potencial, e que da mesma forma com que a pedra bruta só pode ser polida a base de lapidação e

polimento, ele somente pode aperfeiçoar-se através do trabalho e do sofrimento. Compreende que a dificuldade, a adversidade e a perseguição servem a um propósito benéfico. Nisto consiste seu "salário", e ele aprende que deve aceitá-lo "sem dúvidas e sem reticências, sabendo que é justamente o que lhe corresponde, e confiando na integridade" desse empregador que lhe enviou a este mundo longínquo para preparar os materiais para construir o templo da Cidade Celestial. E assim, como o peculiar sinal desse grau sugere, se atreve a desnudar e examinar seu coração, extirpando qualquer impureza dele e permanecendo, como Josué, orando para que a luz do dia se estenda sobre ele até que haja cumprida a missão de derrubar seus inimigos internos e todo obstáculo que impeça seu completo desenvolvimento.

O aspirante que alcança a aptidão no trabalho de aperfeiçoamento pessoal, a que alude o grau de Companheiro, abandonou o lado Norte da loja, o lado da escuridão e da imperfeição, e agora se situa no Sudeste, na luz do meio-dia e da iluminação moral (na medida em que o homem natural pode possuí-la), mas permanece ainda distanciado dessa completa realização de si mesmo e dos mistérios de sua própria natureza que somente pode ser alcançada pelo adepto espiritual ou Mestre Maçom. Antes que o sucesso seja alcançado lhe resta "essa última e maior prova" pela qual apenas ele pode ascender ao grande repouso e tornar-se familiarizado com as supremas realidades da existência. Nos lugares onde os grandes Mistérios sempre foram ensinados, o qual é representado ritualisticamente em nosso Terceiro Grau, não era uma mera representação simbólica tal e como fazemos hoje, e sim uma experiência real, vital e sumamente severa para a personalidade, cuja natureza dificilmente pode ser inteligível e crível para aqueles não familiarizados com a matéria. Por isso não farei mais que uma mera menção sobre isso, chamando a atenção unicamente para o fato de que o mesmo não implica na

morte física, mas trata-se tão somente de uma experiência simbólica. Acompanhando de perto a cerimônia de elevação ao Terceiro Grau, ainda que se faça uma referência específica à morte do corpo, isso não impede que tal morte se entenda como meramente simbólica ou como outro tipo de morte, pois o candidato é finalmente retornado a suas primitivas circunstâncias mundanas e a suas comodidades materiais, e não se pretende que sua experiência maçônica terrena chegue a seu ponto final neste momento. Tudo o que se sucede na cerimônia do Terceiro Grau é que o candidato passa simbolicamente através de uma grande e importante mudança: o renascimento, ou regeneração da totalidade de sua natureza. Ele foi entregue à terra num “corpo corruptível”, e graças à virtude e à autodisciplina, foi erguido da terra num “corpo incorruptível”, com a morte negada e a vitória obtida sobre si mesmo. Em algumas ocasiões temo que a exibição demasiadamente ostensiva de emblemas e parafernália mortuária em nossas lojas possa criar a falsa impressão de que a morte à que o Terceiro Grau alude é unicamente a morte física que nos aguarda a todos os homens, quando na realidade se pretende transmitir um simbolismo muito mais profundo. O maçom que conhece o Arco Real sabe que a morte do corpo é unicamente uma transição natural da qual não se deve sentir temor algum; também sabe que quando a morte chegar, no seu devido tempo, essa transição será um bem-vindo alívio e um desatar-se das ligações deste mundo, de seu invólucro mortal e das cargas diárias que implica na existência neste inferior plano de vida. Tudo o que se teme é que quando esse momento chegar, ele não possa estar livre das “manchas de falsidade e desonra”, essas imperfeições de sua própria natureza que podem atrasar seu progresso posterior. Não, a morte aludida pela maçonaria, que emprega a analogia da morte corporal sob o véu de uma referência a ela, é essa “morte em vida do eu mais desprezível do homem” à que São Paulo se referia quando afirmava “Eu morro diariamente”. É sobre a tumba, não do próprio corpo,

mas do eu inferior, que o aspirante há de caminhar antes de alcançar as Alturas. O que se quer dizer é que o completo auto-sacrifício e a própria crucificação, como todas as religiões ensinam, são essenciais antes que a alma possa ser levada à glória "de uma morte figurada a uma reunião com os companheiros dos antigos trabalhos" tanto aqui como no mundo invisível. O cubo perfeito deve passar pela metamorfose da Cruz. A alma deve atravessar de forma voluntária e consciente um estado de completo desamparo da qual nenhuma mão terrena possa resgatá-la, e ante a tentativa de levantá-la por meio de qualquer mão humana que deseje socorrer-la, a alma resvalará. Até que finalmente a Ajuda Divina, descendo do Trono do Altíssimo e com a garra do leão do "poder todo poderoso", levante a alma fiel e regenerada para uni-la com ela própria em um abraço de reconciliação e expiação.

Em todas as escolas de mistérios, assim como em todas as grandes religiões do mundo, a conquista do fim espiritual que acabamos de descrever é ensinado através do véu de um episódio trágico semelhante ao do nosso Terceiro Grau; e em todos figura um Mestre cuja morte deve imitar o aspirante em sua própria pessoa. Na Maçonaria esse protótipo é Hiram Abiff, mas deve-se deixar claro que não existe base histórica alguma para a ficção legendária da morte de Hiram. Toda a história é simbólica e foi inventada com o propósito de servir ao nosso ensinamento. Se a examinares minuciosamente apreciarás que óbvias são as similaridades entre esta história e a narração da morte do Mestre Cristão que aparece nos Evangelhos. Não é preciso dizer que o maçom que compreende o significado desta última compreenderá a primeira e a alusão velada que implica. Em um caso o Mestre é crucificado entre dois ladrões; no outro é levado à morte entre dois vilões. Em um aparecem o ladrão penitente e o impenitente; no outro temos os conspiradores que confessam voluntariamente sua culpa e são perdoados, e os demais foram encontrados e

condenados à morte. Os ensinamentos morais e espirituais de ambas histórias se correspondem. Assim como a cada cristão lhe é ensinado que deve imitar a vida e morte de Jesus Cristo em sua própria vida, igualmente cada maçom “deve imitar a um dos mais brilhantes personagens de nossos anais”. Considerando-se que os anais da Maçonaria estão contidos no Volume da Lei Sagrada e em nenhuma outra parte, é fácil ver a que personagem se alude. Tal e como ensinou a grande autoridade e iniciado nos Mistérios, São Paulo, somente podemos alcançar a ressurreição do Mestre “sendo feito conforme a Sua morte”, e devemos “morrer com Ele se queremos ser levados com Ele”, e é graças a esta conformidade, de sermos feitos individualmente para imitar o Grande Mestre em Sua morte, que somos merecedores de certos “pontos de companheirismo” com Ele, pois os “Cinco Pontos de Companheirismo” do Terceiro Grau são as cinco feridas de Cristo. Os três anos de ministério do Mestre Cristão finalizaram com Sua morte, e a estes três anos referem os três graus da Maçonaria que também concluem na morte mística do candidato e seu conseqüente levantamento ou ressurreição.

O nome Hiram Abiff significa em hebraico “O Mestre (Guru, ou Iluminado) do Pai”, fato que pode ajudar-nos a reconhecer o propósito oculto do ensinamento. Sob o nome Hiram, e sob o véu da alegoria, vemos uma alusão a outro Mestre; e é a este Mestre, a este Venerável Irmão, a que se alude em nossas preleções, cujo “caráter preservamos, esteja ausente ou presente”, ou seja, esteja Ele presente em nossas mentes ou não, e em relação a quem “adotamos o princípio excelente, o Silêncio”, salvo se em algum momento e lugar houver entre nós algum irmão de fé não cristã, e que para ele a menção ao nome do Mestre Cristão possa revelar eventualmente um sentimento de ofensa ou provocar discórdia.

Para ilustrar o avanço conquistado pelo candidato neste estágio de desenvolvimento, o avental aqui assume um maior grau de conteúdo. O avental está arrematado nas bordas com fita de cor azul claro e umas rosetas igualmente azuis, indicando que agora uma luz mais sublime que a natural filtra seu ser e irradia desde sua pessoa, e que a estéril rudeza do homem natural está agora florescendo como a rosa, nas flores e graças correspondentes à sua natureza regenerada. Igualmente em cada lado do avental há duas colunas de luz descendo de cima e que se adentram nas profundezas de todo seu ser, finalizando nas sete borlas que simbolizam as sete cores em que se decompõe o espectro da Luz sobrenatural. O maçom é agora senhor de si mesmo, é o verdadeiro maçom, capaz de governar essa loja que há em seu interior.

Uma vez que tenha passado pelos três graus de purificação e aperfeiçoamento, e haja esquadrado, nivelado e harmonizado a tríplice natureza do corpo, alma e espírito, ele também porta, ao haver alcançado a Maestria, o tríplice Tau, que compreende em si mesmo a forma de um nível, mas que também é a forma hebraica da Cruz, correspondendo as três cruces do avental com as três cruces do Calvário.

Para resumir a importância do ensinamento dos Três Graus, se faz claro, por tudo comentado anteriormente, que grau a grau o candidato é conduzido de uma vida velha a outra inteiramente nova e de qualidades muito diferentes. Começa sua carreira maçônica como o homem natural, e através da disciplina e do trabalho se converte em um homem perfeito e regenerado. Para conseguir esta transmutação, ou seja, esta metamorfose de si mesmo, ao maçom é ensinado primeiro a purificar e submeter sua natureza sensitiva, e depois a purificar e desenvolver sua natureza mental, e finalmente, após a derrota total de sua antiga vida e da perda de sua alma para salvá-la, se levanta dentre os mortos como um Mestre,

um homem que acaba de alcançar a perfeição, com mais ampla consciência e faculdades, e que é um eficiente instrumento a serviço do Grande Arquiteto do Universo em Seu plano de reconstruir o Templo da humanidade caída, assim como é capaz de iniciar e levar a outros homens à participarem neste grande trabalho.

Esta realização, a evolução do homem em um super-homem, foi sempre o propósito dos Antigos Mistérios. O verdadeiro propósito da moderna Maçonaria não é sua função social nem de caridade, à que tanta atenção se presta, mas o de acelerar a evolução espiritual daqueles que aspiram aperfeiçoar sua própria natureza e outorgar-lhe uma qualidade divina. É uma ciência definida, uma Arte Real que é possível colocarmos em prática. Entrar e tomar parte da maçonaria por qualquer outro propósito que não seja o de estudar e praticar esta ciência, é mal interpretar seu significado. Por isso ninguém deveria aspirar entrar na Maçonaria a não ser que do mais profundo de seu interior nasça a ânsia de buscar a Luz para o problema de sua própria natureza.

Todos somos seres imperfeitos, conscientes, em nossos melhores momentos, de que nos falta algo que poderia converter-nos no que desejaríamos ser. O que é isto que nos falta? “Que é aquilo que está perdido?” A resposta é “os genuínos segredos do Mestre Maçom, o verdadeiro conhecimento de nós mesmos, a realização consciente de nossas potencialidades divinas”.

A verdadeira essência da doutrina maçônica é que todos os homens deste mundo se encontram na busca de algo em sua própria natureza que se perdeu, mas que com a apropriada instrução e seu próprio trabalho e paciência podem aspirar encontrar.

Sua filosofia implica que este mundo temporal está nas antípodas do outro, mais real, de onde viemos originalmente e ao

que podemos acelerar nosso regresso por meio desse método de autoconhecimento e autodisciplina que o ensinamento maçônico apregoa. Implica que este mundo atual é o lugar de onde as pedras simbólicas e a madeira são preparadas “tão longe” dessa Jerusalém mística onde um dia se acharão todos juntos e, de forma coletiva, elevarão este Templo que é construído sem mãos e sem ruído ou ajuda de ferramentas de metal.

E este mundo, que não é mais que um trânsito temporal para nós, é necessariamente uma das sombras, imagens e “segredos substitutos”. Até que chegue o tempo de ser elevado, não simbolicamente mas realmente em pessoa, conhecimento e consciência ao sublime grau de Mestre Maçom, nos preparamos para aprender algo dos “genuínos segredos”, algo das realidades vivas que jazem escondidas atrás do aspecto externo das coisas. Toda vida humana, havendo-se originado no místico “Oriente”, e havendo descido a este mundo que é o “Ocidente”, deve voltar de novo à sua fonte e origem. Citando novamente o poema do Irmão Waite:

“De Oriente a Ocidente faz a alma sua viagem;
Em muitas fontes amargas apaga sua febre;
Se detém em estranhas tabernas, caminho do banquete,
Retoma sua carga e faz progressos dolorosos
De volta ao Oriente”

*"From East to West the soul her journey takes;
At many bitter founts her fever slakes;
Halts at strange taverns by the way to feast,
Resumes her load, and painful progress makes
Back to the East."*

A maçonaria, por meio de uma série de representações dramáticas, pretende servir a aqueles que tentam descobrir seu

significado e que tiram proveito das pistas proporcionadas de forma alegórica, que dão exemplo e instruções de que nosso retorno ao “Oriente” pode ser acelerado. Não faz referência a nenhuma arquitetura mundana, senão à arquitetura da vida da alma. Não é em si uma religião, mas uma apresentação dos processos religiosos, dramatizados e intensificados, que são apregoados por todos os sistemas religiosos do mundo. Não há religião que não ensine a necessidade da purificação corporal de nosso Primeiro Grau; nem que não compartilhe o ensinamento do Segundo Grau, de que o desenvolvimento mental, moral e espiritual são essenciais e que conduzem ao descobrimento de um certo “centro secreto”, onde “a verdade habita em sua plenitude”, e que esse “centro é um ponto dentro de um círculo” de nossa própria natureza, no qual nenhum homem ou maçom pode errar, pois é o reino divino latente em nosso interior, onde ainda não conseguimos penetrar. Nenhuma religião abre mão de insistir na lição suprema de auto-sacrifício e morte mística às coisas mundanas, tão alegoricamente representado em nosso Terceiro Grau. Nenhuma religião ensina algo contrário a que, ainda na hora da maior escuridão, a luz da centelha divina primordial nunca se extingue por completo, e que sendo leais a essa luz, com paciência e perseverando, o tempo e as circunstâncias nos encaminharão aos “genuínos segredos”, as últimas verdades e realidades de nossa própria natureza. A Maçonaria nos ensina que estamos aqui como se estivéssemos em cativeiro, junto às águas da Babilônia e em um país estranho; e nossa doutrina nos diz verdadeiramente que as mais ricas harmonias desta vida não são nada quando comparadas com os cânticos de Sião; e que, quando estivermos instalados nas altas dignidades que o mundo ou a Ordem podem oferecer, mais valeria esquecer toda maldade e luxúria dos tesouros ilusórios desta realidade transitória, e ter presente em nossos atos a Jerusalém celestial que se acha por detrás deles.

Nossos ensinamentos estão intencionalmente velados em alegorias e símbolos, e seu significado mais profundo não aflora à superfície do ritual. Isso corresponde parcialmente com a vida humana e o mundo em que vivemos, que são unicamente alegoria e símbolo de outra vida e o véu de outro mundo. Se correspondem apenas parcialmente, de forma que apenas aqueles de mentes respeitadas e compreensivas podem penetrar nos mais escondidos significados da Ordem. Os mais profundos segredos da Maçonaria, como os mais profundos segredos da Vida, estão pesadamente velados e cuidadosamente escondidos. Acham-se ocultos sob uma grande reserva; mas aquele que conhece algo dos mesmos também sabe que são “muitos e valiosos”, e que são revelados unicamente a aqueles que atuam sob a orientação dada em nossas preleções. “Buscai e encontrarás, pedi e recebereis, batei e abrir-se-vos-á”. A busca pode ser longa e difícil, e as grandes coisas não se alcançam sem esforço e pesquisa; mas pode-se afirmar que para o candidato que está “apropriadamente preparado” (em um sentido muito mais amplo que se convencionou atribuir a essa expressão) há portas que levam à Maçonaria e que, quando são batidas, se abrem e lhe dão passagem a lugares e conhecimento que em sua vida profana não concebe. Para aquele que vai enfrentar as mais elevadas iniciações, se aplica igualmente a mesma regra representada simbolicamente em sua primeira entrada na Ordem, mas desta vez já não se tratará de um símbolo, mas de uma realidade. Encontrará uma espada sempre ameaçadora em frente dele, e que um laço rodeia seu pescoço. O perigo, desde logo, aguarda ao candidato que se lança de forma precipitada, e em estado de imperfeição moral, em direção aos mais profundos mistérios de seu ser, que são sérios, solenes e terríveis. Mas, por outro lado, para aquele que já encontrou o caminho da luz seria um suicídio voltar atrás.

E agora, Irmãos, para pôr fim neste breve e imperfeito resumo dos mais profundos significados e propósitos de nossa Ordem,

suplico a Deus que tudo o que foi dito possa ajudar a alguns de vocês a encontrar o retorno a essa luz que é, em todo tempo, o desejo predominante de nossos corações. Depende de nós, que vivamos a Maçonaria apenas no seu lado externo e superficial e com uma série de rituais simbólicos, ou que permitamos que esses símbolos adentrem em nossas vidas e materializem-se nelas. Sejam quais forem as formalidades que tenhamos atravessados em nossa admissão à Ordem, não podemos afirmar que fomos “regularmente iniciados” à Maçonaria enquanto contemplamos a Ordem meramente como uma questão de vida social e entendamos suas cerimônias como rituais de natureza arcaica e mecânica.

A Maçonaria, como já comentei, surgiu a partir de fontes ainda mais secretas, como um grande experimento e meio de graça, e como uma grande oportunidade para aqueles que tiveram o interesse de se beneficiar do que é pouco conhecido, e menos ensinado fora de certos santuários de segredos. Se pretendia que a maçonaria fornecesse uma sinopse ou síntese, de forma dramatizada, da regeneração espiritual do homem, e que servisse para dar sugestões e indicações que pudessem levar aqueles capazes de discernir seus propósitos mais profundos e simbólicos, a iniciações mais profundas do que aquelas conduzidas superficialmente em nossas lojas. Se no lado externo da maçonaria podemos ser chamados a ocupar cargos de honra e ofícios na Grande Loja ou Grande Oriente, ou podemos ingressar em corpos colaterais (ou de altos graus) da Maçonaria, igualmente no aspecto interno há eminências às quais podemos ser chamados, mas que não nos oferecem distinção social nem qualquer benefício evidente, e, no entanto, são os verdadeiros iniciados, os que tem alcançado os mais valiosos conhecimentos. A este fim pode aspirar todos os que buscam sinceramente e se preparam, discernindo as verdades depositadas sob manto da alegoria superficial e dos véus simbólicos do ensinamento maçônico. Considerando que parece

haver hoje em dia um verdadeiro e amplo desejo por parte de muitos membros da Ordem de adentrar na mais completa compreensão do que está oculto, mas que revela, creio que faltaria com meu dever de Mestre Maçom se não aproveitasse esta posição para compartilhar com eles pelo menos uma parte do que tenho sido capaz de coletar para mim.

Finalmente devo recordar que, conforme o desenho geral de nosso sistema, cada Mestre de Loja não é mais que um símbolo e uma substituição, e que por detrás dele, e atrás de todos os demais grandes oficiais da hierarquia maçônica, acha-se o “Grande Iniciador” e Grande Mestre de todos os verdadeiros maçons do Universo, sejam membros da Ordem ou não, ante quem nos inclinamos em sinal de gratidão pelos incalculáveis dons que nos tem outorgado em nossa Ordem, e para cuja proteção e orientação iluminadora em seus mistérios mais profundos, eu recomendo a todos.

Capítulo II

A MAÇONARIA COMO FILOSOFIA

Tudo parece indicar que uma maior consciência maçônica está se despertando na Ordem. Seus membros são cada vez mais conscientes, em todos os lugares, de que sob a superfície dos sinais maçônicos pode-se encontrar muito mais do que os olhos e os ouvidos podem perceber. Estão começando a pensar por si mesmos em lugar de assumir o conteúdo superficial do que vêem e escutam, e conforme seu pensamento se desenvolve, situações que anteriormente passavam incompreendidos ganham protagonismo e significado. Também são conscientes de que o sistema maçônico é algo mais profundo que um código elementar de moralidade, onde se observa se os homens são ou não formalmente maçons. Chega-se à conclusão de que o notável crescimento da Ordem, a duras penas, pode ser justificado pela suposição de que a Maçonaria especulativa perpetua nada mais que as associações privadas que outrora existiam vinculadas à atividade dos maçons operativos. Reconhecem que não há interesse algum nem virtude peculiar em continuar imitando os costumes dos antigos grêmios pelo mero feito de fazê-lo; assim como não é o caso de manter de pé uma custosa organização para ensinar aos homens o simbolismo elementar de umas poucas ferramentas de pedreiro, complementado por uma incremento considerável de convívio social. Basta refletir um pouco para entender que nosso Terceiro Grau, e a grande lenda central que constitui o clímax do sistema maçônico, não pode ter, nem nunca tiveram, origem ou conexão com a atividade dos maçons operativos. Pode-se argumentar que temos nosso sistema benemérito, e que a faceta social de nossas obras constitui um elemento valioso e

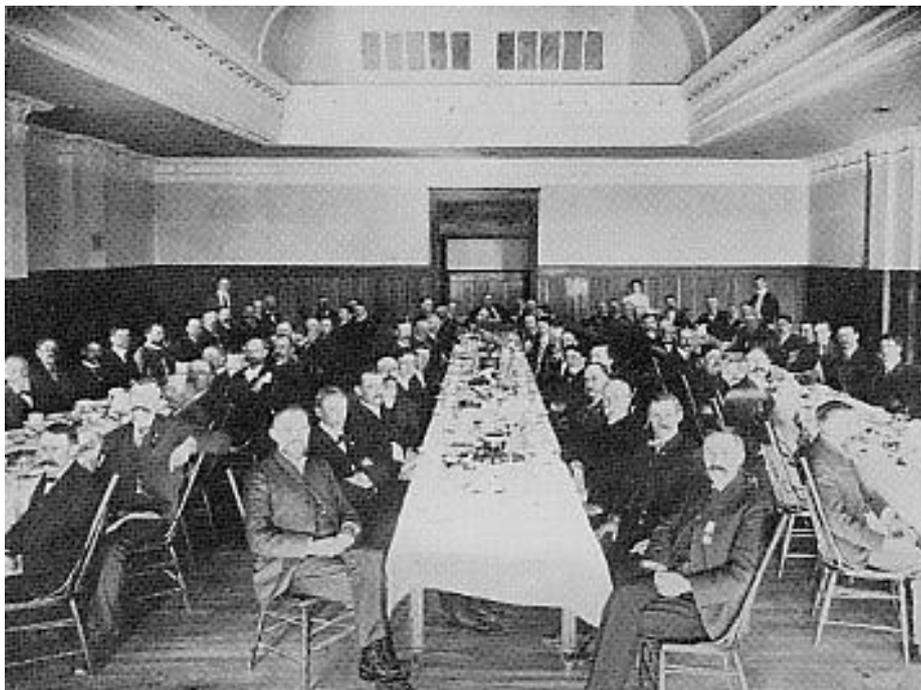
humanizador. Está certo, mas outras associações e grupos têm uma dimensão filantrópica e social igual como a que tem a Maçonaria, e não é necessário ser uma sociedade secreta para promover esses fins, a não ser unicamente como um complemento ao propósito original da Ordem. A leitura desses fatos nos indica que a Maçonaria ainda não assumiu seu verdadeiro legado nem a compreensão de seu próprio sistema, e que aspectos secundários relacionados com a Maçonaria, e que têm adquirido tanto protagonismo, que sem dúvida são valiosos por si mesmos, mas que não são a verdadeira e primária missão da Ordem. A missão da Ordem é iniciar em certos segredos e mistérios, e obviamente se a Ordem fracassa no desenvolvimento de seus próprios segredos e mistérios, fracassa, por conseguinte, na transmissão de verdadeiras iniciações aos candidatos que atravessam as cerimônias formais, não estando, portanto, cumprindo seu propósito original, independentemente de qualquer outro efeito benéfico accidental que poderia estar proporcionando.

Considerando que estes fatos são a base sobre a qual se fundamenta este texto, permita-me que assinale desde logo meu ponto de partida, de que o progresso de cada irmão admitido na Maçonaria é gradual, com base em sucessivos estágios, da mesma maneira que a compreensão da doutrina e sistema maçônicos é igualmente progressivo. Formulado da maneira mais simples possível, o princípio do progresso maçônico consiste em que cada membro admitido na Ordem entra em um estado de escuridão e ignorância quanto ao que a maçonaria ensina, e que posteriormente será supostamente levado à luz e ao conhecimento. Expressando em outras palavras, o candidato entra na Ordem como uma Pedra Bruta e é sua missão desenvolver tanto seu caráter como sua compreensão, de maneira que finalmente, em virtude do que aprendeu e praticou, ele possa ser tão impecável e polido como um “cubo perfeito”.

A compreensão do sistema maçônico tende a se desenvolver com base em uma linha similar. Seu significado não é assimilável todo de uma só vez. A não ser que nossas mentes estejam apropriadamente preparadas, e nossa compreensão cuidadosamente treinada, é improvável que se possa participar dos verdadeiros segredos e mistérios da Maçonaria, por mais que frequentemente contemplemos as encenações ritualísticas e por mais que eficientemente memorizemos os rituais e as preleções de instruções. A primeira etapa, a primeira concepção do que a Maçonaria significa, tem a ver unicamente com o valor superficial da doutrina, com uma familiarização com o lado literal do conhecimento ensinado que todos obtemos ao ingressar na Loja. É de temer que a vasta maioria dos maçons nunca passe desta fase. Esta é a etapa de conhecimento em que a Ordem é contemplada como uma comunidade social, semipública e semisecreta, à qual é agradável pertencer e que proporciona vantagens de cunho social ou de outro tipo, sendo o objetivo do adepto alcançar cargos e encher seu peito de condecorações. O maçom compreende nesta etapa uma perspectiva superficial e literal da doutrina, e privilegia a encenação do trabalho cerimonial, que realiza com dignidade e eficácia, aprendendo de memória o catecismo, de forma que nem uma sílaba seja mal pronunciada, considerando isso o topo da habilidade maçônica. Após realizar estas tarefas com um certo grau de desenvoltura, a ideia é encerrar os trabalhos tão rapidamente quanto seja possível para se poder ir à festividade do jantar.

Pode-se dizer que tudo isso corresponde a uma etapa na qual a Maçonaria é concebida sob o ponto de vista da Pedra Bruta. Claro, não estou me referindo a nenhum irmão em particular. Confesso francamente que eu mesmo me encontrei nesta categoria, e creio que concordamos que todos nós passamos por esta fase que descrevi, pela simples razão de que não conhecíamos nada melhor e não tínhamos ninguém capaz para ensinar-nos. Não nos

lamentemos. Se lançamos um olhar sobre o progresso da Maçonaria durante os últimos 250 anos, não podemos fazer outra coisa a não ser felicitar-nos pelo enorme, se bem que gradual, avanço alcançado no progresso maçônico, mesmo na fase de Pedra Bruta.



Qualquer um familiarizado com os registros das antigas lojas tomará consciência de tempos em que quase todo o elemento de reverência e dignidade parece ter faltado. As sessões eram celebradas em locais públicos e tabernas. Fosse qual fosse a decoração oficial que ornasse estes templos primitivos, os *quart-pots* e *churchwardens*⁶ figuravam abundantemente entre a parafernália não oficial.

Em uma das grandes galerias pictóricas de Londres encontra-se um famoso quadro intitulado “Noite”, pintado pelo grande artista e moralista de sua época, Hogarth. Seu propósito era registrar uma típica cena noturna das ruas de Londres tal e como

⁶ NT: quart-pots – copo de um litro; churchwardens – cachimbo de barro de haste longa (fonte: <http://www.merriam-webster.com/dictionary/>)

eram em seu tempo. Entre as típicas figuras depravadas que perambulam por essas ruas obscuras, o grande artista submeteu ao escárnio intemporal à figura de um maçom que cambaleava bêbado retornando para casa, portando ainda seu avental e sendo ajudado pelo Guarda Externo da loja. Nenhum maçom pode contemplar esta pintura sem experimentar um ardente sentimento de vergonha, sem prometer a si mesmo que redimirá a Ordem deste estigma.

Temos deixado para traz, espero, coisas desta índole. Temos recuperado um certo sentimento de dignidade e amor próprio. A Ordem está bem governada por suas mais altas autoridades, e as lojas individuais se orgulham de possuir templos adequados e de conduzir suas sessões com o devido respeito à solenidade da doutrina maçônica. Que a Ordem nunca degenerere à condição primitiva e caótica da qual emergiu.

Essa melhora em matéria de modos externos, por mais positiva e bem vinda que seja, não é suficiente. Para impedir que a Ordem caia em um estado de auto-satisfação com seus privilégios sociais e a placidez da amizade entre seus membros, e para impedir que seus rituais se convertam em um sistema de conhecimento tão mecânico como cômodo, a melhoria a que tenho me referido deve dar-se (e creio que está destinada a dar-se) por meio de um despertar ao profundo significado dos propósitos internos da Ordem.

Já que fiz referência ao que denominei como “a concepção da pedra bruta” quanto à finalidade da maçonaria, tens agora o direito de perguntar-me qual seria então a mais elevada consideração quanto ao propósito da maçonaria a que se pode contemplar, e que compararíamos com a Pedra Polida. Não me estenderei muito para responder e esta pergunta.



A Noite, de Willian Hogarth (1738). Nesta litografia se mostra um Venerável Mestre voltando para casa bêbado enquanto o Guarda Externo do Templo o guia. O Mestre porta a joia correspondente, e o Guarda Externo mostra todo seu paramento da época: espada, lâmpada e chave. À direita há uma personagem de costas com um esfregão rompido, em referência à prática de então de se traçar os símbolos no solo e depois apaga-los ao final da sessão. As uvas penduradas identificam a taberna onde se reunia a loja nº 4, que era a do próprio Hogarth, autor da gravura.

Convido-os a considerar este texto em sua totalidade como indicação do que deveria ser a resposta. Houve uma vez em que tentei formular uma resposta a essa pergunta, e ainda que naquela

ocasião tivesse entrado nos detalhes e minúcias do sistema maçônico e seus símbolos, agora tratarei o tema em linhas mais gerais, e tomarei em consideração a Maçonaria em seu aspecto mais extenso e filosófico.

Afirmei em uma ocasião – e devo repeti-lo agora – que em sua doutrina mais ampla e vital a Maçonaria é essencialmente um sistema filosófico e religioso expresso sob a forma de um cerimonial dramático. É um sistema concebido para proporcionar respostas às três grandes questões que reclamam inexoravelmente a atenção de todo homem reflexivo: O que sou? De onde vim? Para onde vou? É uma obviedade dizer que em nossos momentos mais tranquilos e sérios todos sentimos a necessidade de alguma resposta confiável a estas perguntas. Obter luz sobre elas é o predominante desejo de nosso coração; e da luz que obtenhamos a respeito dessas perguntas orientará nossa filosofia de vida e a regra de conduta pela qual regeremos nossa vida. Em um sentido mais amplo, supõe-se que o candidato entra para a Ordem buscando luz sobre estas questões, luz que não foi capaz de conseguir exitosamente em outra parte. Se seu desejo de ingressar na Ordem está motivado por qualquer outra razão que não seja o conhecimento em torno desses assuntos, que acima de todos os demais são vitais para sua paz interior, bem como por um sincero desejo de ser, por meio desse conhecimento, prestativo para com seus semelhantes, então sua candidatura não tem nenhum valor. A razão pela qual alguém deveria ser convidado para fazer parte da Ordem é que, no concernente a estes assuntos de importância capital e sagrada, o primeiro impulso e necessidade deve originar-se no interior do próprio postulante; o primeiro lugar de sua preparação deve ser o interior de seu próprio coração, e é ante o apelo e a chamada de sua necessidade interior, e por nenhum outro motivo menor, que – pelo menos na teoria, ainda que raras vezes na prática – deve abrir-se a porta aos Mistérios, para que o postulante penetre em busca da

ajuda que necessita. Em outra etapa de seu progresso simbólico, o candidato aprende que seus irmãos maiores, assim como ele, se acham à busca de algo que está perdido e que têm esperanças de encontrar. É aqui que o grande motivo desta e de todas as buscas, assim como a pista para o verdadeiro propósito da Maçonaria, aparecem com destaque e é expresso em termos categóricos. A Maçonaria consiste na busca de algo que se perdeu.

Mas, o que é que se perdeu? Consideraremos este aspecto: porque nós necessitamos, bem como o mundo em geral, de formas de religião e filosofia? Qual é o motivo e razão para a existência da Ordem maçônica e de tantas outras ordens iniciáticas, tanto no passado como no presente? Que necessidade há de que existam? Poderia reduzir todo este interrogatório em um só ponto, pequeno e pessoal, perguntando: porque você está lendo este texto, e porque foi preciso esforçar-me durante tantos anos para adquirir o conhecimento necessário que me capacitasse escrevê-lo? Não estarias lendo a não ser que, como de fato sucede com todo homem em seus momentos de reflexão, tivesses a sensação de que algum elemento de seu próprio ser se encontra perdido; estás consciente, se for honesto consigo mesmo, do sentimento de imperfeição moral, da ignorância de conhecimento de si mesmo e de seu meio; de não ter, em resumo, consciência de sua constituição, a qual, caso tivesse, satisfaria sua ânsia de informação, de plenitude e perfeição, e o conduziria da “treva à luz” e o posicionaria além do alcance da ignorância de muitas enfermidades da qual a carne é herdeira. A questão é muito óbvia para se insistir nela, e a resposta deve ser encontrada tomando como referência a grande doutrina que forma a base filosófica de todos os sistemas religiosos, assim como todos os grandes sistemas de Mistérios e de Iniciação da antiguidade, e que é popularmente conhecido como a “Queda do Homem”. Seja como for que contemplemos este acontecimento – e através da história da humanidade tem sido ensinada por meio de inúmeras

formas e por todo tipo de parábolas, alegorias, mitos e lendas - seu único e simples significado consiste em que a humanidade em conjunto caiu (ou seja, se afastou) de sua fonte e lugar paterno original; que estando incorporado no centro eterno da vida, o homem foi projetado para o perímetro; e que neste mundo presente o homem passa por um período de restrição, ignorância, disciplina e experiência que o capacitará a retornar ao centro do qual proveio e ao que na realidade pertence. “O Paraíso Perdido” é o verdadeiro tema central da Maçonaria tanto como o foi de Milton⁷, e também o é de todos os antigos sistemas de mistérios. A doutrina maçônica centra e enfatiza o feito e o sentido desta queda. Sob um véu de alegoria que descreve a intenção de construir um certo templo que não pôde ser finalizado devido a um desastre atemporal, a Maçonaria sustenta que a Humanidade é o verdadeiro templo cuja construção foi obstruída, e que nós, que somos tanto os artesãos como o material de construção do que pretende ser uma construção incomparável, estamos, devido a um certo acontecimento desafortunado, habitando neste mundo sob condições em que os segredos genuínos e perfeitos de nossa natureza se encontram, por enquanto, perdidos para nós; mundo onde os completos poderes da alma humana estão malogrados pelas limitações da vida física; e onde, durante nossa aprendizagem de prova e disciplina, devemos conformar-nos com o conhecimento substituto que se deriva de nossos sentidos, falíveis e limitados. No entanto, enquanto a Maçonaria ressalta esta grande verdade, também indica – e esta é sua grande virtude e verdadeiro propósito – o método pelo qual poderemos recuperar o que nos foi perdido. Sustenta a grande promessa de que, por meio da ajuda divina e de nosso próprio

⁷ NT: *Paraíso Perdido* (em inglês: *Paradise Lost*) é uma obra poética do século XVII, escrita por John Milton, originalmente publicada em 1667 em dez cantos. Uma segunda edição foi publicada em 1674 em doze cantos, em memória à *Eneida* de Virgílio com revisões menores ao longo do texto e notas sobre os versos. O poema descreve a história cristã da "queda do homem", através da tentação de Adão e Eva por Lúcifer e a sua expulsão do Jardim do Édem.

trabalho, as genuínas verdades, das quais atualmente possuímos apenas pálidas sombras, nos serão devolvidas, e que a paciência e a perseverança farão cada homem credor do direito de participar delas. Este amplo tema está refletido em miniatura no ritual da Maçonaria simbólica. O Oriente da Loja é o centro simbólico, a fonte de toda luz, o lugar do trono do Mestre de toda vida. O Ocidente, o lugar do sol poente, é o mundo da imperfeição e das trevas onde a divina luz espiritual desapareceu e que apenas brilha quando reflete a luz. As cerimônias pelas quais o candidato atravessa simbolizam os estágios de progresso que todo homem – seja ou não membro formal da Ordem – pode atravessar pelo caminho da purificação e construção de si mesmo, até que resulta morto em sua natureza presente e natural e é elevado sobre seu estado de imperfeição para ser levado de novo à perfeita união com o Senhor da Vida e Glória, a cuja imagem e semelhança foi criado.

É neste amplo sentido, pois, que a Maçonaria pode converter-se – como de fato pretendeu que fosse por aqueles que instituíram nosso atual sistema especulativo – em uma filosofia de trabalho para a qual nos achamos sob sua influência. Provê a necessidade daqueles que estão se perguntando honestamente sobre o propósito e destino da vida humana. Constitui um meio de iniciação ao verdadeiro conhecimento para aqueles que sentem que seu conhecimento e caminho de vida até agora não tem sido senão uma série irregular de passos dados ao acaso, com os olhos vendados, ignorantes inclusive para onde se dirigem.

Não sem razão afirma nosso catecismo que a Maçonaria contém “muitos e incalculáveis segredos”. Mas estes não são, é claro, os sinais formais e simbólicos, toques e palavras comunicadas cerimonialmente aos candidatos; são, isso sim, aqueles segredos que, instintivamente, mantemos encerrados no mais recôndito e seguro de nossos corações; segredos das

profundas e escondidas coisas da alma, das que raras vezes falamos e que, por um instinto natural, não temos o hábito de comunicar a ninguém salvo a alguns de nossos irmãos e amigos que compartilham conosco um interesse comum e empatia nos mais profundos problemas e mistérios da vida.

Eu disse anteriormente que a Maçonaria é uma perpetuação dos grandes sistemas de iniciação, que tem existido para a instrução espiritual dos homens em todas as partes do mundo desde o início dos tempos. A razão para sua existência tem sido óbvia, tendo em conta a verdade cardinal já aludida: que o homem em seu atual estado natural é radicalmente imperfeito; que mais cedo ou mais tarde toma consciência de um sentido de perda e privação, e sente uma necessidade imperiosa de aprender como reparar essa perda.

Está além de minha atual intenção descrever qualquer desses grandes sistemas ou métodos de iniciação então empregados. Mas, com respeito a eles, rogarei que aceiteis meu ensinamento em dois pontos:

(1) Em primeiro lugar, ainda que essas grandes escolas de mistérios há tempo tenham desaparecido da mente humana, elas, ou a doutrina que ensinavam, nunca deixaram de existir; a inimizade das igrejas oficiais e as tendências de uma época comercial e materialista levou a se refugiarem em um extremo segredo e sigilo, mas seus iniciados nunca estiveram ausentes do mundo;

(2) Em segundo lugar, que se deve à atividade e visão desses iniciados adiantados a existência de nosso atual sistema de Maçonaria especulativa. Não deveis deduzir disso que a Maçonaria moderna é, sob nenhum conceito, uma completa e adequada apresentação desses antigos sistemas. Mas o que são, e até onde chegam, nossas doutrinas e rituais são um autêntico compêndio de uma doutrina secreta e um

processo secreto que sempre existiu para a ilustração de aspirantes tais que, colocando sua confiança em Deus (como nossos atuais candidatos devem dizer), são chamados à porta de certos santuários secretos na confiança de que esta porta se abriria e de que encontrariam, na forma adequada, o que estavam buscando. Os irmãos que instituíram a moderna Maçonaria especulativa há uns 300 anos utilizaram certos materiais que se achavam à mão. Quer dizer, tomaram dos rituais elementares e os símbolos pertencentes aos grêmios de maçons operativos medievais, e os transformaram em um sistema de doutrina religioso-filosófico. Daí em diante, por estar relacionada aos canteiros e à construção, a intenção da Maçonaria passou a ser simplesmente a mais nobre ciência da construção da alma; e, salvo para manter evidentes analogias com a arte prática do maçom operativo, daí em diante a Maçonaria passou a se dedicar a propósitos que são de natureza totalmente espiritual, filosófica e religiosa.

Talvez a principal evidência da transformação assim efetuada seja a incorporação da lenda central e tradicional história compreendida em nosso Terceiro Grau. Obviamente esta lenda não pode ter relação, nem reflexo, com a atividade dos construtores operativos. Nenhum templo ou outro edifício capaz de ser construído com as mãos, ficou inconcluso pela morte de algum arquiteto profissional, que é o que popularmente se supõe que tenha ocorrido com Hiram Abiff. Os princípios da arquitetura, os genuínos segredos do negócio da construção, não estão e nunca estiveram perdidos; são especialmente bem conhecidos, e constitui um absurdo evidente supor que pedreiros de qualquer classe estejam esperando o momento ou as circunstâncias para restaurar qualquer conhecimento perdido referente a como os edifícios mundanos deveriam ser levantados. Sabemos como erigir edifícios hoje em dia tão bem como nossos predecessores hebreus que

construíram o Templo de Jerusalém, sendo que um arquiteto de renome deixou claro que a maioria de nossas igrejas de Londres são, tanto em dimensões como em ornamentação, muito maiores e mais esplêndidas do que foi aquele templo. Nosso dever é, pois, buscar além da história literal, rasgar o véu da alegoria contida na grande lenda e assimilar o significado de seu verdadeiro propósito.



A Queda do Homem, de Alberto Durero (1504)

O que foi perdido será encontrado, segundo nos é ensinado, no Centro. Mas se perguntarmos o que é o Centro, o maçom mediano não nos dará mais que a resposta oficial, enigmática e não muito luminosa de que é um ponto dentro de um círculo do qual qualquer parte da circunferência é equidistante. Mas, que círculo? que circunferência? Pois não há coisas tais como centros ou círculos nos edificios ordinários de arquitetura. Aqui o maçom mediano fica completamente perdido e incapaz de dar uma explicação. Pressionando-lhe um pouco mais: Porque no Centro? e de novo dará unicamente a vaga e surpreendente resposta: “Porque

esse é o ponto em que o Mestre Maçom não pode errar”, com o que não esclarecerá nada.

Irmãos, é precisamente essa incerteza, esses enigmas intencionados, essa linguagem obscura, que deve colocar-nos no rastro de algo mais profundo do que as próprias palavras implicam, e se fracassarmos ao buscar a intenção do que está velado por detrás da letra dos rituais, pouco poderemos pretender compreender de nossa própria doutrina; apenas poderemos dizer que fomos regularmente iniciados, passados e elevados⁸ no sentido pleno dessas expressões, sem importar as cerimônias pelas que tenhamos formalmente participado. “A letra mata, o espírito dá vida”. Perguntemo-nos qual é o espírito desta linguagem enigmática.

O método de todas as grandes religiões e sistemas iniciáticos tem sido ensinar sua doutrina sob a forma de mito, lenda ou alegoria. Como afirma nossa primeira Preleção da Tábua de Delinear, os filósofos, relutantes em mostrar seus mistérios a olhos vulgares, esconderam crenças e princípios filosóficos sob figuras hieroglíficas. Portanto as mentes literalistas nunca verão além da letra da alegoria. O verdadeiro iniciado discerne o valor espiritual da alegoria. De fato, parte do propósito de toda iniciação era, e ainda é, educar a mente para penetrar o invólucro exterior de todo ensinamento, e o valor da iniciação depende da maneira com que as verdades internas fluem em direção ao nosso pensamento e nossa vida e de como despertem em nós potencialidades de nossa consciência até agora adormecidas.

A lenda do Terceiro Grau, sobre a qual repousa a essência da doutrina maçônica, foi introduzida em nosso sistema por mentes avançadas cujo conhecimento obtiveram de outras fontes. A lenda

⁸ NT: na linha inglesa (Rito de York no Brasi), “passar” e “elevar” correspondem respectivamente a “elevar” e “exaltar” conforme entendido na maçonaria dos demais Ritos. A “exaltação” é feita ao Arco Real.

é uma adaptação de outra muito antiga que adotou várias formas antes de sua associação com a moderna maçonaria. Sob a aparência de um relato sobre a construção de um Templo por parte do Rei Salomão em Jerusalém, se promulgou a verdade antes mencionada e que se conhece geralmente como a “Queda do Homem”. Tal e como mostra nossa lenda em sua parte literal, era o propósito de um grande rei erigir uma soberba estrutura. Foi auxiliado nessa tarefa por outro rei que proporcionou os materiais de construção, e por um habilidoso arquiteto cuja missão era comandar a obra com base em um plano determinado, e por grandes companhias de pedreiros e obreiros. Mas, no curso do trabalho se engendrou uma malvada conspiração que resultou na morte do arquiteto chefe e impediu a culminação do edifício, que desde então, e até nossos dias, permanece inconcluso.

Agora lhes pedirei que observeis que esta lenda não pode referir-se a qualquer edifício histórico construído na velha metrópole da Palestina. Se tomarmos como referência a Bíblia encontraremos que o Templo foi concluído; foi posteriormente destruído, reconstruído e destruído de novo em mais de uma ocasião. Mais ainda, os textos bíblicos não fazem referência de forma alguma nem da conspiração nem da morte de Hiram. Por outra parte se afirma que Hiram “terminou o edifício” do Templo; que foi concluído e completado em todos seus aspectos. É evidente que devemos manter os dois elementos totalmente separados em nossas mentes, e reconhecer que a história maçônica trata com uma realidade bastante distinta da história bíblica. Então, a que templo se refere? Ao templo, meus Irmãos, que ainda está incompleto e inacabado, e que não é um que se possa construir com as mãos. É o templo do corpo coletivo da própria humanidade, do qual o grande iniciado São Paulo disse “Acaso não sabeis que sois o Templo de Deus?”. Uma humanidade perfeita era o Grande Templo que, seguindo a vontade do Altíssimo, devia levantar-se na

mística Cidade Santa, representada por Jerusalém. Os três grandes mestres construtores, Salomão e os dois Hirans, constituíam uma tríada à maneira da Santíssima Trindade da religião cristã, sendo Hiram Abiff o arquiteto chefe, aquele “por quem todas as coisas foram feitas” e “em quem – como disse São Paulo, empregando linguagem maçônica – todo edifício bem ajustado vai crescendo para ser um templo santo no Senhor”. O material deste templo místico era as almas dos homens, que eram ao mesmo tempo pedras vivas, assim como obreiros e colaboradores com o divino propósito. Mas, durante a construção desse templo ideal, algo ocorreu que arruinou a obra e postergou sua finalização indefinidamente. Isto foi a Queda do Homem, a conspiração dos pedreiros. Se observamos o livro do Gênesis, notaremos que o mesmo acontecimento está relatado na alegoria de Adão e Eva. Haviam sido criados para a perfeição e felicidade, mas o projeto de seu Criador foi anulado por sua desobediência a certas condições que lhes haviam sido impostas. Observem que sua ofensa foi precisamente a mesma que a conduzida por nossos conspiradores maçônicos. Lhes havia sido proibido comer da Árvore do Conhecimento; ou, expressando em linguagem maçônica, estavam obrigados a “não tentar obter indevidamente os segredos de um grau superior” que não houvessem alcançado. A palavra hebraica *Hiram* significa Guru, mestre do Supremo Conhecimento, Luz Divina e Sabedoria, e da liberdade que vem com ela. Mas este conhecimento é unicamente para o homem aperfeiçoado. Este era o conhecimento que Hiram afirmava que era possuído por não mais de três no Mundo, quer dizer, conhecido unicamente no desígnio da Trindade Divina; mas é um conhecimento que, com paciência e perseverança, todo maçom, todo filho do Criador, “pode em seu devido tempo ser digno de participar com ele”. Mas, assim como a tentativa de Adão e Eva de obter ilicitamente o Conhecimento, ocasionou sua expulsão do Éden e a sucumbência da vontade divina até que eles e sua descendência retornassem ao Paraíso que

haviam perdido, assim a finalização do grande Templo Místico tem sido impedida, de momento, pela tentativa dos conspiradores de arrebataram de Hiram os segredos do Mestre, e sua construção tem sido atrasada até que o tempo e as circunstâncias – o tempo fixado por Deus, e as circunstâncias criadas por nós mesmos – nos restituam os genuínos segredos de nossa natureza e nos reintegrem no propósito divino.

A tragédia de Hiram Abiff não é, pois, o registro do assassinato brutal de um homem individual. É a parábola de uma perda cósmica e universal, uma alegoria da ruptura do esquema divino. Não tem a ver com uma calamidade acontecida durante a construção de um edifício em uma cidade oriental, mas sim um desastre moral que afeta à Humanidade. Hiram foi assassinado; em outras palavras, o dom da sabedoria iluminada nos foi arrebatado. Devido a esse desastre a humanidade está hoje em dia neste mundo de conhecimento imperfeito, de faculdades limitadas, de felicidade maculada, de perpétuo trabalho, de morte e frequente amargura e dor. Nossa vida neste mundo é, empregando as palavras de um poeta:

Uma batalha de perpétuo pesar na bruma
A morte presente nesta vida
e mentindo com todo amor
Os mais perversos ostentando o poder
sobre os mais meritórios
E o alto propósito quebrado pelo remorso

*"An ever-moaning battle in the mist,
Death in all life and lying in all love;
The meanest having power upon the highest,
And the high purpose broken by the worm."*

O templo da natureza humana está inconcluso e nós desconhecemos como finalizá-lo. As amostras de planos e desígnios para regular as desordens da vida individual e social nos indicam que uma calamidade muito pesada tem pairado sobre nós, humanos. A ausência de um princípio orientador claro na vida do Mundo nos recorda a absoluta confusão na qual a ausência dessa Suprema Sabedoria, personificada por Hiram Abiff, nos tem jogado a todos; e faz com que cada mente pensante atribua a alguma catástrofe fatal seu misterioso desaparecimento. Todos ansiamos por essa luz e sabedoria que perdemos; como os obreiros que buscavam o corpo, partimos em diferentes direções em busca do que está perdido. Muitos de nós não realizamos nenhuma descoberta de importância ao longo de nossa vida. Buscamos o perdido no prazer, no trabalho, em todas as distintas ocupações e diversões de nossas vidas; indagamos na busca intelectual, na religião, na Maçonaria, e aqueles que buscam mais longe e mais profundamente resultam ser os mais conscientes da perda e se vêm obrigados a exclamar *Machabon Macbenah!* (o Mestre foi golpeado) ou, como o formulam as Escrituras Cristãs, “Levaram meu Senhor, e não sei para onde O levaram”.

Hiram Abiff foi assassinado. Falta-nos a alta luz e sabedoria encarregada de guiar e iluminar a humanidade. A chama de luz e perfeito conhecimento que estava destinada a ser nossa, desapareceu da humanidade, mas na Divina Providência ainda permanece uma luz iluminando no Oriente. Em um mundo escuro, como se o Sol houvesse desaparecido, ainda conservamos nossos sentidos e nossas faculdades racionais, e estas nos têm proporcionado os segredos substitutos que nos iluminarão até que recuperemos os segredos genuínos.

Onde está enterrado Hiram? Nos é ensinado que a sabedoria do Altíssimo, personificada pelo Rei Salomão, ordenou que fosse

enterrado em uma sepultura fora da Cidade Santa, “em uma sepultura que se separa do centro três pés entre Norte e Sul, três pés entre Oriente e Ocidente, e que alcança cinco pés na perpendicular”. Onde, Irmãos, crês que se acha esta tumba? Podeis localizá-la seguindo esses minuciosos detalhes de localização? Provavelmente nunca havias considerado o feito de uma forma diferente, de uma sepultura ordinária fora dos muros da Jerusalém geográfica. No entanto, a tumba de Hiram se encontra em nós mesmos. Cada um de nós é o sepulcro em que o Mestre assassinado jaz enterrado. O fato de que não o saibamos é um sinal da escuridão em que nos achamos.

No centro de nós mesmos, tão profundo que nenhum punhal pode dissecar, nem nenhuma explosão física pode alcançar, jaz enterrado o “princípio vital e imortal”, o “raio luminoso” que nos une ao Centro Divino de toda vida e que nunca se extingue, por mais malvada ou imperfeita que seja nossa vida.

Nós somos a tumba do Mestre. A luz guia perdida está enterrada no centro de nós mesmos. Em toda altura que sua mão pode alcançar para cima ou para baixo desde o centro de vosso próprio corpo (quer dizer, três pés entre Norte e Sul), e a toda a distância que pode alcançar, à direita ou à esquerda, desde o centro de vossa pessoa, quer dizer, três pés entre Oriente e Ocidente, e cinco pés ou mais de altura, quer dizer, a altura do corpo humano – estas são as indicações pelas que nosso críptico ritual descreve a tumba de Hiram Abiff no centro de nós mesmos. Está enterrado “fora da Cidade Santa”, no mesmo sentido que a descendência de Adão foi situada fora dos muros do Paraíso, “pois nada impuro pode penetrar no lugar sagrado”, que em outra parte de nossas Escrituras é denominado Reino dos Céus.

O que é então este “Centro”, o qual revivendo-o nos permite ter esperança de recuperar os segredos de nossa natureza? Podemos

raciocinar a partir de analogias. Assim como a Divina Vida e Vontade é o centro de todo o Universo, e o controla; assim como o Sol é o centro e fornecedor de vida de nosso sistema solar, e controla e alimenta de vida os planetas que orbitam ao seu redor, assim, no Centro secreto do ser humano, existe um princípio vital e imortal, o espírito e a vontade espiritual do homem. Esta é a faculdade que, uma vez encontrada, e se a utilizamos, nos impede de errar. É um ponto dentro do círculo de nossa própria natureza e, vivendo nesse mundo físico, o círculo de nossa existência está limitado por duas grandes linhas paralelas, “uma representando a Moisés, e a outra ao Rei Salomão”, ou, o que é o mesmo, a Lei e a Sabedoria, as divinas leis que regulam o Universo em uma mão, e na outra a divina “Sabedoria e Piedade que nos segue todos os dias de nossa vida”. Realmente, o Maçom que se mantém dentro destes limites que lhe circunscreve não pode errar.

A Maçonaria, pois, é um sistema de filosofia religiosa que nos fornece uma doutrina sobre o Universo e nosso lugar nele. Indica de onde viemos e para onde voltaremos. Tem dois propósitos. Seu primeiro propósito é mostrar que o homem caiu de um sublime e santo Centro para a distante circunferência, ou condição externa, na qual agora nos encontramos; para indicar que aqueles que o desejarem, podem recuperar esse centro, pois ele se encontra em nós mesmos, dado que a Divindade é como um círculo cujo centro se acha em todas as partes, se deduz que um centro divino, um princípio vital e imortal, existe em nosso interior, e que sendo desenvolvido, podemos recuperar nossa condição primordial que foi perdida.

O segundo propósito da Maçonaria é estabelecer a maneira através da qual este centro pode ser encontrado dentro de nós mesmos, e este ensinamento está plasmado na disciplina e nas provas estabelecidas nos três graus. A doutrina maçônica do Centro

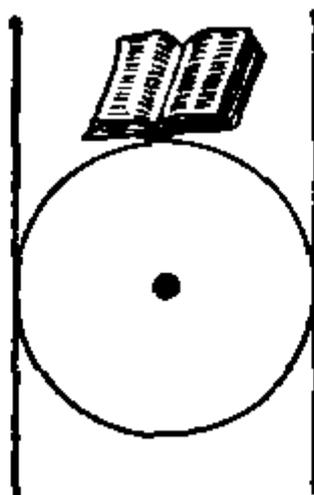
– ou, em outras palavras, o axioma cristão de que “o reino dos Céus está no teu interior” – foi deliciosamente refletido pelo poeta Browning:

A Verdade está em nós mesmos
 Não surge das coisas de fora, creias no que creias
 Há um centro íntimo em nos mesmos
 Onde a Verdade habita em plenitude
 E saber
 Consiste em encontrar uma maneira
 De que o esplendor encarcerado possa aflorar
 Então deixa entrar uma luz
 Que supomos nos falta.

*"Truth is within ourselves. It takes no rise
 From outward things, whate'er you may believe.
 There is an inmost centre in ourselves
 Where truth abides in fullness; and to know
 Rather consists in finding out a way
 Whence the imprisoned splendour may escape
 Than by effecting entrance for a light
 Supposed to be without."*

Irmãos, cheguemos ao conhecimento de como “abrir a Loja no centro” de nós mesmos, e assim conseguiremos encontrar em nossa própria consciência o “esplendor encarcerado”, escondido nas profundezas de nosso ser, cujo despertar em nós mesmos nos trará paz e salvação. Que procedimento prescreve a Maçonaria para a libertação deste centro encarcerado? Suas primeiras prescrições são as de nosso Primeiro Grau. Deve haver pureza de pensamento e propósito. Não necessito recordar que a palavra “candidato” deriva do latim *candidus*, branco (no sentido de pureza), ou que nossos postulantes deixam, antes de entrar na loja, em um saco, os

ornamentos que pertencem às modas do mundo exterior, cujos ideais estão desejosos de abandonar, e adentram à loja vestidos de branco como emblema da inocência de pensamento e purificação de suas vidas. Esta vestimenta branca é usada durante cada um dos três graus, e com ela se simboliza que o buscador da suprema luz do Centro deve chegar sempre pronunciando a tríplice adscrição “Santo, Santo, Santo”, como amostra da tríplice pureza do corpo, alma e espírito, que é essencial para o êxito da busca. O candidato deixou todo o dinheiro e metais para traz, já que as coisas aparentemente importantes neste mundo são supérfluos no Mundo de seu interior; pois se permanece nele qualquer impureza ou pensamento de imperfeições, será impossível, para ele, alcançar a consciência de seu mais elevado ser, e deverá aprender que deve renunciar a essas impurezas e começar de novo, e que sua tentativa de uma iniciação real deve ser repetida.



O maçom deve estar animado por um espírito de fraternidade universal. Os donativos e a ajuda aos pobres e aflitos são práticas admiráveis, mas com isso não se esgota o significado da palavra “caridade” como a entende a Maçonaria. O pagamento de uns poucos guinéus⁹ a instituições filantrópicas é quase um

⁹ NT.: Antiga moeda inglesa, cunhada para o tráfico africano, que foi extinta em 1813.

cumprimento da grande definição feita por São Paulo e lida tantas vezes nas lojas, exercitando o que estamos acostumados a dizer: que o maçom “atinge o ápice de sua profissão”.

Existe na maçonaria um sentido de irmandade que é muito mais amplo que o convencionalmente observado entre aqueles que são membros de uma associação comum. Há aquela profunda sensação que o homem sente, não apenas em fraternidade com seus semelhantes, sejam maçons ou não, mas que se sente irmão de tudo o que existe, e sente-se parte de uma vida universal que corre através de todas as coisas.

Um grande iluminado, São Francisco de Assis, expressou aquilo a que me refiro, quando escreveu seu famoso cântico de seus irmãos o sol e o vento e suas irmãs a lua e o mar, como sendo todos parte de uma vida comum, todos constituintes do plano do Grande Arquiteto para a restauração do Templo da Criação e a consagração a Seu Serviço, e todos dignos de amor de nossa parte.

Uma vez comentadas estas primeiras questões, prosseguiremos analisando o conteúdo de nosso Segundo Grau, onde se inspira a análise e cultivo das faculdades mentais e racionais; o estudo dos segredos da maravilhosa e complexa natureza física do homem; a relação destes com sua ainda mais elevada parte espiritual, que, por sua vez, pode aprender a rastrear “inclusive até ao trono do próprio Deus” onde se acham as raízes de seu ser. Estes estudos, irmãos, tão ligeiramente esboçados em nossa cerimônia de passagem, e tão convincentemente recitados em nosso ritual, que quando confrontados com a seriedade que se lhes concedia nos antigos sistemas de mistérios, se descrevem em nossas próprias palavras, não sem razão, como “sérios, solenes e terríveis”. As profundezas da natureza humana, autoconhecimento, e os mistérios escondidos na alma do homem, como os verdadeiramente iniciados bem sabem, não podem ser explorados

sem sacrifício nem perda. O homem que assim atua tem, de forma figurada, uma corda em volta de seu pescoço; pois uma vez estimulado pelo desejo do genuíno conhecimento que a verdadeira iniciação confere, nunca mais poderá voltar a ser o mesmo homem que era antes de vislumbrar os mistérios ocultos da vida. Da mesma maneira que o Anjo protegeu com uma espada famígera na entrada do Éden para guardar o caminho de acesso à Árvore da Vida, assim o homem, para o qual a iniciação não é um feito unicamente formal, encontra-se ameaçado à porta de um conhecimento mais elevado, por forças invisíveis que lhe opõem se, encontrando-se em um estado moral inapropriado, bruscamente se precipita para os profundos segredos do Centro. Melhor permanecer ignorante que embarcar, de forma pouco sábia, em um mar desconhecido, sem estar adequadamente preparado e em posse das adequadas palavras de passe.

E finalmente o aspirante, após este ensinamento preliminar, deve aprender a grande verdade contida no Terceiro Grau: que aquele que vai ser elevado à perfeição e que recuperará o que sabe que há tempo se perdeu, só pode realiza-lo por meio de uma completa abnegação pessoal, morrendo a tudo aquilo que aos olhos e à razão do mundo profano considera precioso e desejável. O Terceiro Grau, irmãos, é uma exposição cerimonial dramatizada da frase “O que quer salvar sua vida deve perde-la”. Sob esta alegoria da morte do Mestre – e recordemos que é uma alegoria – se expressa a verdade universal de que a morte mística deve preceder ao renascimento místico. “Não sabeis que deves nascer de novo? Em verdade vos digo que se o grão de trigo não cai à terra e morre, fica só; mas se morre dará muitos frutos”. E unicamente assim pode o Mestre Maçom ser elevado de uma morte figurada (não física) a um estado regenerado e à plena dimensão da natureza humana.

O caminho da verdadeira iniciação à plenitude da vida, por meio de uma morte figurada da natureza mais baixa do indivíduo, é o caminho denominado nas escrituras como “a via estreita”, e que também se diz que são poucos os que a encontram. É o estreito caminho que passa entre as Colunas, pois Jaquim e Boaz se acham silenciosamente à entrada de cada templo maçônico e entre elas devemos passar cada vez que entramos nele. Dá-se muito protagonismo a estas colunas no ritual, mas não se dá explicação de seu significado, e é desejável conhecer um pouco de sua grande simbologia. Explicar em sua totalidade requereria uma palestra inteira dedicada a este tema, e ainda assim muito permaneceria sem ser dito no referente a esses grandes símbolos, por não ser apropriado revelar numa exposição genérica.

As colunas formam, e sempre formaram, um importante aditamento nos templos de todos os grandes sistemas religiosos e iniciáticos, sejam maçônicos ou não. Foram incorporadas à arquitetura cristã. Se recordais a construção da Catedral de York ou da Abadia de Westminster, reconheceréis os pilares das duas grandes torres flanqueando a entrada principal destas catedrais no extremo Ocidente da estrutura. Quer dizer, os profanos entram a estes templos como o fazemos nós, entre colunas no Ocidente, e olham através delas o longo corredor que conduz até o altar-mor, assim como a passagem simbólica do Maçom também é do Ocidente para o trono no Oriente. Este caminho é, figurativamente, o caminho reto da vida, começando neste mundo exterior e finalizando no trono ou altar, no Oriente. Muitos séculos antes de que nossa Bíblia fosse escrita ou o Templo de Salomão descrito no Livro dos Reis, e as Crônicas fosse inclusive concebida, as duas colunas eram empregadas nos grandes templos dos Mistérios Egípcios, e uma das grandes festividades públicas anuais era o Levantamento dos Pilares. Então, o que significavam? Só posso tratar o tema superficialmente nesta exposição. Em uma de suas

acepções representam o que é conhecido nas filosofias orientais como “casais de opostos”. Tudo na Natureza é dual e pode conhecer-se em contraste com seu oposto, ao tempo que a combinação de ambos produz, metafisicamente, um terceiro que é sua síntese e perfeito equilíbrio. Dessa forma temos o Bem e o Mal, a Luz e a Escuridão (e um dos pilares era sempre branco e outro negro), o ativo e o passivo, o positivo e o negativo, o sim e o não, o exterior e o interior, o homem e a mulher. Nenhum desses elementos está completo sem o outro, e juntos resultam estáveis. A manhã e a noite se unem para formar o dia completo. O homem é proverbialmente imperfeito sem sua “melhor metade”, a mulher; ambos se casam para dar-se força mutuamente e para estabelecer sua casa comum. A física nos mostra que a matéria se compõe de forças positiva e negativa em perfeito equilíbrio, e que as coisas se desintegrariam e desapareceriam se essas forças não resultassem firmes e em perfeita união. Cada gota do saudável sangue de nosso corpo é uma combinação de corpúsculos vermelhos e brancos, cujo devido balanço nos determina a força e a saúde, enquanto que o desequilíbrio tem como resultado a enfermidade. Portanto, os pilares tipificam, em uma de suas interpretações, a perfeita integridade do corpo e alma tal e como se requer para alcançar a perfeição espiritual. Segundo a antiga filosofia, todas as coisas criadas se compõem de água e fogo, sendo o fogo o elemento espiritual e a água o elemento material, e as colunas também representavam essas propriedades universais. Em um livro das escrituras apócrifas (2 Esdras 7, 7-8), a senda à verdadeira sabedoria e vida, é mostrada como uma entrada entre um fogo à direita e águas profundas à esquerda, e a senda é tão estreita e penosa que apenas um homem pode passar por vez. Isto é uma alusão ao estreito e doloroso caminho da verdadeira iniciação, da qual nossa entrada à loja, entre as colunas, é um símbolo.

Todos os grandes símbolos estão refletidos no próprio homem. O organismo humano é a verdadeira loja que deve ser aberta e na qual devem encontrar-se os grandes Mistérios, sendo que nosso templo está construído e decorado conforme o próprio organismo humano. Nossa parte mais baixa e animal é mundana, e descansa como a base da Escada de Jacó, sobre a Terra; enquanto que nossa parte mais elevada é espiritual e alcança os céus. Essas nossas duas partes se encontram em perpétuo conflito, de maneira que o carnal e o espiritual sempre batalham entre si, e o homem sábio é aquele que tem aprendido a equilibrar perfeitamente ambas, e tem alcançado a fortaleza interior que lhe permite resistir firme contra toda tentação e debilidade. E uma vez que se tenha compreendido esta simples verdade, haverá contemplado o caminho da verdadeira iniciação, que é um caminho de renascimento espiritual que pressupõe, inevitavelmente, um árduo e doloroso progresso para aquele que o enfrenta. Permita-me pedir que considereis em toda sua sacralidade outro fenômeno físico, no qual reparamos pouco devido a sua frequência e à nossa familiaridade com ele. Me refiro ao acontecimento – ao Grande Mistério, deveria dizer – do nascimento de uma criança. Irmãos, cada criança que nasce neste mundo e chega a este grande templo de iniciação, prova e disciplina, atravessa, entre a dor e o trabalho, através de um tempestuoso e estreito caminho, as duas colunas que representam o corpo de sua mãe. Assim, nas situações ordinárias da vida, nas que, para aqueles que são limpos de coração não há nada vulgar e sujo, mas sim que é tudo sagrado e simbólico, o ato do nascimento físico é uma imagem e uma transcrição, em um sentido mais profundo, do renascimento místico e de difícil passagem através de uma porta, sem a qual, está escrito, o homem não entrará no Reino dos Céus. O homem regenerado, não somente de forma cerimonial mas também como uma experiência vital, que atravessou fases em que os graus maçônicos não são senão pálidos reflexos, é o único merecedor do título de Mestre Maçom na

construção do Templo, que não se realiza com as mãos, mas que está sendo construído de forma invisível com as almas dos homens justos que alcançaram a perfeição.

Este Templo não se constrói unicamente neste mundo; tão somente as bases da estrutura são perceptíveis aqui. A Maçonaria contempla outros planos mais elevados de vida, outros níveis por cima da vasta estrutura em que vivemos e trabalhamos. Da mesma maneira que nossa organização tem suas altas assembleias e conselhos sob a forma de Grandes Lojas Provinciais e Nacionais, que regulam e administram as necessidades das lojas e oficinas, assim também no poderoso sistema da obra universal há graus de vida mais altos, hierarquia de seres celestiais, que trabalham e buscam para as partes mais humildes do edifício, sem que sejamos conscientes disso. E assim, como na cabeça de nossa irmandade, limitada e temporal, governa um Grão Mestre, assim também sobre o sistema cósmico preside o Grande Arquiteto e Mui Venerável Grão Mestre de todos, cujos oficiais são os santos anjos; e o reconhecimento desta verdade se consagra no ritual que minuciosamente realizamos em nossas lojas, e que não é senão uma imagem do Grande Sistema.

O mundo inteiro, irmãos, é como se fosse uma grande Loja e lugar de iniciação, e nossas lojas maçônicas apenas são pequenos espelhos. A Mãe Terra é também a Loja Mãe de todos nós. Conforme sua vasta tarefa se desenvolve, as almas descem a ela, e são chamadas a abandoná-la aos toques de um grande e invisível Guardião da vida e da morte, que também as chama ao trabalho e as reúne igualmente para o descanso. Após a sessão tem lugar o ágape festivo; após o trabalho neste mundo, o alimento e consolo das moradas celestiais. E assim, mesmo que nossos procedimentos posteriores (pós-sessão) não tenham um lugar formal no sistema Maçônico, assim como a “pós-vida” está em conexão formal

conosco enquanto nossa esfera de atividade esteja neste mundo, ainda há uma parte forte e apropriadamente calculada que nos desperta para o significado profundo de nosso habitual convívio. Em tais ocasiões somos levados a brindar “pelo Rei e pela Ordem”, recordando-nos que somos leais súditos de nosso soberano terreno e amantes fraternais de nossos irmãos maçons em todo o mundo. Mas eu rogaria novamente aqui a todo Mestre e a cada irmão que celebra este brinde, que eleve seus pensamentos a um Rei ainda maior e uma irmandade maior que nossa limitada Ordem. Os recordaria que nos Mistérios Cristãos havia outro Mestre, o qual imitamos inconscientemente, e que após a ceia também levantou a taça e, dando graças ao Rei dos Reis, se consagrou a essa irmandade, maior que a nossa, que é a própria Humanidade, direcionando-nos desta maneira a manifestar simbolicamente um certo grande Mistério até sua parúsia¹⁰. Mas isto, irmãos, não é outra coisa senão o que está implícito em nossos próprios rituais maçônicos, que empregam certos segredos substitutos até que chegue o tempo, e as circunstâncias, em que os Segredos Genuínos sejam restaurados. Ao fazê-los partícipes desses pensamentos, pode-se dizer que a Maçonaria oferece a aqueles capazes de apreciá-la, uma filosofia de trabalho e uma regra de vida prática. Revela-nos o funcionamento do Universo, um funcionamento que certa vez foi despedaçado e paralisado, e deixou nas mãos da humanidade a responsabilidade para restaura-lo.

A Maçonaria especifica nosso lugar, nosso propósito e nosso destino neste universo. É como uma grande casa de instrução e iniciação aos Mistérios de uma vida mais ampla e plena do que o mundo obscuro é capaz de intuir. Por isso valoremola e tentemos apreciar plenamente seus mistérios. Cuidemos também de não rebaixá-la, seja por não sermos conscientes de seu significado ou por admitirmos, nas lojas, aqueles que não são aptos ou não estão

¹⁰ NT: volta gloriosa do Cristo no fim dos tempos, para o Juízo Final.

prontos para compreender sua envergadura. Disse no começo desta apresentação que alguns maçons começam a despertar para uma consciência mais elevada do verdadeiro significado e propósito da Ordem. Irmãos, agora, no final, os digo: eleva vossos corações, deixa bem abertas as portas de vossas mentes e da imaginação!

Aprendamos a ver na Maçonaria algo mais que um sistema paroquial que combina moralidade elementar, representação mecânica do ritual de ritos vazios, e um bom acessório para a vida social. Cuida de encontrar nela uma filosofia viva, um guia para aqueles assuntos que, muito por cima dos demais, resultam nos mais sagrados e nos mais urgentes para nossa verdadeira paz e felicidade. Sejam conscientes de que seus segredos, que são “muitos e incalculáveis”, não se acham na superfície; que não são os da língua e sim os do coração; e que seus mistérios são eternos e tratam do espírito do homem mais que do corpo. Revistam-se desse conhecimento ao penetrar na loja, mas não apenas no templo de nossa Maçonaria Simbólica, mas na loja, muito maior, da vida, onde de forma silenciosa e sem o som das ferramentas de ferro se realiza o perpétuo trabalho de reconstruir o templo inconcluso e invisível, em que as místicas pedras e madeiras são as almas dos homens. Nessa reconstrução tomam parte, ainda que formalmente não constituam parte da associação, homens e mulheres que são maçons inconscientemente, no melhor dos sentidos. Qualquer pessoa que trabalha sua pedra cuidadosa e deliberadamente, está se preparando para ocupar seu lugar na “estrutura planejada” que gradualmente está sendo montada com “bela precisão”, e ainda que esteja sendo construída com nossas próprias mãos, um dia se manifestará à nossa visão mais como um trabalho do próprio Grande Arquiteto do Universo que das mãos humanas. Portanto, posto que a Ordem conta com a vantagem de um sistema regular e organizado, que nos proporciona e revela um esquema das grandes verdades que temos considerado, e que o mundo sempre tem

considerado tão secretas como sagradas e vitais, depende de nós, maçons, penetrar na completa herança, compreensão e prática do sistema a que pertencemos.



Capítulo III

NOTAS SOBRE O SIMBOLISMO

“Não há maior escuridão que a ignorância” (Shakespeare)

“Ilumina nossa escuridão, Te rogamos, Oh Senhor, e proteja-nos das ameaças e perigos da noite.” (Liturgia Anglicana)

“Amado Pai de todos, e todos vós, deuses que habitais este lugar, concede-me ser belo por dentro, e que todo meu exterior seja uno com o interior. Que eu considere rico unicamente ao homem sábio, e que todas minhas riquezas não tenham outro valor que o bem que seja capaz de proporcionar. Acaso necessito algo mais? Essa oração, creio, é suficiente para mim!” (Oração de Sócrates)

Na preleção da tábua de delinear do Primeiro Grau, se diz que a Maçonaria é “uma arte fundada nos princípios da Geometria”, e também que é “uma ciência que lida com o cultivo e melhoramento da mente humana”. Nessa preleção se diz também que seus usos e costumes derivam dos antigos egípcios, cujos filósofos, reticentes a expor seus mistérios aos olhos das pessoas vulgares, ocultaram seus princípios e filosofia sob a forma de signos e símbolos, que ainda se perpetuam na Ordem Maçônica. Nos capítulos anteriores foi esboçado algo sobre estes signos e símbolos, assim como do propósito do sistema maçônico em seu conjunto. Neste se tentará abordá-los com maior detalhamento.

As Preleções de Instruções¹¹ associadas a cada grau da Maçonaria tentam expor a doutrina do sistema, assim como interpretar os símbolos e rituais. No entanto as próprias Preleções necessitam de semelhante interpretação. De fato, são sumamente astutas e encobertas em sua artificiosa elaboração. Seus compiladores se desempenharam entre a dupla tarefa de mostrar uma fiel, se bem parcial, expressão da doutrina esotérica, e ao mesmo tempo mascará-la, de forma que seu sentido completo não pudesse ser compreendido sem algum esforço ou iluminação, e tivesse pouco ou nenhum significado para aqueles indignos ou imaturos para a *gnose* ou ensinamento da Sabedoria. Executaram a tarefa com tal êxito, que provoca admiração naqueles que podem apreciá-las por sua profunda maestria e percepção da ciência do autoconhecimento e da regeneração. Eram, obviamente, iniciados de um nível avançado, bem versados na tradição secreta e na filosofia dos sistemas de mistérios do passado, e sutis na percepção do sentido mais profundo e místico das Sagradas Escrituras às que constantemente fazem brilhante referência.

Tratar destas preleções explicativas com todo o detalhe consistiria uma árdua tarefa. Não obstante, procederemos a falar de alguns dos mais proeminentes elementos de que tratam, para assim melhor explicar o que já foi citado em capítulos anteriores.

Em primeiro lugar, deve prestar-se atenção ao termo “Geometria”, a arte sobre a qual se constrói todo o sistema. Para o homem comum a geometria não significa nada mais que um ramo da Matemática associada com os problemas euclidianos, uma matéria que obviamente não guarda relação com as cerimônias e

¹¹ NT: Conforme apresentadas pela *Emulation Lodge of Improvement*, há uma Preleção para cada grau, sendo que a de Aprendiz reúne 7 seções, de Companheiro 5 seções, e a de Mestre Maçom 3 seções.

ideais maçônicos. Portanto, deve-se buscar outra explicação para o termo.

Pois bem, a geometria era uma das “sete nobres artes e ciências” da Filosofia antiga. Significa literalmente a ciência da medida da terra. Mas a “terra” para os antigos não se referia, como nos dias de hoje, a este planeta. Referia-se à substância primordial, ou matéria-alma indiferenciada a partir da qual nós, seres humanos, fomos criados, a Mãe Terra da qual todos surgimos e a que devemos indubitavelmente retornar. O homem foi criado, nos ensinam as Escrituras, do pó da terra, e é essa terra ou substância fundamental de nosso ser, que é preciso “medir”, no sentido de investigar e compreender sua natureza e propriedades. Nenhum construtor competente erige uma estrutura sem primeiro ter tomado conhecimento da natureza dos materiais com os quais se propõe a construir; e na arte especulativa, espiritual e “real” da Maçonaria, nenhum obreiro pode construir apropriadamente o templo de sua própria alma sem primeiro compreender a natureza do material bruto sobre o que haverá de trabalhar.

A Geometria, portanto, é sinônimo de conhecimento de si mesmo e da substância básica de nosso ser, suas propriedades e potencialidades. Sobre os antigos templos de iniciação figurava escrita a frase “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e a Deus”; uma frase que implica, em primeiro lugar, que o homem não iniciado não tem conhecimento de si mesmo, e, em segundo lugar, que quando ele alcança o conhecimento se dará conta de que já não é o indivíduo independente que agora crê ser, mas sim que será um microcosmo reflexo de tudo o que é, e que se identificará com o Ser de Deus.

A Maçonaria é a ciência da conquista desse conhecimento supremo e é, portanto, correto afirmar que está baseada nos princípios da Geometria tal e como foi anteriormente explicado.

Mas não caiamos no erro de supor que a matéria física da qual nossos corpos mortais se compõem, seja a “terra” à qual nos referimos. O corpo não é senão uma massa corruptível e efêmera que apenas forma um invólucro temporário da imperecível e verdadeira “terra” ou substância de nossas almas, e que permite a elas entrar em relação sensível com o mundo físico. Esta distinção deve ser claramente compreendida e mantida em mente, pois a Maçonaria não trata tanto do corpo exterior, e transitório, como do interior eterno do ser humano, ainda que o primeiro se encontre temporalmente relacionado com o segundo. A imortal alma do homem é o templo em ruínas que necessita ser reconstruída por meio dos princípios da ciência espiritual. O corpo mortal, com suas paixões rebeldes e afeições, se coloca no caminho dessa realização. É o entulho que precisa ser limpo antes que as novas fundações possam ser definidas e a nova estrutura construída. No entanto, mesmo os escombros podem mostrarem-se úteis para servir a nobres propósitos, e podem ser reutilizados para a nova construção, assim como a natureza humana exterior e temporal pode ser submetida e empregada na reconstrução pessoal. Mas, a fim de se efetivar essa reconstrução, ele deve primeiro ter uma compreensão completa do material sobre o qual tem que trabalhar. Para este efeito ele deve estar familiarizado com o que se denomina “a forma da Loja”.

A forma da Loja

A forma da Loja é descrita oficialmente como “retangular, estendendo-se seu comprimento de Oriente a Ocidente, sua largura de Norte a Sul, sua profundidade da superfície até o centro da Terra, e sua altura a do céu”.

Isto é interpretável como uma alusão ao indivíduo humano. O próprio homem é uma loja. Assim como uma Loja Maçônica é “uma união de irmãos que se encontram para aprofundar nos mistérios da Ordem”, assim o homem é um composto de distintas propriedades e faculdades, com o propósito de alcançar uma harmoniosa interação e levar adiante o propósito da vida. Deve sempre ter em conta que na Maçonaria tudo é representativo do homem, sua condição humana, e sua evolução espiritual. Dessa maneira, a Loja Maçônica é uma representação sacramental do maçom individual quando busca pela primeira vez ser admitido no templo. A primeira entrada de um homem numa loja simboliza sua primeira entrada na ciência do autoconhecimento.

O organismo humano está simbolizado por um edifício de quatro lados e quatro cantos. Isto está em concordância com a antiquíssima doutrina filosófica que estabelece que o quatro é o símbolo aritmético de todo o manifestado sob a forma física e corpórea. O Espírito, o qual é não-manifesto e não físico, é representado pelo número três e o triângulo. Mas o Espírito projetado na forma corpórea e revestido de uma forma material, é denotado pelo número quatro, o quadrado e o esquadro. Por isso o nome hebreu da Divindade, tal e como era conhecido neste mundo exterior, era o grande nome impronunciável de quatro letras ou Tetragrammaton¹², assim como os pontos cardiais do espaço são também quatro, e toda coisa é um composto de fogo, água, terra e ar. A forma quadricular da loja é, portanto, uma recordação de que o organismo humano se compõe destes quatro elementos em equilibradas proporções. A Água representa a natureza psíquica; o

¹² NT: O **Tetragrama Sagrado YHWH** (יהוה, na grafia original, o hebraico), refere-se ao nome do Deus de Israel em forma escrita já transliterada e, pois, latinizada, como de uso corrente na maioria das culturas atuais. A forma da expressão ao declarar o nome de Deus YHWH (ou JHVH na forma latinizada) deixou de ser utilizada há milhares de anos na pronúncia correta do hebraico original (que é declarada como uma língua quase que completamente extinta). As pessoas perderam ao longo das décadas a capacidade de pronunciar de forma satisfatória e correta, pois a língua precisaria se curvar (dobrar) de uma forma em que especialistas no assunto descreveriam hoje em dia como impossível. Obtido em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Tetragrama_YHWH

Ar, o raciocínio; o Fogo, a vontade e força nervosa; enquanto a Terra é a condensação em que os outros três se encontram estáveis e contidos.

Mas a forma é retangular, ou a de um quadrado duplicado, porque o organismo humano não consiste unicamente em um corpo físico. O corpo físico tem seu reflexo ou contrapartida etérea no corpo astral, que é uma extensão de sua natureza física e se compõe igualmente dos mesmos quatro elementos de uma forma impalpável e mais tênue. A forma retangular da Loja deve, pois, considerar-se uma referência às naturezas física e etérea em constante conjunção, na qual nos consistimos.

Os quatro lados de uma loja têm ainda outra interpretação. O Oriente da loja representa a espiritualidade humana, seu modo mais elevado e espiritual de consciência, o qual está muito pouco desenvolvido na maioria dos homens, mas que se mantém, não obstante, latente e dormindo, e desperta à atividade unicamente em momentos de tensão ou profunda emoção. O Ocidente (ou polo oposto ao Oriente), representa sua compreensão racional habitual, a consciência que emprega para seus assuntos diários e temporais, sua consciência material ou, como poderíamos dizer, seu sentido comum. Em um ponto médio entre o Oriente e o Ocidente se encontra o Sul, a casa do meio e lugar de encontro da intuição espiritual e o entendimento racional, o ponto que marca a inteligência abstrata e onde nossa potência intelectual se desenvolve até seu ponto máximo, da mesma forma que o Sol alcança seu ponto máximo ao Meio Dia no Sul. O oposto do Sul é o Norte, a esfera da escuridão e da ignorância, que responde unicamente aos sentidos e a impressões captadas por nosso modo de percepção inferior e menos confiável, nossa natureza física e sensitiva.

Desta forma os quatro lados da loja remetem aos quatro modos de consciência, diferentes e progressivos, possíveis de alcançarmos. A impressão sensitiva (Norte), a razão (Ocidente), a idealização intelectual (Sul) e a intuição espiritual (Oriente) são quatro os possíveis caminhos de conhecimento. Destes, o homem mundano emprega somente os dois, quem sabe três, primeiros, de acordo com o seu desenvolvimento ou conhecimento, sendo que sua perspectiva da vida e conhecimento da Verdade são conseqüentemente restritos e imperfeitos. O conhecimento pleno e perfeito é possível unicamente quando se tem despertado tanto um profundo sentido de introspecção como a consciência do princípio espiritual do homem, e estes tenham sobreposto ao resto de suas faculdades cognitivas. Isto é possível apenas para o verdadeiro Mestre, que dispõe dos quatro métodos de conhecimento em perfeito equilíbrio, ajustados como os quatro lados da Loja; e por isso o lugar do Mestre da Loja e dos *Past Masters* é sempre no Oriente.

A “profundidade” da Loja (da superfície da Terra até o centro) se refere à distância, ou diferença do grau, entre a consciência superficial de nossa mentalidade terrena e o supremo e divino grau de consciência que reside no centro do homem espiritual, quando tenha chegado a ser capaz de abrir sua loja sobre este centro e funcionar nele e com ele.

A “altura” da Loja (tão alto como os céus) implica que o nível de consciência possível para nós, uma vez desenvolvidas plenamente nossas potencialidades, é infinito. O homem que surgiu na terra e se tem desenvolvido através dos reinos mais baixos de sua natureza até chegar ao seu atual estado racional, deve ainda completar sua evolução convertendo-se em um ser à imagem de Deus, e unificando sua consciência com o Todo Poderoso, alcançando assim a única meta e propósito de toda iniciação.

Escalar esta altura, lograr esta expansão de consciência, é um objetivo que se consegue por meio da escada de muitas voltas e degraus, entre os quais há três principais: Fé, Esperança e Caridade, dos quais a maior e mais sublime é a última. Ou seja, há inúmeras formas de desenvolver a consciência a graus mais altos, sendo que todo acontecimento da experiência diária pode contribuir para este fim se é corretamente interpretado, e seu propósito, no padrão do esquema de nossa vida, corretamente discernido. As experiências diárias deveriam estar subordinadas às três premissas maiores, a saber, a Fé na possibilidade de alcançar o final que se contempla; a Esperança, ou desejo fervoroso e persistente de sucesso; e finalmente um Amor ilimitado que, buscando o amor em todos os homens e todas as coisas, apesar de suas aparências externas e não concebendo nenhum mal, identifica gradualmente a mente e a natureza do aspirante com esse Bem último ao qual seu pensamento, desejo e visão, devem estar constantemente dirigidos.

É importante assinalar que esta expansão de consciência não depende, em absoluto, de conquistas intelectuais, aprendizagem ou conhecimento contido em livros. Tudo isto pode ser, e de fato constitui, degraus menores da escada de conquistas, mas não figura entre os principais. Compare-se as palavras de São Paulo, “Se tenho todo o conhecimento, mas não tenho amor, não sou nada”, e as de um místico medieval “Ele pode ser contemplado e escutado pelo Amor, mas pela inteligência e pela compreensão jamais”.

A loja está sustentada por três grandes colunas, Sabedoria, Força e Beleza. Novamente não se referem ao templo, mas à trindade de propriedades que se encontra na alma individual, e que se mostrará progressivamente manifestada no aspirante conforme progrida e se adapte à disciplina maçônica. Da mesma maneira que está escrito a respeito do Mestre Cristão que “cresceu em Sabedoria, idade e graça ante Deus e ante os homens”, assim será

também para o maçom neófito que aspira à maestria. Se tornará consciente do incremento de sua faculdade perceptiva, assim como de sua compreensão; notará que tem uma fonte de poder cuja existência anteriormente nem suspeitava, e que lhe outorga uma força mental superior e confiança em si mesmo, e se apreciarão nele dons de personalidade, discurso e conduta que anteriormente lhe eram estranhas.

O solo da loja, que consiste em um pavimento mosaico, branco e preto, denota a natureza dual de tudo relacionado com a vida terrestre e fundamento físico da qualidade humana, o corpo mortal e seus apetites e afetos. “A trama de nossa vida é uma história que mistura o bem e o mal”, escreveu Shakespeare. Em todo o material se mesclam o bem e o mal, a luz e a escuridão, a alegria e o pesar, o positivo e o negativo. O que é bom para mim pode ser mal para ti; o prazer surge da dor e finalmente degenera de novo em dor; o que é correto em um momento dado pode ser posteriormente incorreto; posso estar intelectualmente inspirado hoje e amanhã mergulhado nas trevas da escuridão: o dualismo destes opostos nos governa em tudo, e o ensinamento que nos proporciona é necessário até que chegue um momento em que, havendo interiorizado e assimilado esta lição, estejamos preparados para avançar a uma condição na qual tenhamos superado o sentido desta superfície enxadrezada e cessemos de entender estes opostos como opostos, sendo compreendidos como uma síntese ou unidade. Encontrar esta síntese ou unidade implica achar a paz que supera ao entendimento, quer dizer, que supera nossa experiência, pois nela a luz e a escuridão são o mesmo, e nossos atuais conceitos de bem e mal, prazer e dor, são transcendidos e resultam sublimados em uma nova condição que combina a ambos. Esta elevada condição é representada pela Orla Denteada que contém o Pavimento Mosaico, assim como a Divina

Presença ou Providência rodeia e abraça nossos organismos temporais em que estes opostos resultam inertes.

Por que se confere ao Pavimento Mosaico tal protagonismo na decoração da loja? A resposta deve ser encontrada no ritual do Terceiro Grau: “O Sumo Sacerdote caminhará sobre o Pavimento Mosaico”. Contudo isto não se refere unicamente ao Sumo Sacerdote hebreu de séculos passados, mas também ao membro individual da Ordem. Cada maçom é chamado a ser o Sumo Sacerdote de seu próprio templo pessoal e a fazer dele um lugar onde ele e a Divindade possam encontrar-se. Todo ser vivo, seja ou não maçom, pelo mero feito de encontrar-se neste mundo dualista, caminha sobre o Pavimento Mosaico que mescla o bem e o mal em cada ação de sua vida, de maneira que este tapete branco e preto é o símbolo de uma verdade filosófica elementar comum a todos nós. No entanto, para nós, as palavras “caminhar sobre” implicam muito mais que isso. Significa que aquele que aspira a ser senhor de seu destino e comandante de sua alma, deve caminhar sobre estes opostos no sentido de superá-los e domina-los, de pisar sobre sua natureza sensual inferior e mantê-la sob seus pés em sujeição e controle. Deve ser capaz de elevar-se sobre o emaranhado do bem com o mal, tornar-se superior e indiferente aos altos e baixos da fortuna, às atrações e temores que governam aos homens ordinários e inclinam seus pensamentos e ações em um ou noutro sentido. Sua intenção é desenvolver suas potencialidades espirituais inatas, sendo impossível que estas se desenvolvam enquanto ele se encontra dominado por suas tendências materiais e de emoções flutuantes de prazer e dor a que dão lugar. É elevando-se por cima destas, e alcançando a serenidade espiritual e o equilíbrio mental sob quaisquer circunstâncias nas que pode se encontrar, que um maçom realmente caminha sobre o piso enxadrezado da existência e tendências em conflito de sua natureza material.

O Teto da loja se mostra em forte contraste com seu solo preto e branco e é descrito como “um dossel celestial de diversas cores, inclusive dos céus”.

Se o solo simboliza a natureza sensual do homem, o teto tipifica sua natureza etérea, seus “céus” e as propriedades que neles residem. Um é reverso e oposto do outro. Seu corpo material está densamente composto. Sua extensão etérea ou aura é tênue e invisível (salvo para os olhos clarividentes), como a fragrância desprendida de uma flor. Sua existência será posta em dúvida por aqueles que não estão preparados para aceitar o que não é empiricamente demonstrável. Ao estudante maçom lhe será requerido que aceite verdades semelhantes de forma provisória, e até que as tenha como certezas, deveria refletir, em primeiro lugar, de que entrou para a Ordem com a clara finalidade de receber a Luz sobre a natureza de seu próprio ser; em segundo lugar, sobre o auxílio que a Ordem se compromete na busca desta Luz em matérias nas que ele mesmo reconhece sua ignorância, e pensar que seus ensinamentos e símbolos foram elaborados por instrutores sábios e competentes em tais disciplinas; e em terceiro lugar, que uma atitude mental humilde, dócil e receptiva para com esses símbolos e seus significados facilitará mais no seu avanço, que uma atitude de reserva crítica ou hostil.

O fato de que o homem emane ou irradie dele próprio uma cobertura etérea, fica registrado pelas auréolas ou halos mostrados nas manifestações artísticas que tem como tema as personagens com características de santidade. Os não santos não são distinguidos dessa maneira, não porque não estejam rodeados de aura, mas porque nesse caso a aura apresenta-se como uma nuvem de forma e cor irregulares que reflete sua mentalidade indisciplinada, da mesma forma que as nuvens de chuva refletem a luz em diferentes cores.

A aura do homem de mente limpa, que dominou suas emoções, se expressa como um halo de forma definida e bela iridescência, regularmente estriada como as cores do espectro do arco íris.

Em termos bíblicos, esta aura é descrita como um manto de cores, como o que caracterizava a José, o maior dos demais filhos de Jacó, em contraste com os filhos do patriarca, menos desenvolvidos moral e espiritualmente, que não são caracterizados por tal manto.



A Hospitalidade de Abraão, de Andrej Rublëv (1415): Os três anjos representam as três pessoas da trindade. Nesta pintura se apreciam os halos da aura habituais na pintura religiosa.

Em Maçonaria o equivalente da aureola são os paramentos simbólicos portado pelos Oficiais Provisionais e Grandes Oficiais. É de azul escuro, densamente bordado em ouro, em correspondência com a cor azul escuro do centro da chama, e sua borda luminosa. “Seus Ministros são chamas de fogo”. Os Oficiais Provisionais e Grandes Oficiais são extraídos dentre aqueles que são Mestres Instalados na Ordem; quer dizer, dentre aqueles que teoricamente alcançaram a santidade, a regeneração e a Maestria sobre si mesmos, e tornaram-se unidos à Grande Loja das alturas, de onde eles “brilham como as estrelas”.

Se deduz de tudo isso que o maçom que se entrega realmente à disciplina da Ordem, não está unicamente melhorando seu caráter e purificando seus pensamentos e desejos. Ao mesmo tempo está construindo, inconscientemente, um corpo interno etéreo que formará sua roupagem, ou vestimenta, quando o corpo exterior transitório haja falecido. “Há corpos celestiais e corpos terrestres, e da mesma forma que portamos uma imagem do terrenal, portamos uma imagem do celestial”. O corpo celestial deve ser construído a partir das propriedades sublimadas do corpo terrestre. Este é um dos segredos e mistérios do processo de regeneração e transmutação que a Maçonaria está empenhada a ensinar. Esta é a verdadeira construção do templo da qual se ocupa a Maçonaria.

O Avental é um símbolo maçônico do nosso corpo, que muda e adquire progressivamente maior grau de elaboração conforme o maçom avança a superiores estágios no simbolismo da Ordem, que teoricamente se correspondem com o verdadeiro desenvolvimento que tem lugar em sua natureza espiritual. Mais ainda, da mesma maneira que existem e operam nos céus exteriores da natureza, o Sol, a Lua e as estrelas, nos céus pessoais do homem operam forças metafísicas inerentes a ele mesmo e descritas sob os mesmos termos. Em nossa formação existe um campo magnético psíquico

de diversas forças que determinam nosso temperamento individual, influenciam e marcam a tendência de nosso futuro. A estas forças lhes foram dados os nomes de Sol, Lua e planetas, e a arte de sua interação era a antiga ciência da Astronomia, ou, como se denomina hoje em dia, Astrologia, que é uma das artes liberais e ciências recomendadas para o estudo de todo maçom, particularmente no grau de Companheiro.

A posição dos Oficiais da Loja

Os sete Oficiais – três principais e três ajudantes, com um oficial que serve de ligação com o mundo exterior – representam sete aspectos ou faculdades da consciência, psicologicamente interativas e coordenadas em uma unidade, de maneira que constituem “uma Loja justa e perfeita”. Um homem sem qualquer uma de suas faculdades fica desordenado ou sem coordenação, e é considerado louco, como também uma loja estaria imperfeita e incapacitada para o trabalho efetivo se seu mecanismo funcional estivesse incompleto.

O Sete é universalmente o número da plenitude. Os períodos de tempo da Criação foram sete. O espectro da luz consiste em sete cores; a escala musical consta de sete notas; nossa divisão do tempo é em semanas de sete dias; nossas mudanças fisiológicas decorrem em ciclos de sete anos. O próprio homem é um organismo de sete dimensões, em correspondência com o que foi citado, e a duração normal de sua vida é de sete multiplicado por dez.

O Mestre, ou Oficial Chefe, é no homem o princípio espiritual que há nele, que é parte superior e raiz de seu ser e a quem todas as faculdades subsidiárias devem subordinar-se e prestar conta. Quando o Mestre dá golpes de malhete, os Vigilantes repetem os

golpes ao mesmo tempo. Quando o Princípio Divino do homem fala na profundidade de seu ser, o resto das partes de sua natureza devem reverberar em sintonia. Sem a presença deste Princípio Divino nele, o homem seria menos que humano. Por sua presença pode chegar a ser mais que humano. Cultivando a consciência desse princípio que há nele próprio, o homem pode voltar-se uno com ele na proporção em que renuncie a tudo o que há em si mesmo que seja menos que divino. É a inextinguível luz do Mestre que, sendo imortal e eterna, continua brilhando quando todo o temporal e mortal tenha desaparecido.

O Primeiro Vigilante é a antítese e polo oposto do Mestre da Loja. Personifica a alma, o princípio psíquico do homem que, se não está associado e iluminado pela maior luz que assume o Espírito ou Princípio Mestre, não possui, em absoluto, luz inerente e própria. Quando muito, não pode fazer no Ocidente outra coisa do que refletir e transmitir essa luz do Oriente, assim como a Lua recebe e reflete a luz do Sol, na maçonaria se diz a luz do Primeiro Vigilante é como a luz da Lua. Na Natureza, quando a Lua não é iluminada pelo Sol, é invisível e virtualmente não existe para nós; quando visível corresponde a um dos astros mais resplandecentes. De forma similar, a inteligência humana é valiosa ou desprezível dependendo se é irradiada pela Luz Mestre ou Princípio Divino, ou funciona unicamente na escuridão, alimentando-se de suas próprias energias não iluminadas. No primeiro caso se trata da faculdade suprema, transmissora da Suprema sabedoria; no segundo caso não é capaz de oferecer nada melhor que a bruta razão.

A meio caminho entre a Luz Mestre do Oriente e a Lua no Ocidente se encontra localizado, no Sul, o Segundo Vigilante, que simboliza a terceira grande luz, o Sol. Maçonicamente o Sol representa a inteligência humana iluminada, que é resultado da mentalidade material do cérebro profundamente permeada e

iluminada pelo Princípio Espiritual. O Sol indica que ambos se encontram em um estado de interação equilibrada e harmoniosa, de forma que o Segundo Vigilante personifica o ponto de equilíbrio ou ponto de encontro entre a razão natural do homem e sua intuição espiritual. Nesse sentido é que ele, representando esta condição mental iluminada, afirma no Segundo Grau (que é o grau de desenvolvimento pessoal onde teoricamente esta condição é alcançada) que tem sido capacitado nesse grau para descobrir um símbolo sagrado situado no centro da loja, e que alude ao Grande Geômetra do Universo. O que significa, assim, que o homem que realmente avançou (não apenas cerimonialmente) ao Segundo Grau de desenvolvimento pessoal, discerniu que Deus não está fora dele, mas sim em seu interior e projetando sua sombra sobre seu próprio corpo ou organismo; um descobrimento no qual está obrigado a se aprofundar com fervor e zelo, de forma que possa entrar em comunhão de maneira cada vez mais íntima com o Princípio Divino. Não obstante, este é um processo que requer tempo, esforço e luta interna. A comunhão não se alcança repentinamente. Aparecem obstáculos, “inimigos” no caminho, entorpecendo o progresso devido às próprias imperfeições e limitações do aspirante. Estas devem ser gradualmente vencidas, e a erradicação delas, aludida no sinal do grau, indica que ele deseja limpar seu coração e expulsar todo mal dele, para purificar a si mesmo e permitir uma união mais íntima com a Luz pura. É unicamente graças a esta “luz solar”, a esta iluminação que acaba de encontrar, que ele tornou-se capaz de olhar nas profundezas de sua própria natureza; é este o “Sol” que, assim como Josué, reza para que possa ficar parado, e sua luz retida com ele até que haja alcançado a conquista de todos esses inimigos. O problema do tão desacreditado milagre bíblico do Sol detendo-se fica resolvido: quando seu verdadeiro significado é entendido à luz da interpretação proporcionada pelos compiladores do ritual maçônico, que bem sabiam que não era o astro solar o que se deteve

em seu curso, violando as leis naturais, mas que o “Sol” em questão denota um estado perceptivo que é experimentado por todo aquele que, neste Vale de Aijalom¹³, empreende a tarefa de conquistar-se a si mesmo e de “livrar as batalhas do Senhor” contra suas mais baixas tendências.

Temos falado do Primeiro e Segundo Vigilantes em seus respectivos significados psicológicos e sendo descritos como a Lua e o Sol. Neste contexto é conveniente assinalar que tanto a luz do Sol como a da Lua se extinguem na escuridão do Terceiro Grau. No grande trabalho de transformação pessoal são luzes que nos ajudam a elevar-nos até certo ponto. Quando este ponto é alcançado elas não estão mais disponíveis; o “toque” de cada um deles acaba “deslizando”, e unicamente a Luz Mestre ou Princípio Divino assume e completa a mudança regeneradora: “Nunca mais o sol a iluminará de dia, nem a lua, de noite; pois eu, o SENHOR, serei para sempre a sua luz, e a minha glória brilhará sobre você. Eu serei o seu sol e a sua lua, um sol que nunca se põe, uma lua que não para de brilhar. A minha luz brilhará sobre você para sempre, e os seus dias de luto chegarão ao fim”. (Isaías 60, 19-20).

Os três Oficiais menores e o Cobridor ou Guarda Externo que, com os três principais completam o septeto executivo, representam as energias dos três Oficiais principais, transmitidas em direção das mais baixas faculdades do organismo humano. O Primeiro Diácono, como emissário e ajudante do Mestre, constitui onexo entre o Oriente e o Ocidente. O Segundo Diácono, como emissário

¹³ NT: O Vale de Aijalom foi mencionado pela primeira vez no Livro de Josué como onde Josué derrotou cinco amorreus reis. Após a sua meia-noite marcha para resgatar a cidade de Gibeão da coalizão liderada pelo Rei de Jebus (Jerusalém), Joshua prosseguiu a coligação para o Oriente, para baixo através da descida de Bete-Horom, e depois para o sul através do vale de Aijalom. Para permitir aos israelitas completar o percurso antes do anoitecer, Josué pediu ao Senhor para alongar o dia proferindo o comando: “Sol, fique tu ainda sobre Gibeão, e tu, lua, no vale de Aijalom”. Josué 10:11 - 14 diz que “O sol parou no meio do céu e atrasou por quase um dia inteiro. Nunca houve um dia como se antes ou depois ...”

Fonte: <http://www.cafetorah.com/portal/Vale-de-Aijalom-Ayalon>

e ajudante do Primeiro Vigilante, encarna o nexo entre o Ocidente e o Meio dia; enquanto que o Guarda Interno atua sob o controle imediato do Segundo Vigilante, e em ação mútua com o Guarda Externo, sendo este o ponto de contato com o mundo exterior das impressões sensitivas.

Desta forma os sete Oficiais são uma cópia do mecanismo da consciência humana; representam uma série de partes discretas mas coordenadas que conectam a natureza exterior do homem com seu Princípio Divino mais interior, e proporcionam os canais necessários para a ação recíproca entre os polos espiritual e material de seu organismo. Em outras palavras, e para representar com um símbolo alternativo a mesma realidade, o homem é, potencialmente, um candelabro dourado de sete braços. Potencialmente sim, enquanto não haja transmutado os metais não nobres de sua natureza em ouro, ou acendido as sete velas ou partes de seu organismo com o Divino Princípio ou Fogo Prometeico. Enquanto isso o símbolo do que é possível para ele é oferecido para sua reflexão e contemplação, podendo estudar com o proveito e descrição do homem aperfeiçoado e regenerado dado em Apocalipse 1, v. 2-20. Para resumir, os sete Oficiais representam as seguintes dimensões do mecanismo humano:

Venerável Mestre: Espírito (Pneuma)

Primeiro Vigilante: Alma (Psiche)

Segundo Vigilante: Intelecto (Nous)

Primeiro Diácono: Nexo entre Espírito e Alma

Segundo Diácono: Nexo entre Alma e Intelecto

Guarda Interno: Natureza sensível interna (astral)

Guarda Externo: Natureza sensível externa (físico)

As Grandes e Pequenas Luzes

O propósito da Iniciação pode ser definido da seguinte maneira: estimular e despertar o Candidato à cognição e demonstração irrefutável de fatos e verdades de seu próprio ser, sobre os quais era ignorante ou vagamente informado. O propósito da Iniciação é colocá-lo direto e consciente em contato com as Realidades que subjazem sob a imagem superficial das coisas, de forma que, em lugar de sustentar meramente crenças ou opiniões sobre ele próprio, o Universo e Deus, se veja confrontado de forma direta e convincente com a própria Verdade; e finalmente seu propósito é mover-lhe a converter-se no Bem e na Verdade que lhe tem sido revelados, identificando-se com eles (este é, desde logo, um processo gradual que implica mais ou menos tempo e esforço em proporção à capacidade e substrato do próprio candidato).

A restauração da luz ao candidato no Primeiro Grau assinala, portanto, uma importante crise. Simboliza o primeiro aumento de percepção que, graças a suas sinceras aspirações e ao bom ofício dos guias e instrutores, em cujas mãos se entregou, lhe tem proporcionado a Iniciação. A Iniciação lhe tem revelado um triplo símbolo, ao que nos referimos como as Três Grandes e emblemáticas Luzes da Maçonaria: a Bíblia Sagrada, o Esquadro e o Compasso, estando as três em conjunção, deitadas as duas últimas sobre a primeira. Este triplo símbolo, que é o primeiro que sua visão exterior contempla após a iluminação, representa a primeira verdade que sua visão interior está sendo chamada a reconhecer e contemplar.

Também é chamada a atenção do recém iniciado para as Três Luzes Menores, igualmente emblemáticas, aludidas pelo Sol, Lua e o Mestre da Loja (cuja interpretação psicológica já foi explicada em nossa análise dos Oficiais da Loja).

O fato é que o candidato só pode ver as Três Grandes Luzes por meio da ajuda das Três Luzes Menores. Em outras palavras, a tríada inferior é o instrumento pelo qual se contempla a tríada superior; é sua própria faculdade perceptiva (sujeito), contemplando algo maior (objeto) que ainda não está identificado, da mesma maneira que algo tão pequeno como o olho não pode ver a imensidão dos céus nem a mente finita contemplar o infinito. As Luzes Menores da inteligência normal e finita do candidato são empregadas para revelar-lhe as Grandes Luzes (ou Luzes Maiores) ou essências fundamentais de si mesmo como ser ainda não desenvolvido. Uma consciência rudimentar e limitada começa a ser consciente de sua origem e raízes submersas, e se situa em marcado contraste com suas ilimitadas possibilidades disponíveis desde que essas ocultas profundezas tenham sido desenvolvidas e postas em funcionamento. O problema do candidato e seu destino é perder-se para encontrar-se, a fim de unificar suas Luzes Menores com suas Luzes Maiores, de maneira que não funcione unicamente com uma consciência introspectiva, mas sim em aliança com a Consciência Absoluta com a qual chegará a identificar-se. No Grau do Arco Real descobrirá que esta identificação das Luzes Maiores e Menores foi teoricamente alcançada. As luzes e triângulos entrelaçados que rodeiam o altar central nesse Grau Supremo implicam a união da faculdade perceptiva com o objeto de sua contemplação, a fusão de suas consciências humana e Divina.

O que representam então as Três Grandes Luzes, e o que sugere sua conjunção íntima?

- (1) A Palavra escrita é o emblema e expressão externa da Palavra Eterna não escrita, o Logos ou Sabedoria Substancial da Divindade da qual emana toda alma vivente e que, portanto, é o alicerce ou base da vida humana. Em uma loja inteligentemente conduzida, o Volume da Lei

Sagrada deveria estar aberta no primeiro capítulo do Evangelho de São João, santo patrono da Maçonaria, de forma que sejam estas palavras as que encontrem os olhos do candidato quando lhe é restabelecido a luz e lhe é recordado que a base de seu ser é a Divina Palavra que habita e brilha dentro de sua própria escuridão e ignorância, que não estão conscientes desse fato. Perdeu-se toda consciência dessa verdade, e esta ignorância é representada pela Palavra Perdida, que todo maçom busca e que, com a devida instrução e seu próprio esforço e trabalho, espera encontrar. Encontrando-a encontrará todas as coisas, pois haverá encontrado ao próprio Deus. Que o candidato reflita também sobre o fato de que tem sido o movimento secreto e os impulsos desta Palavra que lhe tem impelido a entrar na Maçonaria e buscar uma Iniciação que lhe conduza à Luz. Nas palavras de um grande iniciado, “sua busca é a causa de sua descoberta”; pois a descoberta não é senão o último acesso de consciência dessa força interior que a princípio impulsionava à busca da luz. Conseqüentemente ninguém pode entrar apropriadamente na Ordem, ou esperar uma iniciação real, quando se une a ela por qualquer outro motivo que não seja o de encontrar a Deus, o “tesouro escondido” dentro de si mesmo. Seu primeiro lugar de preparação deve ser “no coração”, e seu desejo supremo e ânsia deve ser essa Luz que, uma vez obtida, é a Onisciência levada a sua própria consciência; de outro modo toda cerimônia de iniciação resultará vazia ainda que compreendam os símbolos externos e suas alegorias.

- (2) O Esquadro, descansando sobre o Volume da Lei Sagrada, é o símbolo da alma humana tal e como foi gerada pela Palavra Divina, que repousa sob ele. Essa alma foi criada perfeita, cúbica, e assim como tudo que procede do criador

foi criada “com perfeição”, ainda que investida com a liberdade de escolha e a capacidade de errar. O Esquadro de construtor, em qualquer caso, empregado como símbolo maçônico, é verdadeiramente uma aproximação de um triângulo com seu vértice para baixo e sua base para cima, o que é um símbolo da alma e da constituição psíquica do homem verdadeiramente antigo, e é conhecido como o Triângulo de Água.

- (3) O Compasso entrelaçado com o Esquadro é o símbolo do Espírito da Alma, sua energia funcional ou Fogo. A Alma por si mesma não seria senão uma passividade inerte, um ente negativo desequilibrado sem um oposto positivo. Suas propriedades ativas são o produto da união de si mesma com sua base subjacente e de inspiração divina, modificadas pelas tendências boas ou más da própria alma. Deus “insuflou no homem o alento da vida, e o homem já não era uma alma, como a era antes, senão uma alma vivente, de ardente energia”. Este produto, ou ardente energia da Alma é o Espírito do homem (uma força boa ou má dependendo de como seja formada) e é simbolizada pelo que sempre tem sido conhecido como o Triângulo de Fogo (com o vértice para cima e a base para baixo), aproximadamente representado pelo Compasso.

Para resumir, as Três Grandes Luzes contêm a tríada base, intimamente entrelaçada, do ser humano: 1) A Divina Palavra ou Essência como seu alicerce; 2) uma Alma passiva emanada do primeiro elemento; 3) um Espírito ativo ou energia gerada na Alma como resultado da interação dos dois primeiros. O próprio homem (contemplado fora do corpo temporal que agora lhe reveste) é uma tríada que procede e tem suas raízes na Essência Divina.

Observe-se que no Primeiro Grau as pontas do Compasso ficam ocultas pelo Esquadro. No Segundo Grau, uma ponta é mostrada. No Terceiro ambas as pontas ficam expostas. Isso implica que, conforme o candidato progride, a inércia e negatividade da alma se transmutam progressivamente e esta fica coberta pela energia positiva e a atividade do espírito. O Triângulo de Fogo assume preponderância gradualmente sobre o Triângulo de Água, significando que o Aspirante alcança uma vida mais intensa e consciente do que era no princípio.

Abertura e encerramento da Loja:

- Grau de Aprendiz

Sendo a loja, com sua disposição e oficiais, uma representação sacramental do ser humano e do mecanismo da consciência pessoal, a abertura de uma loja nos sucessivos graus implica capacidade para expandir, abrir e intensificar essa consciência em três estágios distintos que excede o nível normal aplicável aos assuntos mundanos ordinários.

Este fato é muitas vezes esquecido nas lojas maçônicas. As aberturas e encerramentos são contemplados como uma formalidade ritual desprovida de propósito interior ou significado, quando em realidade são cerimônias altamente instrutivas e rituais com propósito particular, que não deveriam ser profanados com uma representação mecânica informal ou sem compreender o que implicam.

Assim como uma flor abre sua loja quando desabrocha suas pétalas e oferece seu centro ao sol que a vitaliza, assim a abertura de uma loja maçônica é uma representação sacramental da abertura

da mente humana e o coração a Deus. É uma representação dramatizada dos processos implicados em sua realização.

São postulados três graus para tal abertura. Primeiro, um apropriado para o nível de desenvolvimento do Aprendiz; um simples *Sursum corda* ou “Corações ao alto!” sobre o nível cotidiano das coisas externas. Segundo, uma abertura mais avançada na arte e capaz de maiores ganhos que os dos Aprendizes. Esta abertura proclama ser “sobre o esquadro”, enquanto que a abertura do Primeiro Grau não o é. Deduz-se implicação do uso da natureza psíquica e da natureza intelectual superior (simbolizada, como explicado anteriormente, pelo Esquadro). Terceiro, uma abertura ainda mais avançada, que declara ser no centro, para aqueles com o grau de Mestre Maçom, que assinala uma abertura de consciência sobre o próprio centro e profundidade do próprio ser. Até que ponto e em que grau podemos, cada um de nós, abrir nossa loja pessoal, é que determina nossa verdadeira posição na Maçonaria e revela se somos na realidade Mestres, Companheiros ou Aprendizes, ou se somente o somos pelo título. O progresso nessa arte, como em todas as coisas, chega unicamente através da prática inteligente e de um esforço sincero permanente. Mas o que é habitualmente infravalorado, e é conveniente ressaltar, é o poder, como força iniciática, de um conjunto de indivíduos em que todos estejam suficientemente avançados e sejam capazes de abrir sua loja no sentido anteriormente descrito. Tal assembleia, reunida em um lugar e atuando com um propósito comum e definido, cria, por assim dizer, um redemoinho na atmosfera psíquica e mental na qual o candidato recém iniciado se vê arrastado. A tensão criada por sua energia coletiva de pensamento e vontade, que se vê intensificada progressivamente conforme a loja é aberta em cada grau sucessivo, e diminuída conforme cada grau é encerrado, atua e deixa um efeito permanente sobre o candidato (sempre que sua vivência seja igualmente sincera e se encontre “convenientemente preparado”

em um sentido íntimo), e induza a uma conexão e empatia entre ele e aqueles com os quais aspira ser elevado a uma verdadeira filiação espiritual; mais ainda, essa tensão estimula sua receptividade e induz sua mente a estar carregada e permeada pelas ideias e influências inspiradoras, projetadas sobre ele por seus iniciadores.

A razão para que um candidato não seja admitido dentro dos portais da loja sem certas seguranças, salvaguardas e sindicâncias, e ainda assim permaneça ameaçado pela espada do Guarda Interno, indica que há um perigo latente para o organismo mental e espiritual, perigo que emana dos compromissos que se adquirem na Iniciação. Assim como se descreve a espada flamígera como a guardiã da Árvore da Vida, que afugenta aqueles indignos de aproximar-se dela, a lei secreta do Espírito exerce sua vingança sobre aqueles que não estão preparados para o conhecimento de seus mistérios. Daqui nasce o mandamento “Não tomarás o Santo nome de Deus em vão, quer dizer, Não invocarás a Energia Divina para propósitos vãos e ímpios”.

Aqui, e em geral ao se tratar dos sinais, toques e palavras empregadas e comunicadas nos rituais iniciáticos, vale a pena citar um sábio irmão maçom que, certamente, não os considera como meros procedimentos ritualísticos mecânicos representados em loja, mas como o que são quando são empregados inteligentemente por aqueles que foram instruídos plenamente na ciência espiritual e estão capacitados para usar os sinais, toques e palavras com poder dinâmico e eficiência real:

“Os símbolos dos Mistérios encarnados nos emblemas do Esquadro e do Círculo constituem a eterna linguagem dos Deuses, que é o mesmo em todos os mundos e por toda a eternidade. Seu começo não se encontra nos anos nem seu fim se acha nos dias, pois correm à margem do tempo e são conaturais à eternidade. São a Palavra de Deus, o Logos Divino,

articulados sob a forma de linguagem. Cada sinal possui sua correspondente expressão vocal, gesto corporal ou intenção mental. Isto é de grande importância para o estudante da Sabedoria, pois nele radica a principal razão do secretismo e severa discrição dos servidores dos Mistérios, sem o qual as doutrinas secretas acabariam encontrando expressão nos lábios ou através dos gestos de pessoas indignas de possuir os segredos. O poder secreto dos Mistérios se encontra no interior dos sinais. Em qualquer pessoa que aspire alcançar estados naturais e sobrenaturais por um processo de desenvolvimento, não achando-se seu coração em devida sintonia e não prestando sua mente atenção ao divino, mas unicamente ao humano dentro dele, este poder se torna em poder para o mal em lugar de ser poder benéfico. Um iniciado desleal é capaz de, no grau dos Mistérios que tenha alcançado, e em virtude de sua preparação anterior, desviar o poder para fins demoníacos, diabólicos, astrais e perigosos. O uso de sinais, sons vocais, gestos físicos e intenções mentais estava absolutamente proibido, salvo sob condições, rigorosamente provadas. Por exemplo, a articulação de um som simbólico, ou a realização de um gesto físico que corresponda ao sinal de um grau determinado, em uma congregação de grau inferior, resultava fatal em seus efeitos. Jamais se admitia, em cada grau, a iniciados que não houvessem alcançado esse nível de desenvolvimento. Apenas os iniciados neste grau, ou dos graus superiores, são capazes de suportar a pressão da força dinâmica gerada na atmosfera espiritual e na egrégora concentrada neste grau. A realização mental de um sinal, sob tais circunstâncias, desencadeia imediatamente o poder oculto que se encontra a ele associado. Em todas as congregações de iniciados um Guarda Interno estava situado junto à porta do santuário, coro ou oratório, com a espada desembainhada em sua mão, sendo sua missão afugentar os intrusos e os não

qualificados. Não era uma questão formal nem uma figura metafórica. Qualquer homem que tentasse entrar, e conseguia atravessar a padieira, o fazia arriscando sua própria vida. Sinais secretos, palavras de passe e outras provas eram aplicadas a todos aqueles que se chamasse à porta, antes que lhe fosse concedido admissão. A posse dos Mistérios após a iniciação, e o uso de sinais, fossem orais, gestuais ou volitivos, com intenção de uso (não uma mera repetição mecânica), libera poderes ocultos dirigidos ao objeto de sua particular intenção, estivesse presente ou ausente, ou com propósitos benéficos à causa em contemplação.” (*H. E. Sampson’s Progressive Redemption*, pp. 171-174)”

“Abrir a loja” do próprio ser às mais altas verdades não é uma tarefa simples para aqueles que a fecharam e selaram com seus habituais métodos de pensamento, preconceitos e desconfiança de tudo aquilo que não é empiricamente demonstrável. Todas estas debilidades devem ser erradicadas, e a loja deve estar devidamente “coberta” delas; não tem lugar nem parte no mundo interior do homem reflexivo. O esforço e a prática também são precisos para se conseguir a estabilidade da mente, o controle das emoções e dos pensamentos, e para adquirir a paz interior e a harmonia de todas nossas partes. Assim como a cerimônia formal de abertura da loja se executa exclusivamente no trabalho conjunto dos oficiais, a devida abertura de nosso ser interior a Deus somente se pode conseguir por meio do consenso de todas nossas partes e faculdades. A ausência ou falha de qualquer delas invalida o conjunto.

O Venerável Mestre não pode abrir a Loja sozinho; apenas pode convidar a seus Irmãos que o ajudem a realizar esta tarefa por meio de um processo conjunto e com a vontade de seus subordinados em uníssono. Assim também se sucede para abrir a

loja da alma humana. Sua vontade espiritual, como faculdade mestra, insta suas outras faculdades que a ajudem; “certifica-se de que todos os presentes sejam maçons”, cuidando para que seus pensamentos e motivos para aproximar-se de Deus sejam puros; chama estes irmãos à ordem para provar sua devida qualificação no trabalho a realizar; e só então, após comprovar que a loja está apropriadamente constituída, assume a responsabilidade de invocar a Bênção Divina e seu influxo sobre este conjunto em comunhão.

O Salmista David escreve: “Oh! Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união. É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Arão, e que desce à orla das suas vestes”. Ensina que o influxo divino, quando desce como resposta a tal invocação, inunda e ilumina todo o organismo humano, incluídos os sentidos (que são “a orla das vestes” da alma). Compara também as palavras do Mestre Cristão: “Quando ores, retira-te de tua câmara secreta” (a Loja da Alma) “e quando hajas fechado a porta” (colocando sua mente a coberto de toda a preocupação e pensamento exterior), “reza ao pai que vê em segredo e que te recompensará” (pela comunhão de consciência).

Tudo o que foi dito pode ajudar a interpretar todo o significado do solene propósito da Abertura no Primeiro Grau, assim como indicar a natureza das condições e atmosfera espiritual que deveria existir quando uma loja abre trabalhos nesse grau. Se a abertura da loja é uma verdadeira abertura no sentido aqui indicado e não unicamente uma formalidade cerimonial, se as condições e atmosfera mencionadas se materializam na sessão maçônica, fica evidente que devem produzir um poderoso efeito sobre o candidato que penetra nela buscando iniciação e progresso espiritual.

Se é realmente um candidato meritório e dignamente recomendado, convenientemente preparado em seu coração e sincero buscador da luz, sua mera entrada, em tal atmosfera, lhe

impressionará e despertará as faculdades dormentes em sua alma, constituindo uma iniciação e uma recordação indelével, enquanto que no plano sensitivo de sua mente, assim estimulada, será receptivo às ideias projetadas sobre ele pelos irmãos reunidos que lhe estão iniciando e o recebendo em uma comunhão espiritual. Pelo contrário, se for um candidato indigno ou não convenientemente preparado, essa atmosfera e essas condições lhe repelirão e será ele mesmo o primeiro a desejar retirar-se e não repetir a experiência.

O Fechamento da Loja no Primeiro Grau implica o processo inverso à Abertura: o relaxamento das energias interiores e o retorno da mente ao seu nível anterior e habitual. Não sem antes expressar gratidão pelos Divinos favores e dons recebidos durante o período de trabalho, e não sem um chamamento de manter fechado o livro do coração e deixar à margem o uso de suas joias até que sejamos devidamente chamados a retoma-las, pois o silêncio e o segredo são essenciais para o crescimento interior do homem. “Aquele que viu a Deus é mudo”.

- Grau de Companheiro

A abertura no Segundo Grau pressupõe uma capacidade para abrir a natureza interior e a consciência a um estado muito mais avançado do que é possível para o principiante, que teoricamente deve submeter-se a um longo período de disciplina e aprendizagem do trabalho elementar de preparação, e ser capaz de satisfazer certas provas antes de estar capacitado para avançar ao grau de Companheiro.

Novamente, essa abertura pode ser um trabalho pessoal para o maçom individual ou então um trabalho coletivo, em uma loja de

Companheiros e Mestres, para passar um Aprendiz ao Grau de Companheiro. A Palavra de Passe para admitir o Aprendiz que se ache credor ao grau de Companheiro contém um grande significado, mas que habitualmente passa despercebido e incompreendido. Diz-se que significa “em abundância”, e que é representado por “uma espiga junto à água” (ambas são a tradução hebraica da palavra em questão). Observe-se que isto pretende descrever ao próprio Candidato e à sua condição espiritual. É ele mesmo quem é como uma espiga plantada junto à água e nutrida por esta. Seu crescimento espiritual, tal e como foi adquirido no grau de Aprendiz, está representado pela espiga; a causa fertilizadora de seu crescimento é o derrame do orvalho vivificador do Céu sobre sua natureza interna como resultado de seu desejo de alcançar a luz.

O trabalho para o grau de Aprendiz consiste em alcançar a pureza e o controle sobre sua natureza inferior, seus apetites e suas afeições. Está simbolizado pelo trabalho sobre a pedra bruta, tal e como é arrancada da pedreira, e com o fim de dar-lhe devida forma para que possa ser útil para a construção. A “pedreira” é o material grosseiro e indiferenciado, o conjunto de almas da humanidade de onde tem sido extraído para a via individual neste mundo, onde sua missão é converter-se em um verdadeiro cubo ou em uma cantaria perfeita, para integrar-se na estrutura do Templo desenhado pelo Grande Arquiteto, e que deve ser construído na Jerusalém celestial a partir de almas humanas aperfeiçoadas.

O trabalho de Aprendiz está relacionado com o submetimento de sua natureza sensorial e suas propensões que, uma vez alcançado dá passagem ao seguinte estágio, que é o desenvolvimento e controle de sua natureza intelectual; a investigação dos “caminhos ocultos da natureza” (quer dizer, da psicologia humana) “e das ciências” (a *gnose* do autoconhecimento, a qual, levada ao seu

limite, “conduz ao trono do próprio Deus” revelando os segredos mais profundos de sua natureza e os princípios básicos do intelecto, distintos da verdade moral). Deve-se enfatizar que se diz ao candidato que agora lhe é permitido “estender suas investigações” a estes caminhos escondidos. Há perigo para a mentalidade do candidato se este trabalho é abordado antes da purificação, que deve ser conquistada no grau de Aprendiz. Então que a permissão não seja concedida até que a tarefa preliminar seja feita e devidamente testada.

O trabalho do 2º grau é, por conseguinte, um trabalho puramente filosófico que implica uma profunda autoanálise, assim como a vivência de fenômenos incomuns conforme as faculdades psíquicas da alma comecem a desenvolver-se e a Verdade abstrata é apreendida (anteriormente considerada como questão matemática). Este trabalho vai além do horizonte mental, assim como da capacidade do maçom moderno, ainda que nos Mistérios da antiguidade a *Mathesis* (ou disciplina mental) era uma característica preponderante que teve como fruto gigantes intelectuais da Filosofia grega. Assim hoje em dia o grau é monótono e pouco atrativo, pois a experiência psíquica e os princípios intelectuais não podem ser apresentados de forma espetacular ou dramática.

O Ritual estabelece que nossos antigos irmãos deste grau se reuniam no pórtico do Templo do rei Salomão. Isto é uma forma de dizer que a filosofia natural é o pórtico para alcançar a Sabedoria Divina; o estudo do homem conduz ao conhecimento de Deus, revelando ao homem a divindade final de sua natureza. Platão chamava a este estudo, ou autoanálise da natureza humana, de Geometria, medida da Terra; o teste, discussão e fixação dos limites, proporções e potencialidades de nosso organismo pessoal em seus aspectos físico e psíquico. A consciência natural ordinária

se dirige para fora; percebe unicamente objetos externos; pensa unicamente em uma Divindade exterior separada e distante de nós. Consequentemente pode conhecer somente sombras, imagens e ilusões. A ciência dos mistérios estabelece que esse processo deve ser invertido: da mesma forma que tens fechado e posto a coberto a porta de tua loja contra todo estranho, assim também deves fechar toda percepção de imagens exteriores, todo desejo de objetos externos e bem estar material, e dirigir tua consciência e aspirações totalmente a teu interior. O Princípio Vital e Imortal – o Reino dos Céus – está em teu interior; não esperes encontra-lo fora de ti. Como o Filho Pródigo da parábola tens vagado para longe, a uma terra remota, e perdeste toda consciência dele. Tens descido mais e mais, como em um movimento em espiral ou em uma escada em caracol, em direção a este mundo inferior e esta forma imperfeita de existência que rodeia em torno de ti enquanto tuas vestimentas se espedaçam progressivamente, até que também se torne denso teu corpo exterior de carne; enquanto tua mente tece sobre si véu após véu de noções ilusórias no que diz respeito a tua verdadeira natureza e a essência da verdadeira Vida. Agora chegou o tempo e o impulso para que voltes a este mundo interior. Não olhes mais para fora, senão para dentro. Sobe esta mesma escada em caracol, que te levará a este Centro de Vida e *Sancta Sanctorum* de que desviastes. Quando o Salmista Davi escreve “Quem subirá a colina do Senhor? Aquele de mãos limpas e coração puro”, o significado é idêntico ao que está implícito na subida da escada em caracol interior do Segundo Grau. Uma purificação preliminar da mente é essencial para elevar-se às esferas mais sublimes do ser, e a estados de consciência mais exaltados que o habitual. Se os “segredos da natureza e os princípios da verdade intelectual” serão revelados a sua vista, tal e como o grau promete, a mente não deve estar amarrada e cega por interesses mundanos ou sujeita a paixões carnis. Se vão contemplar as próprias faculdades intelectuais e desenvolve-las até que conduzam ao trono do próprio Deus e se

enraízem na Divindade, devem ser abandonados os hábitos anteriores, os preconceitos e concepções prévias, e deve-se estar preparado para receber humildemente a iluminação que lhe inundará desde a Luz da Divina Sabedoria.

Para o estudante da disciplina mental propugnada pelo Segundo Grau, pode-se recomendar duas fontes de informações especialmente instrutivas, ambas exemplos de experiência pessoal. Uma são os *Diálogos* de Platão, assim como os escritos de Plotino e outros neoplatônicos. A outra fonte são os registros dos místicos contemplativos cristãos, tais como Eckhart, Ruysbroeck, ou o “Castelo Interior” de Santa Teresa.

Fédon de Platão, em particular, é uma narração importante sobre as experiências psicológicas vividas no Grau de Companheiro, escrita por um iniciado nos Antigos Mistérios. A matéria é muito extensa para uma exposição mais detalhada aqui, além de novamente indicar que é uma condição mental iluminada alcançada neste grau quando acontece o descobrimento do Princípio Divino no Centro de nosso organismo; e que o sinal do Grau é equivalente a uma oração que suplica que o Sol deste estado exaltado se detenha e persista em nós até que hajamos derrotado a todos os nossos inimigos e erradicado todos os obstáculos que impedem nossa união com este princípio.

A referência a nossos antigos irmãos recebendo seu salário no pórtico do Templo da Sabedoria é uma alusão a uma experiência comum a todo aquele que se encontra no estado de desenvolvimento de Companheiro Maçom. O Companheiro aprende que as velhas contas que deve a seus semelhantes devem ser saldadas, e os velhos males reparados, e recebe o pagamento dos pecados gravados sobre seu subconsciente por esse pincel que observa e registra todos nossos pensamentos, palavras e ações. O candidato vivendo uma vida filosófica compreende que ele é

unicamente credor a este salário, e o recebe sem escrúpulo nem desconfiança, sabendo-se merecedor dele e sentindo-se feliz de expiar e purgar os velhos pecados. Todos devemos algo a alguém em nossa vida, e devemos pagar o devido à humanidade – quem sabe com lágrimas ou sofrimento – antes de saldar nossa conta com essa Justiça Eterna à qual aspiramos unir-nos.

- O Grau de Mestre Maçom

Antes de tratar da abertura e encerramento do Terceiro Grau, deve-se observar que, no simbolismo da loja, o ensinamento dos dois primeiros graus é levado até o Terceiro. A Tábua de Traçar tradicional do Segundo Grau mostra em combinação:

- 1) O Pavimento Mosaico;
- 2) Os dois pilares à entrada do Templo;
- 3) A escada em caracol; e
- 4) Uma janela sobre o pórtico.

Já foi explicado que o Pavimento Mosaico é para que o Sumo Sacerdote caminhe sobre ele, e que a janela é a que provê a luz. Este símbolo em conjunto não é mais que um glifo ou diagrama gráfico da condição do candidato que aspira o grau de Mestre Maçom. Como Sumo Sacerdote de seu próprio templo pessoal deve ter submetido tanto sua natureza corporal como suas paixões. Deve haver desenvolvido força de vontade e caráter para caminhar sobre este solo enxadrezado e resistir a seus apelos. Também deve ser capaz de subir a escada em caracol de sua natureza interior, para educar e habituar sua mente a estados de consciência mais elevadas e assim estabelecer que não se verá afetado por percepções sedutoras ou pavorosas à que tenha que enfrentar. Cultivando esta “força” e a capacidade para “estabelecer” sua própria pessoa em

elevados níveis de consciência, ele coordena os dois pilares do pórtico de seu santuário mais íntimo – a saber, os suportes físicos e psíquico de seu organismo – e adquire a estabilidade que requer a regeneração antes de realizar “a última e maior prova que lhe aguarda. Em força estabalecerei minha casa, de forma que resista firme”. O organismo aperfeiçoado do homem é ao que se refere: “Minha casa”. Era o mesmo organismo e a mesma estabilidade da que falava o Mestre Cristão ao dizer *Sobre esta rocha edificarei minha Igreja, e o mal não prevalecerá contra ela*.

Durante toda a disciplina e trabalho empregados para alcançar esta estabilidade, a luz tem brilhado sobre o caminho desde o primeiro momento em que sua visão de aprendiz foi aberta a uma verdade maior; luz da ciência e filosofia da própria Ordem que constitui o “pórtico” ao último santuário interior; luz de ajudantes e instrutores cordiais; sobre tudo, a luz do Sol em seu próprio céu, que entra através da janela de sua inteligência iluminada e guia com lentidão, mas com firmeza, seus pés em direção ao lugar de paz.

Mas agora lhe aguarda, na total retirada desta amável luz, a última e maior prova de sua fortaleza e fidelidade. Uma prova que lhe imporá uma obrigação de resistência ainda mais séria. Até aqui, ainda que guiado por esta luz, ele progrediu em virtude dos próprios poderes e esforços pessoais. Mas agora chegou o momento em que estes apoios devem ser retirados, o momento em que toda confiança nas habilidades naturais, a própria vontade e o entendimento racional habitual devem ser rendidos, e o aspirante deve abandonar-se por completo à ação transformadora única de seu Princípio Vital e Imortal, sofrendo passivamente para consumir o trabalho em completa independência de suas faculdades menores. Deve perder sua vida para salva-la; deve

renunciar a tudo o que tem sentido até agora como sua vida, para encontrar uma vida em uma esfera mais elevada.

Por isso o Terceiro Grau é o da morte mística, que se representa figurativamente como morte corporal, da mesma maneira que o nascimento corporal é representado no Primeiro Grau como a entrada no caminho da regeneração. Como ilustração deste processo basta-nos referir ao diagrama da seção da Grande Pirâmide do Egito, que foi construída, não para ser templo de iniciação, senão para registrar de forma permanente os princípios que regem o processo de regeneração.

Sua passagem de entrada percorre, durante certa distância, ao interior do edifício na forma de um estreito canal ascendente através do qual o postulante que deseja alcançar o centro deve arrastar-se de forma não pouco cômoda, e com dificuldade. Isto era para representar a disciplina e o trabalho de purificação que se requer no Grau de Aprendiz.

Em um certo ponto esta passagem estreita se abre a uma galeria longa e elevada, ainda muito inclinada, pela qual o postulante deve passar, mas em liberdade e comodidade. Isto simboliza a condição de iluminação e liberdade intelectual associada ao Grau de Companheiro. Terminava em um lugar onde o candidato devia esforçar-se, novamente com suas mãos e joelhos, através da menor abertura de todas, na qual encontrava, e ainda se encontra, o grande sarcófago onde era colocado para enfrentar a final e suprema provação, e de onde era levantado dentre os mortos, iniciado e aperfeiçoado.

O título de admissão comunicado ao candidato ao Terceiro Grau é chamativo, assim como a razão que o justifica. É um nome hebreu, que se atribui ao primeiro artífice dos metais e que significa “em posses materiais”. É obvio que o nome do primeiro artesão que

trabalhou a metalurgia no sentido ordinário não tem interesse algum para nós hoje em dia, nem essa informação tem nada que acrescentar à arte da regeneração humana. Obviamente corresponde a um véu de alegoria que oculta alguma verdade relevante, que será encontrada ao se reconhecer que os nomes hebreus bíblicos não representam pessoas, mas sim que personificam princípios espirituais, e que a história bíblica não é a história ordinária de acontecimentos temporais mas um registro de feitos espirituais eternamente verdadeiros.

Esta alegoria é interpretável da seguinte maneira: sabemos, pelos ensinamentos do Grau de Aprendiz, o que “dinheiro e metais” são no sentido maçônico: representam o atrativo poder da fortuna temporal, posses e sensações de qualquer espécie. Também sabemos que devemos estar isentos da atração e sedução destas coisas, inclusive o desejo delas, para sermos absolutamente livres, se desejarmos alcançar essa luz e essas riquezas da Sabedoria que o candidato anseia. Isso não significa que se deva despojar literalmente das posses terrenas, mas que é essencial que se esteja tão absolutamente desapegado delas que não lhe importe se possui algo ou careça dele, e que estaria contente, se fosse preciso, de renunciar a elas por completo se interpor no caminho de sua busca do tesouro celestial; pois enquanto o candidato se afeita a elas, ou essas riquezas exerçam algum controle sobre ele, sua iniciação se verá irremediavelmente adiada.

Conclui-se que a alma pessoal do candidato é o citado “artífice de metais”, e que durante a totalidade de sua existência física tem estado imerso no tráfego de “metais”. O desejo de posses materiais, de sensações e experiências neste mundo exterior do bem e do mal, trouxe a alma a este mundo. Nele teceu em torno de si o seu presente corpo de carne, sendo construtora de cada desejo e cada pensamento, e acrescentando algo ou modificando seu

invólucro natural. Os filósofos gregos costumavam ensinar que as almas segregam seus corpos como um caracol segrega sua concha, e nosso poeta Edmund Spenser¹⁴ escreveu estas palavras de verdade:

Porque a alma a forma do corpo toma,
E a alma é forma e cria o corpo
*For of the soul the body form doth take, And soul is form and
doth the body make.*

Se, então, o desejo de experiência física e de coisas materiais trouxe a alma a condições materiais (como também é indicado na parábola do Filho Pródigo), o abandono desse desejo é o primeiro passo necessário para garantir o seu retorno à condição de onde emanou inicialmente. O tédio e conseqüente desgosto ante o efêmero das coisas terrenas moveu o Filho Pródigo a desejar voltar para casa. Um sentimento semelhante move a muitos homens a perder todo o desejo pelo mundano e buscar a paz dentro de si mesmo, e dirigir para aí suas energias em busca de posses que sejam permanentes e reais. Este é o momento de sua verdadeira conversão, e o momento em que está maduro para a iniciação aos Mistérios escondidos de seu próprio ser. O Primeiro e Segundo Graus da Maçonaria implicam que o candidato passou por uma longa disciplina na renúncia das coisas externas e desenvolveu o desejo pelas coisas de seu interior. Mas, apesar de já ter passado por toda disciplina dos graus, ele é representado, ao final deles, como não estando ainda totalmente purificado, e ainda estar em posse de “bens materiais” no sentido de que um resíduo de atração por eles e de dependência permanecem em seu coração; e são esses sutis elementos de apego material que necessitam ser erradicados, se a perfeição deve ser atingida.

¹⁴ NT: Edmund Spenser nasceu em 1552 na cidade de Londres e consagrou-se por suas poesias renascentistas que introduziram o bucólico às artes inglesas.

Os arraigados defeitos e tendências da alma, resultante de todos os hábitos e experiências passadas, não são eliminados repentinamente ou facilmente subjugados. A vontade própria e o orgulho são muito sutis em sua natureza e podem continuar a enganar a vítima ainda por muito tempo após ela ter expurgado as falhas grosseiras. Assim como Caim foi o assassino de Abel, toda mancha de metais comuns presente degrada o ouro do Princípio Vital e Imortal. Deve-se renunciar a este metal, morrer para ele e transmuta-lo no processo crucial do Terceiro Grau. Por isso, se outorga ao candidato um nome que lhe designa neste estado e que indica que se acha ainda “em posse de bens materiais”; isto é, que algum resíduo do espírito deste mundo ainda permanece nele, e que é necessário elimina-lo de sua natureza antes que possa ser elevado para o Sublime Grau de Mestre Maçom.

O exame do texto de abertura e de fechamento da Loja no Terceiro Grau revela toda a filosofia em que o sistema maçônico foi criado. Ele indica que a alma humana tem origem no eterno Oriente - o "Oriente" referível ao mundo do Espírito e não a uma direção geográfica - e que dali dirigiu seu curso em direção ao "Ocidente" - o mundo material que é a antípoda do espiritual da qual a alma se desviou. O propósito de tal viagem, da condição espiritual à condição material, constitui na busca e recuperação de algo que a alma perdeu, e que por meio do trabalho e da adequada instrução espera encontrar. Disto se deduz que a perda ocorreu antes de sua descida a este mundo, caso contrário, a descida não teria sido necessária. O que se perdeu não é declarado explicitamente, mas está implícito e é indicado na frase "os genuínos segredos de um Mestre Maçom". É a perda de uma palavra, ou melhor, da Palavra, o Logos Divino, ou raiz básica e essência do nosso próprio ser. Em outras palavras, a alma do homem deixou de ser consciente de Deus e se degenerou na consciência limitada terrestre do ser humano comum. É nesta

condição de que fala a parábola cósmica de Adão quando expulso do Éden, e lançado num exílio da Presença Divina, e condenado ao trabalho e às dificuldades. Os Vigilantes declaram que a busca pela Palavra que se perdeu foi um fracasso, mas que resultaram na descoberta, não da verdadeira, mas de imagens substitutas. Implica que com a força de sua inteligência meramente temporal, o homem pode encontrar neste mundo nada mais do que sombras, imagens e formas acidentais das realidades que moram por toda a eternidade no mundo do Espírito, ante o qual suas faculdades temporais se acham atualmente fechadas. No entanto, ainda há uma maneira de recuperar a consciência desse mundo mais elevado. Trata-se de colocar em funcionamento uma faculdade que reside na profundidade e centro do ser humano, e que agora se encontra adormecida. Essa faculdade latente é o Princípio Vital e Imortal que existe como o Ponto Central do Círculo de sua individualidade. Na medida que o Universo exterior é a projeção exteriorizada de uma Divindade imanente, assim o homem individual é a exteriorização e difusão de um germe Divino inerente, ainda que pervertido e distorcido pela própria vontade e desejo, que deslocaram e desconectaram sua consciência da raiz de seu ser. Basta recuperar o contato com esse central Princípio Divino, por meio de uma renúncia voluntária das obstruções que o bloqueiam e aos elementos desarmônicos em si mesmo, e o homem ao mesmo tempo deixa de ser apenas o animal racional que agora ele é, e se encontrará fundido com um novo princípio de vida Divina, compartilhando a Onisciência e cooperando com a Divindade. Ele recupera os segredos perdidos e genuínos de seu próprio ser, e abandonará para sempre os segredos substitutos, sombras e arremedos da realidade. Ele alcançará o Ponto e viverá dentro de um Centro a partir do qual nenhum Mestre Maçom pode jamais errar, nem desejará errar, pois é o fim, objeto e objetivo de sua existência.

Enquanto isso, até que se recupere o segredo perdido, o homem deverá conformar-se com seus substitutos e considera-los como símbolos sacramentais daquelas realidades ocultas, sendo o contato com elas sua grande recompensa caso se submeta às condições únicas sob as quais pode descobri-las. A existência dessas realidades e o regime essencial para a sua fruição, são preconizadas pela Maçonaria como tem sido por cada ordem iniciática do passado, e é pelo fato de que este conhecimento tenha sido sempre conservado no mundo, permanecendo acessível a todo o aspirante sincero, que expressamos nossa gratidão ao Grande Mestre de tudo, por nunca ter deixado a Si mesmo ou o caminho de retorno a Ele, sem testemunho neste mundo exterior.

Como muito já foi dito sobre a Cerimônia do Terceiro Grau, é desnecessário expô-lo ainda mais. Pode-se afirmar, no entanto, que unicamente o Terceiro Grau constitui a Iniciação Maçônica. O Primeiro e o Segundo Grau são, em sentido estrito, etapas preparatórias que antecedem à Iniciação; eles não são a própria Iniciação; eles mais prescrevem a purificação da natureza corporal e mental necessárias para qualificar o candidato para o final que coroa todo o trabalho. Para aqueles não familiarizados com o que implica uma verdadeira iniciação, e o que a diferencia da iniciação unicamente cerimonial, e que não tem noção do que a Iniciação significava nas antigas escolas de Sabedoria e ainda significa para aqueles que entendem a teoria da ciência regenerativa, é quase impossível transmitir alguma ideia do processo ou de seus resultados.

O maçom moderno, por mais alto grau que possua, é tão pouco qualificado para entender o assunto como o homem que nunca entrou numa Loja. “Para tornar-se iniciado (ou aperfeiçoado)”, diz uma antiga autoridade, Plutarco, “tem que morrer”; não uma morte física, mas numa forma moral de morrer

em que a alma se separa do corpo e da vida sensitiva, achando-se temporariamente desprendida e, assim, livre para entrar no mundo da Luz Eterna e Ser imortal. Isto, após as mais severas disciplinas preliminares, se alcançava em um estado de transe e sob a supervisão de Mestres devidamente qualificados e Adeptos que introduziam a alma liberada do candidato em seus próprios princípios interiores até que finalmente alcançava a Estrela Flamígera ou a Glória em seu próprio Centro, em cuja luz se sabia simultaneamente Glória e Deus, e se tornava consciente de sua unidade e dos Cinco Pontos de Comunhão entre eles. Após esta experiência, ao mesmo tempo terrível e sublime, a alma iniciada era trazida de volta a seu corpo temporal e se reunia “com seus companheiros de antigos trabalhos” para voltar à sua vida temporal, mas sendo agora consciente de sua Vida Eterna acrescentada ao seu conhecimento e suas competências. Só então era intitulado com o nome de Mestre Maçom. Só então podia exclamar, nas palavras de outro iniciado (Empédocles), “Adeus, todos os aliados terrestres, pois de agora em diante não sou uma criatura mortal, mas um anjo imortal que ascende à Divindade e refletindo sobre a semelhança Dele encontrei meu interior!”

Os “segredos” da Franco-maçonaria e da iniciação são, em grande parte, relacionados com os processos de introversão da alma em direção ao próprio Centro, e além desta breve referência ao assunto é improdutivo dizer mais. Mas, na confirmação do que foi indicado, pode ser útil recordar o Salmo 23, em que os Iniciados Hebreus falam tanto da suprema experiência de atravessar o vale da Sombra da Morte como das frases preliminares de preparação mental para esse calvário.

Destilando esse salmo familiar da maravilhosa metáfora dada na bela redação bíblica, seu verdadeiro significado pode ser expresso da seguinte maneira para o estudante maçom:

“O Princípio Vital e Imortal que há dentro de mim é o meu iniciador, e é completamente suficiente para me levar a Deus.

Ele me fez postar-me (em auto-disciplina e humilhação), em ‘verdes campos’ de meditação e sustento mental.

Ele me levou ao lado de ‘águas tranquilas’ de contemplação (em contraste do ‘mar turbulento da paixão’ de meu ser natural).

Ele está restaurando minha alma (reintegrando-a para fora do caos e da desordem).

Mesmo quando atravessando o mortal Vale das Trevas (meus próprios véus interiores das trevas) não temerei nenhum mal; pois esse Princípio permanece comigo como uma estrela guia. Seus sentidos e disciplinas irão me proteger.

Ele me dá os meios para superar meus inimigos e fraquezas internas; Ele unge minha inteligência com o óleo da sabedoria; o cálice de minha mente transborda nova luz e consciência.

O Divino Amor a Divina Verdade, com os quais me encontrarei cara a cara em meu centro, será uma presença constante para mim todos os dias da minha vida temporal; e depois morarei na Casa do Senhor (em corpo espiritual glorificado) para sempre.”

O Terceiro Grau é concluído, e só pode ser mais amplamente desenvolvido pela Cerimônia do Santo Arco Real. Um outro capítulo será dedicado a esta cerimônia.

O avental maçônico

A partir do que foi dito nestas páginas, o pleno significado do Avental será agora entendido, e podem ser resumidos da seguinte forma:

O avental é o símbolo da vestimenta corpórea da alma (não tanto de seu corpo físico temporal, como de sua corporeidade invisível que sobrevive à expiação da parte mortal). A alma fabrica seu próprio corpo, ou “avental”, por seus próprios desejos e pensamentos (ver Gênesis III, 7: “Então foram abertos os olhos de ambos, e perceberam que estavam nus; então costuraram folhas de figueira, e fizeram para si aventais”), e conforme sejam puros ou impuros, assim será esse corpo transparente e branco, ou denso e opaco. A investidura do candidato com o avental em cada grau, pelo Primeiro Vigilante, como delegado do Mestre da Loja para este propósito, pretende gravar esta verdade; pois o Primeiro Vigilante representa a alma que, conforme a sua própria espiritualidade, se envolve automaticamente com essa vestimenta feita por ela mesma de uma maneira que marca o seu próprio progresso ou retrocesso.

1. O avental branco sem adornos do Primeiro Grau indica a pureza da alma, contemplada como sendo fim e razão de ser desse grau.
2. As pálidas rosetas azuis adicionadas ao avental no Segundo Grau indicam que está havendo progresso na ciência da regeneração, e que a espiritualidade do candidato está começando a se desenvolver e a florescer completamente. Azul, a cor do céu, é tradicionalmente associado à devoção prestada a assuntos espirituais.
3. No Terceiro Grau o progresso ainda maior é simbolizado pelo aumento de adornos azuis no avental, como também pelas borlas de prata e pela serpente de prata usada para prender e

ajustar o avental. No Primeiro e Segundo Graus nenhum metal apareceu em cima do avental. O candidato foi teoricamente despojado de todos os metais comuns, transmutando-os em riquezas espirituais. Com a Maestria ele alcançou um influxo dessas riquezas sob o emblema das borlas de prata, um metal incolor precioso sempre associado com a alma, assim como o ouro, devido ao seu valor supremo e cor quente, está associado com o Espírito. A serpente de prata é o emblema da Sabedoria Divina tecendo a nova vestimenta da alma.

4. O azul claro e a prata do avental do Mestre Maçom se tornam intensificados na profunda ornamentação azul e dourado utilizado pelos Oficiais da Grande Loja (ou Grande Oriente), que, teoricamente, evoluíram a uma espiritualidade mais profunda e se transmutaram de prata em ouro fino. “A filha do Rei (a alma) é toda gloriosa por dentro; as suas vestes são trabalhadas de ouro”, isto é, forjada ou fabricada por suas próprias energias espirituais.

Oração para o encerramento da Loja

Oh, Soberano e mais Venerável de todos os Mestres, que por Teu amor e infinita sabedoria tens concebido nossa Ordem como meio de chamar Teus filhos para mais próximos de Ti, e para isso tens ordenado seus Oficiais, que são emblemas de Teu poder de sete dimensões; Sê para nós um Guarda Externo, e defende-nos dos perigos que nos afligem quando voltamos do que há fora para o que há dentro;

Sê para nós um Guarda Interno, e preserve nossas almas que desejam passar pelo portal dos Teus Santos Mistérios;

Sê para nós o Segundo Diácono, e ensina a nossos torpes pés os passos certos e verdadeiros do caminho que conduz a Ti. Sê também o Primeiro Diácono, e guia-nos até a íngreme e sinuosa escada em caracol que conduz ao Teu Trono;

Sê para nós o Segundo Vigilante, e no Sol do meio-dia de nossa compreensão, fala-nos em sacramentos que mostram os esplendores da Tua luz não manifestada;

Sê Tu também para nós o Primeiro Vigilante, e na terrível hora em que desapareça a luz, quando a visão falhe e o pensamento não possua mais força, esteja conosco ainda, revelando-nos, quanto podemos suportar, os mistérios ocultos de Tua sombra;

E assim, através da luz e da escuridão, levanta-nos, Grande Mestre, até que sejamos feitos um com Ti, na glória indizível de Tua presença no Oriente. - Assim seja.



Capítulo IV

O SANTO ARCO REAL DE JERUSALÉM

A Francomaçõnaria, sob a Constituiçãõ Inglesa, alcança seu clímax e perfeiçãõ na Ordem do Santo Arco Real. Existe uma variedade de outros graus que se ramificaram a partir da fonte principal do sistema maçõnico e que desenvolvem aspectos laterais de sua doutrina ou reinterpretam seus ensinamentos sob um simbolismo alternativo. Estes graus, sejam de maior ou menor mériço e interesse, ficam à margem de nossas considerações e esclarecemos que os consideramos como adições supérfluas que tendem mais a desviar a atençãõ do estudante do que ajudá-lo a aprofundar em sua compreensãõ do propósito principal da Arte Real. Pode-se receber graus adicionais de forma indefinida, mas, com que propósito, se os iniciais, que constituem todo o necessário para a compreensãõ do Ofício, permanecem insuficientemente assimilados? É uma falácia supor que multiplicar os graus resultará no descobrimento de arcanos secretos que não são encontrados nos rituais dos três primeiros graus e do Arco Real. Os graus adicionais, sem dúvida, ilustram verdades de grande interesse, frequentemente revestido de impressionante beleza cerimonial, sendo maior sua compreensãõ quanto melhor se tenha assimilado o conteúdo dos graus preliminares; mas, a busca de *segredos* é com certeza uma busca em vãõ, pois os únicos *segredos*, dignos de assim serem considerados, são aqueles que não podem ser comunicados e que só podem ser descobertos dentro da consciência pessoal daquele que os buscam, os quais são traduzidos

por representações ritualísticas de acontecimentos e experiências espirituais.

Foi, portanto, uma sensata ideia a que moveu aqueles que estabeleceram a atual estrutura da Ordem, excluindo esses refinamentos acessórios e declarando que "a Francomaçonomia consiste em três graus simbólicos e o Santo Arco Real, e nada mais", pois dentro desse âmbito se mostra, ou ao menos se esboça, todo o processo da regeneração humana; de forma que além do Arco Real, não resta mais nada realmente por dizer, embora o que tenha sido ensinado é ainda, evidentemente, suscetível de um maior desenvolvimento.

A integridade da regeneração teoricamente postulada nestes quatro estágios, está marcada, observe-se, pela expressão muito significativa empregada ritualmente no Capítulo do Arco Real, cujo significado se interpreta como "havendo meu povo obtido misericórdia", que em uma análise posterior significa que todas as partes e faculdades ("povo") do organismo do candidato foram, por fim, e como resultado de sua previa disciplina e terríveis experiências, sublimadas e integradas em uma nova qualidade e mais alta ordem de vida do que aquela anteriormente desfrutada em virtude de sua natureza meramente temporal. Em uma palavra, foi regenerado. Alcançou o milagre de "quadricular o círculo" - uma expressão metafórica para a regeneração, como explicaremos aqui.

Mesmo que não seja mais que uma ampliação e complementação do Terceiro Grau, do qual já foi parte, houveram boas razões para desligar a parte do Arco Real daquilo que atualmente forma o grau de Mestre Maçom. A combinação de ambas as partes conformava um ritual inconveniente por sua extensão, ao mesmo tempo que se requeriam mudanças na disposição dos elementos simbólicos, bem como dos oficiais, conforme a cerimônia ia se desenvolvendo, de maneira a garantir

uma representação apropriada e espetacular da liturgia. Apesar disso, o Arco Real é a conclusão natural e plena do Terceiro Grau, que revela a necessidade de uma morte mística, encenando o desencadear de tal morte e a ressurreição para uma nova vida. O Arco Real leva o processo um passo mais adiante, ao mostrar sua plenitude na exaltação ou apoteose daquele que sofreu e experimentou esse processo. Poderia dizer-se que o grau de Mestre Maçom é representado, em termos da teologia cristã, pela frase "Ele sofreu, foi sepultado e levantou dos mortos", enquanto que o equivalente da cerimônia de exaltação é "e ascendeu aos Céus".

O grau do Arco Real procura mostrar esta vida nova e intensificada que o candidato pode alcançar assim como o exaltado grau de consciência que envolve. Estando consciente apenas da condição de um homem natural, o que é próprio de todos os que nascem neste mundo, ele é exaltado (apesar de permanecer ainda em sua carne) à Consciência de uma forma sobrenatural e sem limites. Como foi dito anteriormente, o propósito de toda iniciação é elevar a consciência humana de níveis inferiores a níveis superiores, acelerando as potencialidades espirituais do homem e levando-as a toda sua extensão por meio da apropriada disciplina. Não se concebe alcançar maior nível possível que aquele onde o ser humano se une à consciência divina e conhece à maneira que Deus conhece. Ao ser esse o nível que a Ordem do Arco Real trata em suas cerimônias, conclui-se que a Maçonaria, como sistema sacramental, alcança seu clímax e culminação nessa Ordem.

Como já foi dito, alcançar esse nível requer, como requisito essencial, uma total abnegação, a renúncia e renovação da própria natureza original, a derrota dos desejos naturais, tendências e preconceitos, e o abandono e aniquilação do desejo individual por meio da disciplina, autonegação e gradual, mas vigorosa, oposição a todo o anterior, ao ponto de atrofiá-lo e fazê-lo morrer. "Aquele

que ama a sua vida a perderá; entretanto aquele que odeie a sua vida neste mundo a manterá para a vida eterna. Em verdade vos digo que se o grão de trigo caído na terra e não morrer, fica só; mas se morre dará muitos frutos".

Com o homem acontece como com a semente de trigo. Se persiste em aferrar-se à vida presente e mundana que conhece, relutando em reconhecer que lhe é possível alcançar uma vida de maior qualidade aqui e agora, ou se carece da vontade para fazer o esforço necessário para alcançá-la, ele "fica só", não chega a lugar algum, e apenas frustra sua própria evolução espiritual. Mas se está desejando *morrer*, no sentido antes indicado, assim redirecionará sua vida e submeterá seus desejos e suas energias naturais, ao ponto de conceder ao Princípio Vital e Imortal, que se acha dentro dele mesmo, a oportunidade de afirmar-se e sobrepor-se a eles. E da matéria desintegrada de sua velha natureza germinará a verdadeira vida, que crescerá nele e dará fruto, e através dos passos e frases da iniciação se elevará de seu *eu* morto a sublimes vivências que de outro modo não poderia experimentar.

Esta necessidade de *morte do eu* - não nos referimos à morte física do corpo, mas a uma mística *morte em vida* que deve incluir tudo, exceto o corpo - é o primeiro e fundamental feito que deve ser interiorizado antes de dar-se conta ou desejar compreender o mistério do grau do Arco Real. *Mors janua vitae*, a morte é o portal da verdadeira vida. Não há outra maneira. É a iniludível lei e condição do progresso da alma.

Mas, considerando ser um processo que exige "uma muito séria prova de fortaleza e fidelidade", e uma luta consigo mesmo diante da qual o temeroso e inseguro pode ficar aturdido, os sistemas iniciáticos sempre tem mostrado um exemplo para a instrução, apoio e modelo para aqueles preparados para desafiar o sacrifício necessário. Para alenta-los com a tarefa, as escolas têm

encarnado um protótipo na personagem de alguma grande alma que já tenha atravessado o mesmo caminho e saído triunfante dele. É irrelevante se é possível demonstrar sua identidade e realidade históricas ou se apenas pode ser considerado como lendário e mítico, pois seu objetivo não é ensinar unicamente um feito histórico, mas reforçar um princípio espiritual. No Egito esse protótipo era Osíris, que foi assassinado por seu perverso irmão Tifão, tendo seus membros destroçados reunidos em uma urna da qual emergiu recomposto e divinizado. Na Grécia era Baco, que foi despedaçado pelos titãs. Baldur na Escandinávia e Mitra na Europa grego-romana eram protótipos similares. Na Maçonaria o arquétipo é Hiram Abiff, que encontrou sua morte como resultado da conspiração de uma multidão de obreiros em que haviam três principais rufiões. Na fórmula cristã, senhora de todos os sistemas pois integra e reelabora todos os demais, o maior paradigma morre nos braços da população, encabeçado por Judas, Caifás e Pilatos. Se bem que na Maçonaria a morte mística é dramatizada com mais realismo que a ressurreição que lhe segue, essa ressurreição é mostrada na "elevação" do candidato à condição de Mestre Maçom e sua "reunião com os companheiros de antigos trabalhos", resultando na reintegração e reassunção de todas suas antigas faculdades e atribuições em um estado sublimado, da mesma forma que dizem que os membros ressurgidos de Osíris se reuniram em um novo todo, e o Mestre Cristão arrebatou seu corpo mutilado à morte e o retornou, transmutando-o em outro de substância e esplendor sobrenaturais.

Portanto, devemos agora considerar como o Arco Real mostra a conquista de uma nova ordem de vida. Mas é conveniente dizer de antemão que, para aqueles não habituados a ver além de valores superficiais e significados mundanos, a explicação que vai ser dada gira em torno das mais profundas verdades espirituais, assim como a avançadas experiências psicológicas modeladas em alegorias

pelo cerimonial visível, o que possivelmente apresenta certa dificuldade de compreensão e aceitação. Finalmente, o Arco Real não constituiria o grau supremo se não se movesse sobre um elevadíssimo nível de pensamento e instrução. Não foi compilado para acomodar-se à inteligência elementar que caracteriza ao neófito filosoficamente analfabeto. Pressupõe que o candidato passou por um longo e trabalhoso período de purificação e disciplina mental, no curso do qual sua compreensão foi consideravelmente alargada e aprofundada, ao mesmo tempo que sua fidelidade à sublime Luz interna que lhe conduziu são e salvo a tão longe, lhe induziu à humildade e à docilidade, preparando-o para o que ainda lhe aguarda: alcançar essa sabedoria oculta aos sábios e prudentes deste mundo, mas revelada aos recém-nascidos. Trata-se de um rito de iniciação que tem menos que ver com a bruta natureza corporal e sua vulgar mentalidade temporal que com as mais altas esferas e potencialidades de sua compreensão e consciência. Desta forma, o máximo que se pode dizer aqui não vai além de uma exposição incompleta e parcial de um tema que demanda antes uma imaginação disciplinada e uma reflexão reverencial do que um argumento fundamentado. Algumas coisas devem ser necessariamente omitidas enquanto outras são mencionadas temerosamente e correndo o risco de serem mal interpretadas ou rechaçadas por aqueles que não são conscientes de que, nesses assuntos, *a letra mata, mas o espírito dá vida, e as verdades espirituais devem ser discernidas espiritualmente.*



Antes de interpretar a Cerimônia em si mesma é recomendável primeiro indicar quatro aspectos significativos relacionados com esta Ordem Suprema, que a distingue dos três graus que conduzem a ela. Ao falar desses aspectos acessórios se fará sentir as dificuldades já mencionadas, tanto em exposição como de compreensão.

Em primeiro lugar, ninguém pode ser recebido em um Capítulo sem haver alcançado a condição de Mestre Maçom.

Em segundo lugar, o símbolo circular do Grande Geômetra, que no Segundo Grau brilhava no alto do teto do Templo, e no Terceiro Grau havia descido e ardido como um suave raio no Oriente para guiar os pés do candidato no caminho da paz, agora desceu completamente ao pavimento mosaico, onde repousa como o centro e foco cúbico de todo o organismo e leva o Sagrado e Inefável Nome, assim como os de Salomão e dos dois Hirans.

Em terceiro lugar, a constituição da Assembleia já não consta de sete oficiais, mas de nove, agrupados em três triadas em torno do Sagrado Símbolo Central.

E em quarto lugar, a Assembleia, contemplada como uma unidade, já não se denomina por Loja, mas por Capítulo.

O primeiro desses pontos (que ninguém a não ser um Mestre Maçom pode entrar no Arco Real), já foi considerado. Não é factível, nem faz parte da lei que rege os processos de evolução espiritual para alguém que não tenha experimentado o estado de morte simbólica, ter consciência do que haveria para além desta morte. Assim como uma criança que ainda não nasceu não pode conhecer nada desse mundo, em que todas as formas existem, até que seja iniciada nele por meio do parto, uma criança espiritualmente embrionária não pode nascer às funções conscientes do plano do Espírito até que se tenha desprendido totalmente da matriz carnal e a hábitos que se tenha acostumado.

Os pontos segundo e terceiro podem ser considerados conjuntamente. A nova distribuição dos elementos no templo simboliza a reestruturação ocorrida na própria organização psicológica do candidato. Esta sofreu uma repolarização como resultado da descida, ao interior de sua própria mente, daquela forte Luz central que a princípio brilhava como se estivesse nos Céus, distante e sobre ele, iluminando a trapeira de sua inteligência natural. Consideremos profundamente no que esta mudança resulta. A Estrela do Dia, que se encontra no mais alto, lhe visitou agora; a fonte geradora de toda consciência desceu ao interior do próprio metabolismo de seu efêmero corpo físico, não apenas impregnando-o de Luz, mas enraizando-se como um enxerto de forma substancial e permanente. Na linguagem teológica, Deus se fez Homem, e o Homem se divinizou em virtude desta descida e união. Em termos maçônicos, o Princípio Vital e Imortal que reside

no candidato se sobrepôs, por fim, ao princípio da vida temporal e lhe estabeleceu sobre um novo centro de vida incorruptível. Agora (quem sabe apenas agora), torna-se profundamente compreensível a necessidade das purificações anteriores, disciplina, autocrucificação e morte de toda nossa natureza inferior. Como poderia a pureza da Essência Divina achar seu tabernáculo no vasto corpo do homem sensual? Como poderia a sabedoria Eterna desvelar seus tesouros em uma mente obscurecida ou ansiosa por nada mais que o perverso metal e as buscas materiais? Como poderia a Vontade Universal cooperar e funcionar através do homem cuja insignificante vontade pessoal bloqueia seu canal, contrapondo-se constantemente a suas preferências egoístas e desejos desordenados? Um Mestre Maçom, pois, em toda a amplitude do termo, não é um homem normal, mas um homem divinizado, no qual as consciências universal e pessoal se uniram. Obviamente a qualidade de vida e de consciência entre este e o outro homem devem variar amplamente. Todo seu ser goza de uma qualidade diferente e gira sobre outro centro. Esse novo centro está descrito como o Grande Geômetra do universo pessoal do homem, na medida em que sua ação sobre o organismo de quem queira se render à sua influência origina uma redistribuição de suas faculdades funcionais e conscientes. O conhecimento deste feito foi, na época dos antigos sábios, a verdadeira e original geometria (literalmente "medida da terra", que determinava as potencialidades ocultas da terra humana ou organismo temporal submetido a forças espirituais). "Deus geometriza", escreveu Platão, íntimo conhecedor da matéria. Muitos dos teoremas euclidianos e pitagóricos, agora contempladas como meras demonstrações matemáticas, eram originalmente expressões, veladas em grifos matemáticos, da ciência esotérica da Autoconstrução ou verdadeira Maçonaria. A bem conhecida 47^a proposição do Primeiro Livro de Euclides é um exemplo disto e em consequência chegou (ainda poucos maçons modernos poderiam

explicar os motivos) a ser inscrita na joia oficial do *Past Master*. Mais ainda, a quadratura do círculo, problema que tem desconcertado a tantos matemáticos modernos, é uma expressão oculta que significa que a Divindade, simbolizada pelo círculo que tudo contém, adquiriu forma e manifestação em um "quadrado" ou alma humana. Expressa o mistério da Encarnação, conduzida para dentro da alma da pessoa.

Sob o impulso do Princípio Geometrante, que agora se encontra simbolicamente integrado no organismo temporal do candidato, uma redistribuição dos poderes que o compõe foi efetivada. Sua condição repolarizada está simbolizada por um triângulo equilátero com um ponto no centro, sendo que tal triângulo aparece, bordado em ouro, sobre a faixa portada pelos Companheiros da Ordem. O significado deste triângulo é que as três naturezas daquele que o leva (isto é, a espiritual, a psíquica e a física) agora se encontram equalizadas e equilibradas em torno a seu Princípio Vital comum que se encontra no centro, adequado e equilibrado para Seu propósito. Cada uma dessas três divisões, ainda unitárias em seu ser, são filosoficamente trinas em sua composição quando submetidas à análise intelectual. "Cada mônada¹⁵ é mãe de uma tríada" é outra máxima dos Antigos, que anteciparam a moderna proposição metafísica hegeliana de que tese, antítese e síntese são os componentes essenciais de uma verdade. Daqui surge que os três aspectos dos três lados de nosso triângulo equilátero estão personificados ritualisticamente pelos nove oficiais do Capítulo: três no Oriente, representando o lado espiritual, três no Ocidente figurando a Alma ou lado psíquico, e três elos subordinados conectando os anteriores (serão mais

¹⁵ NT: Conceito-chave na filosofia de Leibniz. No sistema filosófico deste autor, significa substância simples, algo "único", "simples". Como tal, faz parte dos compostos, sendo ela própria sem partes e portanto, indissolúvel e indestrutível.
(Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/m%C3%B4nada/>)

apropriadamente tratados quando nos adentremos à natureza simbólica dos oficiais).

O quarto ponto a tratar é a mudança da denominação de "Loja" para "Capítulo". A palavra Capítulo deriva de *Caput*, cabeça. A razão para a mudança de nome é, de qualquer forma, muito mais profunda que o mero fato de que o Arco Real se encontra na cabeça ou topo do Ofício. Faz referência, em um duplo sentido, à condição capitular e à consciência do próprio mestre do Arco Real. Em virtude de sua liderança ou supremacia sobre sua natureza material, ele se encontra além do mero trabalho do Ofício e de governar a loja de sua natureza inferior, que agora não é mais que dócil instrumento e servo de seu eu espiritual. De agora em diante suas energias se empregam principalmente no plano espiritual. A "cabeça" do organismo material do homem é o seu espírito, e este espírito, conscientemente unido com o Espírito Universal, é o instrumento supremo da Divindade e seu veículo neste mundo temporal. O organismo físico e o cérebro do homem se sublimaram e se afinaram a uma condição e eficiência imensamente avançada em relação à média da humanidade. Há implicados processos fisiológicos que não podem ser discutidos aqui, mas se pode dizer que no homem o sistema nervoso por completo contribui para carregar certos gânglios e estimular certos centros cerebrais de uma forma desconhecida para o homem comum. O sistema nervoso provê o armazenamento de energia e os meios condutores das energias espirituais, assim como os cabos do telégrafo são os meios para a transmissão da energia elétrica. Mas o verdadeiro Mestre Maçom, em virtude de sua maestria, sabe como controlar e aplicar essas energias. Culminam e alcançam a autoconsciência em sua cabeça, em sua inteligência. A este respeito podemos fazer referência a um testemunho das Escrituras obscuramente velada, cuja importância permanece imperceptível para o leitor não intuído. Os Evangelhos registram que a Paixão do

Grande Homem e Mestre finalizou *no lugar chamado Gólgota na língua hebraica; ou seja, o lugar do Crânio*; isto quer dizer na cabeça ou sede da inteligência e em um mistério da consciência espiritual. A mesma verdade é igualmente testemunhada, e novamente sob o véu da expressão simbólica, na referência ao ramo de acácia plantada junto à cabeça da tumba do Grande Mestre Maçônico e protótipo, Hiram Abiff. A tumba é a alma do candidato; o ramo de acácia representa o *Akasha*¹⁶ latente (empregando um termo oriental) o divino gérmen latente plantado no solo e que aguarda ser ativado por sua inteligência, a "cabeça" desse plano. Quando esse ramo de acácia floresce à cabeça do sepulcro de sua alma, ele compreenderá, de forma conjunta e nesse mesmo momento, o mistério do Gólgota, o mistério da morte de Hiram, e o significado da cerimônia de exaltação do Arco Real. Trata-se de um mistério de consciência espiritual, a floração da mente em Deus, a abertura da inteligência humana em consciente associação com a Mente Universal e Onisciente. É por esta razão que o crânio ou caveira goza de proeminência no grau de Mestre Maçom. Após todas estas premissas procederemos a considerar a Cerimônia de Exaltação.

É evidente, partir das investigações do Venerável Irmão Oliver, que até o ano de 1740 o elemento essencial do Arco Real fazia parte do grau de Mestre Maçom, constituindo-se em sua parte conclusiva; e que aproximadamente por essa época foi investido num grau distinto pelo corpo que se autodenominava A Grande Loja da Inglaterra sob as antigas Constituições, mais familiarmente conhecido como A Grande Loja de Atholl

¹⁶ N.T.: O **Akasha** é o princípio original, espaço cósmico, o éter dos antigos, o quinto elemento cósmico (quintessência), a quinta ponta do pentagrama.

É o substrato espiritual primordial, aquele que pode se diferenciar. Segundo a teosofia relaciona-se com uma força chamada Kundalini. Eliphas Levi o chamou de luz astral. No paganismo, o Akasha, também chamado de Princípio Etérico, corresponde ao espírito, à força dos Deuses. É representado no Hermetismo, segundo Franz Bardon, pelo Ovo negro, sendo um dos cinco Tattwas constituintes do Universo.

Dermott ou como Os Antigos, ao contrário da legítima Grande Loja, que eram chamados de Modernos. De qualquer forma a jurisdição do grau permaneceu sob as lojas de Mestres, e passaram-se muitos anos até que foram passados a corpos distintos denominados de Grandes Capítulos, mas ainda assim muitas lojas persistiram durante anos conferindo o grau do Arco Real sob a autoridade de patentes das Grandes Lojas.

Albert Mackey, Livro do Capítulo, 1858



A CERIMÔNIA DE EXALTAÇÃO

Novamente o candidato se encontra em estado de escuridão. A razão desta escuridão, no entanto, difere totalmente da que existia no estágio de Aprendiz. Naquela ocasião não era mais que um ignorante principiante na busca, realizando seus primeiros esforços irregulares e confusos em direção à Luz. Agora já passou muito além desse estágio, e vem com toda a qualificação e o paramento de um Mestre Maçom. Já se passou muito tempo desde que viu a Luz pela primeira vez, e durante este tempo ela dirigiu seus passos e nutriu seu crescimento com seus raios. E mais, após estar íntimo com a Luz, ele sabe que ela dele recua e desaparece na

grande provação do abandono do Terceiro Grau, quando, na "escura noite da alma" e totalmente desamparado de todos os seus poderes, ele aprendeu como a força poderia ser aperfeiçoada (da fraqueza) pela potente eficácia do Princípio Vital e Imortal dentro dele, em cuja presença tanto a escuridão quanto a luz são iguais

Sua atual falta de Luz inicial corresponde à escuridão do Terceiro Grau transportada para esta nova experiência. Supõe-se um momentâneo desconforto ajustar sua percepção à nova qualidade de vida na qual se está adentrando, assim como um recém-nascido é incapaz, a princípio, de focar sua vista nos objetos que se encontram diante dele. Durante uns instantes, mas tão somente uns breves instantes, o candidato se encontra em escuridão; estando realmente cego mais pelo excesso de luz que por sua falta.

Nesta condição procede a abertura de um certo lugar no qual se adentra e passa a explorar, mantendo-se, enquanto isso, ligado a seus companheiros por uma corda ou *linha vital*. O simbolismo de tudo isso é singularmente rico em alusão a certos processos de introspecção bem definidos na experiência dos místicos contemplativos, e bem descritos em seus registros. O lugar penetrado encarna novamente o organismo psíquico e material, um denso compactado de partículas materiais que reveste o mais tênue espírito interior do homem, assim como a casca reveste o conteúdo de um ovo. "Remova a pedra", se recordas, foi a primeira exclamação do Mestre na ressurreição de Lázaro. Uma vez livre deste obstáculo, o organismo psíquico se separa do físico e a mente está livre para tornar-se introvertida e trabalhar especulativamente sobre sua própria base, de buscar os conteúdos de suas profundezas inexploradas, de indagar com mais e mais profundidade em si mesmo, erradicando defeitos, eliminando impurezas, esforçando-se uma e outra vez com a energia de uma vontade constante, mas

mantendo-se em contato com a natureza física exterior por um sutil filamento, ou *linha vital*, que impede uma total separação. A situação é a mesma de quando o corpo dorme enquanto a mente está sonhando e é vividamente ativa, com a diferença de que nos sonhos a vontade não age como instrumento conscientemente diretor e regente, como acontece hipoteticamente com aqueles que, havendo alcançado o grau de Mestre Maçom, têm todas suas faculdades sob controle da vontade. Assim, todo este trabalho interior, tão rapidamente resumido e simbolicamente representado na Cerimônia, não é obra de um dia nem a tarefa casual de um fraco. Os antigos se referiam a ele como os Doze Trabalhos de Hércules, ao mesmo tempo em que sua natureza laboriosa é descrita pelo iniciado poeta Virgílio na sexta Eneida e por iluminados mais recentes. Nem mesmo quando sua natureza é apreendida totalmente constitui-se num trabalho a ser empreendido superficialmente. Ao longo da Cerimônia a maior humildade deve impregnar o candidato como condição essencial para iniciar este processo de auto-exploração, e Ele é ordenado a se aproximar do Centro, mas que deve parar e fazer uma reverência em três distintas etapas, em cada uma das quais será informado de que está se aproximando mais e mais da Essência central, esse solo sagrado de seu ser sobre o qual apenas o humilde pode andar, essa "Terra" que apenas os mansos herdarão.

É neste estado que a mente introspectiva, tateando em busca de seu próprio fundamento e centro, atinge a base do seu ser. Assim como a cerimônia simbólica mostra a apreensão de um emblema que encarna a Palavra Viva, a mente reflexiva, ao chegar ao Princípio Vital e imortal que a anima, se prepara para a vida eterna. Descobre a Palavra Perdida, a raiz divina de seu ser, da qual estava até agora dissociado. A princípio não se dá conta do acontecimento, pois a *Luz brilha nas trevas e as trevas não a compreende*. Agora

esta escuridão irá desaparecer, quando "o dia" (a nova consciência) amanhecer e as sombras (a velha mentalidade) desvanecer.

É o trabalho da mente introspectiva e o descobrimento que realiza, que é mostrado como tendo lugar de forma obscura e sombria. Aí permanece, portanto, um processo psicológico concluinte: trazer à luz esse conhecimento e desenvolve-lo em consciência cerebral formalizada, de modo que aquilo que o espírito e a alma já conhecem internamente seja conhecido externamente pela mente. A consciência subjetiva não se converte em conhecimento até que tenha sido processada pelo cérebro e passada pelo alambique nervoso e à compreensão lógica. Quando já tiver atravessado este processo e se tenha tornada formalizada, uma ação recíproca e reflexiva entre as naturezas interior e exterior é estabelecida, resultando na iluminação de todo o ser. Esta extroversão de percepções subjetivas se alcança simbolicamente pelo retorno do candidato das profundezas subterrâneas à superfície, onde se reúne de novo com seus antigos companheiros de viagem e efetua a unificação de suas partes componentes.

É nesse momento que o Mistério se consuma. Surge a Grande Luz. O Princípio Vital e Imortal alcança a autoconsciência nele. A Gloria do Senhor se revela nele e a ele, e toda sua carne a contempla.

Embora seja possível o cerimonial simbólico retrata-la, esta consumação fica representada pela restauração à Luz e revelação que, em seguida, encontra o olhar do candidato. Sua condição difere agora de qualquer outra que lhe haja precedida. Não se trata meramente da iluminação pela Luz Sobrenatural, mas consiste na identificação com Ela. Ambas se converteram em um, assim como o ferro em brasa não pode ser distinguido do fogo do forno que o envolve. No começo de sua busca maçônica o desejo predominante de seu coração era Luz. A força impulsora não era a sua própria,

mas a da própria Luz, a primogênita Luz da Luz, a Palavra da Substância Divina que buscava desenvolver-se nele. A Consciência nasce quando esta Luz se converte em autoperceptiva pela polarização no interior de um organismo fisiológico vivente. O homem provê o único organismo adaptado para alcançar essa autopercepção, mas tão somente quando esse organismo estiver purificado e suficientemente preparado para isso. No Arco Real esta conquista é hipoteticamente alcançada.

A condição alcançada pelo candidato iluminado é o equivalente ao que em teologia cristã se denomina *Visão Beatífica*, e nas culturas orientais se conhece como *Samadhi*. Também é mencionado como consciência universal ou cósmica, dado que o recipiendário, transcendendo todo sentido de individualidade pessoal, tempo e espaço, é co-consciente com tudo o que é. Ele penetrou no êxtase e na paz que vão além desse entendimento temporal que fica limitado à percepção de contrários, antinomias e contrastes que caracterizam a existência finita; ele se levantou em direção a este estado exaltado onde encontra sua resposta em harmonia celestial do Eterno. O iluminado está em consciente empatia e identidade de sentimento com tudo o que vive e sente, em virtude dessa caridade universal e amor sem limites que é o corolário de perceber a unidade de tudo no Ser da Divindade, e que no início de seu progresso lhe foi descrito como o topo do trabalho do maçom. Também sente que há um universo tanto dentro quanto fora dele, que ele compreende e hospeda microscopicamente tudo aquilo que é manifestado à sua inteligência, como o vasto universo espacial que o rodeia. É consciente por si mesmo de ser a medida do Universo; compreende que a Terra, os Céus, e tudo o que contém, são imagens projetadas de realidades correspondentes que estão presentes dentro de si mesmo. Como cabeça perfeita da criação, contempla como se reúne nele mesmo todas as formas de vida inferiores pelas quais seu organismo passou até alcançar a

perfeição. Os quatro arquétipos simbólicos representados pelo leão, o boi, o homem e a águia são emblemas muito antigos que mostram, entre outras coisas, a história da evolução da alma e seu progresso desde o estado de besta selvagem, dominada por suas paixões, até um estado na qual, sendo ainda sensual e animal, é dócil e disciplinado para o serviço, e daí passa ao estado da racionalidade humana, e finalmente a uma espiritualidade que anseia elevar-se.

De forma semelhante os estandartes das doze tribos de Israel não são mais que representações de seus protótipos, os doze signos do Zodíaco dos céus que poderiam não existir ou ser perceptíveis ao olho externo, pois são uma realidade alcançável apenas pelo olho interno; enquanto que, reunidos sob esses emblemas estão, não as tribos de uma nação terrestre, mas as *Tribos de Deus*, as hierarquias celestiais que constituem o dossel arquetípico do Santo Arco Real que se eleva acima da criação visível e que medeiam as emanções de todo esse trino Espírito de Poder, Sabedoria e Amor em que toda a complexa estrutura vive, se move e tem seu ser.

“No princípio Deus criou o Céu e a Terra. E a Terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: ‘Haja Luz’, e houve Luz”.

Com estas palavras começa a Sagrada Escritura, que é o sinal sacramental da Palavra Viva através da qual todas as coisas foram feitas, e continuam sendo feitas, e cuja vida é a luz dos homens. O candidato que recupera essa Palavra perdida, no sentido de recuperar nela a integração vital orgânica, e que, portanto, é uno com sua Vida e com sua Luz, está habilitado a discernir em si mesmo esta antiga história da criação em sua aplicação pessoal.

Ele permanece na presença de sua própria “terra” - a cripta de rocha ou densa matriz da qual seu mais alto ser surgiu - e de seus próprios “céus” ou corpo etéreo de substância radiante que (como a faixa brilhante da Ordem quer mostrar) agora cobre-o de luz como um manto. É capaz de discernir que era ele mesmo que no princípio estava “vazio e sem forma” e que em virtude do “Faça-se a Luz” se transformou finalmente desde o caos e a inconsciência a uma forma tão perfeita e lúcida que é capaz de ser um veículo consciente da própria Sabedoria Divina.

Com esta conquista simbólica da Visão Beatífica na restauração da Luz, a parte efetiva da cerimônia do Arco Real como rito iniciático, se conclui. O que segue é anticlímax e uma exposição alegórica da natureza similar à história tradicional no grau de Mestre Maçom. Para tal adota a forma de um mito ou narração dramática a cargo dos três Forasteiros¹⁷, que descrevem sua libertação desde o cativeiro na Babilônia, seu retorno a Jerusalém com a intenção de ajudar na reconstrução do Templo destruído, seu trabalho entre as ruínas e o descobrimento de um antigo e aparentemente importante pergaminho. Uma mente perspicaz não falhará em perceber essa narração histórica, ou quase histórica, como uma alegoria do processo espiritual pelo qual passa o candidato. É ele, como é cada alma humana, que tem sofrido o cativeiro da Babilônia, a confusão de Babel da existência mundana, a tirania dos interesses materiais e o caos de sua própria natureza desordenada. É ele que, ao revoltar-se contra tudo isso em momentos de reflexão, tem “sentado e chorado junto às águas da Babilônia”, o fluxo transitório das coisas temporais, e “lembrando de Sião” em um desejo de liberdade interior e permanente paz de coração. É ele que encontra o templo de sua antiga natureza sem valor e em ruínas, e avisa que sobre este terreno deve construir um outro, e de maior valor. De seu interior surge o impulso do Senhor

¹⁷ NT: em inglês *Sojourner*

interno (Kurios) que (sob a máscara do rei Ciro) convida-o a afastar-se imediatamente de seu cativeiro e ir até sua verdadeira terra natal para reerguer a Casa do Senhor. É ele próprio que descobre entre os escombros de seu antigo ser os planos e os materiais para a nova estrutura. E finalmente, quando essa estrutura está completa e o homem natural se tem reorganizado em homem espiritual, é ele que será capaz de perceber as maravilhas de seu próprio estado, de contemplar sua própria “terra” e seus próprios “céus”, agora fundidos em uma unidade à qual tanto sua natureza material quanto espiritual deram contribuições necessárias.

A constituição do Capítulo tal como é revelado pela primeira vez ao candidato é, portanto, o símbolo de seu organismo aperfeiçoado. O candidato vê que o capítulo está polarizado a Oriente e a Ocidente; o Oriente ocupado pelos três Principais, representa o polo espiritual; o Ocidente, ocupado pelos três Forasteiros, representa o polo psíquico e material, sendo cada tríada reflexo da outra, apesar de cada tríada constituir uma unidade orgânica por si mesma. São João é testemunha disso (e o rito cerimonial foi elaborado conforme os ensinamentos deste grande Iniciado) quando escreve: “Porque três são os que testificam o céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo, e estes três são um. E três são os que testificam a terra: o Espírito, a água e o sangue; e estes três concordam em um.” O significado desta afirmação metafísica é que, assim como um raio de luz branca se decompõe, como no arco-íris, em três cores primárias e ainda assim permanecem organicamente unidas, assim ambos, o espírito de autoconhecimento do homem e sua natureza psíquica, ainda que essencialmente monádica, podem dissociar-se por um prisma em uma trindade. O Espírito do homem em seus três aspectos é, portanto, apropriadamente representado pelos três Principais. Representam os três altos atributos do Espírito: Santidade, Energia Funcional, e Supremacia Real que também são aludidos no título

da Ordem: Santo, Arco, Real. Um termo médio e neutro destes três deve ser considerado como decompondo-se em si mesmo em um aspecto ativo e um passivo, ou um positivo e outro negativo, ainda que os três atuem organicamente como um (assim como sucede com os três Principais de um capítulo). Estes três aspectos de um Espírito monádico são personificados como Ageu (passivo) e Josué (ativo), com Zorobabel como termo médio do qual surgem os outros dois e no qual se fundem, pois a Majestade central é, em um de seus aspectos, silenciosa e distante, e no outro funcionalmente ativa e compulsiva.

Assim também se dá com a tríada de Forasteiros no outro polo. Eles representam o Ego humano unitário, ou personalidade, também em seu tríplice aspecto. São a antítese encarnada ou reflexo físico do Espírito humano não encarnado. Por isso se denominam Forasteiros, por não serem mais que peregrinos itinerantes ou caminhantes sobre um plano de impermanência, em contraste com a vida duradoura do espírito imortal, do qual são projeção sobre este mundo menor. Psicologicamente, a personalidade humana está distribuída entre uma subconsciência passiva e negativa e uma inteligência ativa e positiva, conectadas por um princípio central coordenador. Os três combinados constituem a individualidade unitária do homem. Meu Ego, com sua força de vontade central e diretriz, é meu Principal Forasteiro; meu subconsciente, com sua capacidade passiva e intuitiva, e minha inteligência prática com seus poderes conectores e ativos, que são o pensamento e a compreensão, que são meus Forasteiros assistentes. Deixe-me considerar que, assim como seus representantes simbólicos, eles estão vestidos de branco para serem capazes de refletir e reagir a seus correspondentes no polo Oriental ou espiritual de meu ser.

O nexos ou meio conector entre os polos espiritual e material do homem está representado por uma terceira tríada representada pelos dois Escribas e o Guardiã. O mais importante destes escribas está ligado ao polo Oriental, como se fosse seu emissário para o Ocidente; o outro está associado ao polo Ocidental, sendo suas atividades dirigidas para o Oriente; e o Guardiã é o ponto de contato com o mundo exterior. Em um de seus muitos significados eles tipificam o meio termo entre Espírito e Matéria, o meio astral ou ponte psíquica, em virtude do qual o contato entre eles é possível.

Fortemente velado sob o sacramentalismo de um conselho do Sinédrio Judaico, a cerimônia do Arco Real exhibe, portanto, de uma maneira essencialmente emblemática, o fundamento psicológico da etapa final da regeneração. Para aquele que faz uma interpretação literal dos textos sagrados e não é consciente de que tanto nas Sagradas Escrituras como nos Mistérios, a aparência superficial sempre deve ser lida com base em valores espirituais, e que os personagens quase históricos devem ser entendidos como representação de princípios filosóficos, sentirá alguma dificuldade ao ser solicitado a traduzir a quase historicidade do texto cerimonial na interpretação espiritualizada aqui oferecida. A educação e iluminação da compreensão é, no entanto, uma das intenções deliberadas dos Ritos Iniciáticos, e até que a mente seja capaz de elevar-se acima dos fatos meramente materiais e habituar-se a trabalhar no verdadeiro reino das ideias que se materializam nos fatos, e fazem os fatos possíveis, há pouca probabilidade de se aproveitar Ritos como os da Maçonaria, que seriam de valor desprezível se não fosse pela força espiritual e energia vivificante de suas ideias inerentes. Pode, portanto, ser útil e ser uma corroboração do que foi dito, se analisar os nomes hebreus dos oficiais de um Capítulo; o que se produza de sua análise demonstrará que esses oficiais representam mais que personagens.

1. Zorobabel, príncipe do povo. O nome significa literalmente *surgido de Babel*, ou *surgido dentre o Povo*. *Babel* e *Povo* são duas formas de expressar a mesma ideia. A Sociedade como conjunto, a multidão, o povo (*bebeloi*, em grego) em todos os tempos da história do mundo constitui uma Babel de confusos fins e interesses. Mas sempre há indivíduos avançados intelectual ou espiritualmente com respeito à multidão e cujas ideias, ensinamentos ou exemplo se encontram muito avançados, e a tais líderes lhes é aplicado o termo *Zorobabel*. Mas esta ilustração não expressa o mais profundo sentido que esta palavra deve ser interpretada, que é o da aplicação pessoal. O indivíduo é em si mesmo um bando vulgar, um caos, uma multidão de desejos, pensamentos e paixões confusas até que sejam submetidas à disciplina. Mas, presente entre estes e emergindo dentre eles, o homem ordinário é consciente de um elemento espiritual e mais elevado nele, que pode cultivar ou ignorar, mas que em seus melhores momentos se inflama sobre sua baixa natureza desordenada, lhe convence dos erros do caminho e lhe impele a viver nesse nível mais elevado. Este elemento enaltecido é expresso pela palavra *Zorobabel*. É o zênite e ponto focal de sua espiritualidade em oposição à sua inteligência ordinária carnal; é o topo de todas suas faculdades, o *Príncipe* de seu *povo*. É a essas mesmas faculdades ou *povo* que as palavras *havendo meu povo obtido piedade* (ou *havendo-se regenerado*) se referem, assim como no texto *O povo sentado nas trevas viu uma grande luz*.

2. Ageu, o Profeta. Como se mostrou antes, o princípio espiritual se diferencia em um aspecto passivo e em um aspecto ativo. Ageu representa o aspecto passivo e simboliza a natureza estática e contemplativa do espírito. É chamado O Profeta pelo poder de introspecção e onisciência que caracteriza àquele que transcende o sentido do tempo e guarda eternamente, e porque projeta na inteligência inferior intuições, previsões e sentimentos

íntimos de natureza profética. Dessa mesma palavra deriva o termo grego *hagios*, santo.

3. Josué, filho de Josadac, o Sumo Sacerdote personifica o aspecto ativo e dinâmico do espírito. Literalmente Josué significa *o divino salvador* e Josadac *a virtude divina*, enquanto que “o Sumo Sacerdote” conota um fator de mediador entre o homem e a Divindade. Portanto o título por completo implica que o espírito humano ou princípio divino no homem opera de forma intermediária entre a Divindade e a mais baixa natureza do homem para promover a salvação e aperfeiçoamento deste. Mostramos anteriormente como o Mestre Maçom deve ser seu próprio sumo sacerdote e caminhar sobre o pavimento mosaico de sua natureza elementar, aprendendo a pisa-la. Dessa forma os Três Principais formam uma unidade que consiste no polo espiritual do homem em seu tríplice aspecto; eles representam o cume de seu ser vivendo no plano do Espírito: santo e real, êxtase supremo, pois se acha em um estado de santidade ou plenitude; real porque é filho do Rei de toda existência; poderoso por seu poder de submeter, transmutar e redimir todo aquele que se encontra por debaixo de sua própria pureza e perfeição.

4 e 5. Esdras e Neemias. Nos grandes Mistérios egípcios, que antecederam em muito tempo o sistema hebraico, o candidato regenerado, que havia alcançado maior grau possível de transmutação de sua natureza inferior, lhe era outorgado o título de Osíris. A natureza do processo de perfeição e os rituais empregados nos são conhecidos graças a certos investigadores modernos, e são recomendados ao estudante que deseja saber quão árduo e real era esse processo e o grau extremadamente alto de regeneração a que se aspirava. Em hebraico o título Osíris mudou para Azarias (em ocasiões, Zeruías) e posteriormente se deformará para Esdras, o nome do Primeiro Escriba do Arco Real. Para compreender o significado dos dois escribas, Esdras e Neemias, é necessário

recordar que, no relato bíblico do retorno após o cativeiro babilônico, os dois eram dirigentes. Transpondo esta narração semi-histórica à sua implicação espiritual, Esdras e Neemias personificam dois estados diferentes do progresso místico realizado pelo candidato que tenta renunciar à Babel de sua natureza inferior e, reestruturando-se a si mesmo, volta à sua condição de lar espiritual de nascimento. Neemias (cujo lugar no capítulo é no Sul) representa uma reorganização parcial e um retorno incompleto. Como seu protótipo bíblico, simboliza o candidato comprometido com a reconstrução do muro de Jerusalém e ocupado no grande trabalho da própria reconstrução, não se deixando seduzir pelas tentações do mundo exterior que induzem a desistir e abandonar. Esdras (cuja posição está no Norte) encarna um avanço muito maior de Ocidente para o Oriente. O estudante preparado que leia cuidadosamente os livros bíblicos de Neemias e Esdras (incluindo os livros apócrifos de Esdras) sob esta luz, e nesta chave para encontrar seu verdadeiro significado, não deixará de aproveitar os ensinamentos que oferecem. Por esta razão também são chamados *escribas*. Ambos são registradores e testemunhas de experiências específicas, mas representativas, que se dão no homem interior em diferentes etapas do "grande trabalho" de auto integração e viagem da condição babilônica à Jerusalém espiritual.

Aqui damos por finalizado nosso exame do verdadeiro significado e propósito da cerimônia do Arco Real. Tem a ver, como é o caso, com uma suprema experiência humana que ninguém pode vivenciar sem submeter-se a ela, resultando ser o maior e mais crucial ritual da Maçonaria, e ninguém que o estude, compreendendo devidamente seu conteúdo sacramental, ocultará sua admiração pelo profundo conhecimento e introspecção do místico e iniciado, hoje desconhecido, que o concebeu, assim como pela habilidade com que compilou e lançou seu conhecimento em expressão dramática. O lamentável é que aqueles que praticam o

ritual não realizam nenhum esforço para penetrar em seu significado e estão satisfeitos com a nada iluminada e superficial representação de um ritual que mesmo exotericamente é chamativo, bonito e sugestivo. A mínima reflexão sobre o ritual sugerirá que aqui a Maçonaria não lida com o trabalho de construção de uma estrutura externa, se sim com a reconstrução do templo caído e em ruínas da alma humana; e que inclusive, assumindo que o ritual incluía alguns acontecimentos históricos passados, esses eventos não podem ter influência vital sobre a vida, caráter ou conduta de qualquer pessoa hoje em dia e não justificaria a existência de uma elaborada ordem secreta para os perpetuar.

Mas se estes acontecimentos e este ritual simbolizam algo mais profundo e íntimo, se são sacramentos que contêm verdades eternamente válidas e suscetíveis de ter lugar neste momento naqueles que as renovam no cerimonial, então requerem uma atenção maior e mais séria que a habitual. Mais ainda, se o Arco Real é a representação simbólica de uma experiência suprema alcançada e alcançável unicamente em santidade e pelo purificado, se deduz que os três primeiros graus simbólicos da maçonaria que conduzem e preparam para ele, têm um sentido muito mais profundo que aquele que lhes são comumente atribuídos, e devem ser contemplados como solenes instruções na preparação prévia para esta condição regenerada. O trabalho em loja simbólica fica inconcluso se não é completado no Arco Real. Ao contrário, este objetivo não pode cumprir-se sem a disciplina dos trabalhos prévios, a purificação da mente e do desejo, e a crucificação até a morte do eu que é a medida do mérito que qualifica a entrar nessa Jerusalém que não ocupa lugar geográfico e que é denominada a *Cidade da Paz*, porque resulta no descanso consciente da alma em Deus. Para muitos, a proposta de que alcançar tal condição ser possível ou concebível enquanto seguimos prisioneiros da carne, pode ser surpreendente ou mesmo incrível. Mas esta dúvida não se

justifica, e a doutrina maçônica a nega. Como já foi demonstrado que, ao contrário, a doutrina maçônica não postula a ausência mas a posse do organismo material como um fator necessário para se alcançar a evolução do espírito humano; esse organismo é o receptáculo em que o metal de base tem que se transmutar em ouro; é o ponto de apoio fornecendo a necessária resistência para a energização do espírito em desabrochamento e auto-consciência.

A morte física, portanto, não é um avanço, mas uma interferência com o trabalho de regeneração. A noite virá, quando nenhum homem poderá trabalhar e quando a alma meramente passa do trabalho para o descanso até ser novamente chamado para a tarefa da auto-conquista. Mas é apenas figurativa aquela necessária morte do "eu", que implica no decréscimo voluntário da assertividade de nossa natureza temporal, para permitir uma correspondente ascendência do espiritual. Mas se nas mãos de seus atuais expoentes a Maçonaria é antes letra morta que um verdadeiro Rito Iniciático, real e vivo, capaz de acelerar a espiritualidade de seus candidatos, para o aspirante sincero e perspicaz ainda é um método instrutivo de alcançar as mais profundas verdades assim como a ciência da gnose e a regeneração. Com tal fim foram escritas estas linhas, para que se possa aprender algo do método original da Ordem e educar sua imaginação sob os princípios dessa ciência. E com esse propósito, em conclusão, pode recomendar-se o Hino do Templo que os iniciados hebreus, dentre todos os salmos de Davi, é o que se refere de forma mais nítida ao conteúdo da Suprema Ordem do Santo Arco Real de Jerusalém e à conquista pessoal da condição bendita e perfeita que esse título implica:

1. *Alegrei-me quando me disseram: Vamos à casa do Senhor.*
2. *Os nossos pés estão parados dentro das tuas portas, ó Jerusalém!*

3. *Jerusalém, que és edificada como uma cidade compacta,*
4. *aonde sobem as tribos, as tribos do Senhor, como testemunho para Israel, a fim de darem graças ao nome do Senhor.*
5. *Pois ali estão postos os tronos de julgamento, os tronos da casa de Davi.*
6. *Orai pela paz de Jerusalém; prosperem aqueles que te amam.*
7. *Haja paz dentro de teus muros, e prosperidade dentro dos teus palácios.*
8. *Por causa dos meus irmãos e amigos, direi: Haja paz dentro de ti. (Salmo CXXII)*

Nestas poucas linhas é esboçado tudo o que está implícito no espetáculo simbólico que saúda os olhos do maçom do Arco Real no momento supremo de sua restauração à Luz. Exaltado e identificado com o êxtase supremo, na paz e na autoconsciência do espírito Onipresente e Onisciente e que todo o penetra, ele contempla como tem “ascendido” da Babilônia, de sua velha natureza complexa e desordenada e como sobre suas ruínas tem construído para si mesmo um corpo etéreo de glória, uma “casa do Senhor”. Ele vê como essa condição de êxtase e este corpo celestial recém-formado são os produtos sublimados de sua antiga personalidade e organismo temporal. Ele observa como cada parte separada e faculdade daquela antiga natureza (como se fossem cada uma das divisões zodiacais de seu próprio microcosmos), contribuiu com sua essência purificada a formar um novo organismo, *um novo céu e uma nova terra*; e como essas essências, como doze tribos diferenciadas, se reuniram convergentemente e, finalmente, se aglutinaram e se fundiram em uma unidade ou novo todo, *uma cidade que, unida, é forte*. E é esta cidade, esta condição bendita, que misticamente se chama “Jerusalém”, entre cujos muros se encontra a paz que acarreta o entendimento e cujos

palácios revelam à alma iniciada a infalível plenitude e fecundidade da indissolúvel trindade de Sabedoria, Amor e Poder da qual o Homem e o Universo emergiram e à qual estão destinados a regressar.

A antítese desta *Cidade Celestial* é a confusa Babilônia deste mundo, da qual está escrito para todos os cativos de seu interior: “Saia dela, vocês, povo meu, para vocês não participarem de seus pecados, para que as pragas que vão cair sobre ela não os atinjam!” (Apocalipse, 18:4). E, em uma palavra, a cerimônia do Arco Real retrata sacramentalmente a última fase da viagem mística da alma exilada da Babilônia até Jerusalém, como ela escapa de seu cativeiro deste mundo inferior e, *passando os véus* da matéria e da forma, atravessa o cativeiro da corrupção para alcançar o mundo do Espírito sem forma e lograr a gloriosa liberdade dos filhos de Deus.

Capítulo V

A FRANCO-MAÇONARIA EM RELAÇÃO AOS ANTIGOS MISTÉRIOS

Todo maçom é desejoso de conhecer algo sobre a origem e história da Ordem. No entanto a literatura disponível a respeito é difusa e está longe de ser satisfatória, pois oferece uma massa de religião comparada e de detalhes arqueológicos desconexos e sem unificá-los em uma luz útil, centrando-se mais em assuntos secundários da história que no verdadeiramente importante: a linhagem espiritual da Maçonaria. Neste capítulo, portanto, pretende-se traçar um esboço mínimo – e, no espaço disponível, só é possível fazê-lo de forma muito elementar – de um movimento que é tão antigo como a própria humanidade, assim como o propósito e doutrina que permanecem preservados, ainda que de forma rudimentar, no sistema maçônico. Mais útil que aquela sucessão de feitos separados e dignos de pouco interesse, entre os quais não se vê inter-relações, preferi fazer um esboço que descreva as linhas e detalhes gerais da história maçônica, deixando para o leitor complementar seus detalhes por meio de estudo posterior desenvolvido por si mesmo.

Não existe nenhum tratado sobre Maçonaria que contemple sua história e propósito do ponto de vista que realmente importa. O estudioso deverá estar disposto a despender muito tempo para obter pouco proveito, buscando informação em publicações cujo título promete plena ilustração, mas que lhe deixa insatisfeito e sem convencimento. Coleções desconexas de informações sobre pontos do simbolismo, arqueologia e antropologia, bem como análises das conexões entre a moderna Maçonaria e os grêmios de construtores,

são muito interessantes, mas em última instância não são mais que ossos secos de uma matéria na qual se busca o espírito vivo. Fracassam ao responder às principais perguntas, as quais realmente interessam ao maçom e cuja explicação anseia, perguntas tais como: Qual era a natureza dos Antigos Mistérios dos quais a Maçonaria afirma ser herdeira? Com que fim e propósito existem? Que necessidade há de perpetuá-los hoje em dia? Com que intenção se instituiu nossa Ordem? Serviu verdadeiramente alguma vez a algum propósito? Serve hoje? Foi alguma vez, mais do que agora, um mero cerimonial mecânico que não conduz a nada de verdadeiro valor e realça tão somente uns poucos princípios morais e verdades elementares que já são conhecidos? Este texto aspira responder a estas perguntas.¹⁸

Uma das primeiras coisas que chamam a atenção do estudioso de literatura maçônica e da religião comparada é a presença notória de elementos comuns, crenças comuns, práticas e símbolos semelhantes, em todas as religiões de todas as raças, sejam antigas ou modernas, orientais ou ocidentais, civilizadas ou bárbaras, cristãs ou pagãs. Por mais separadas que se encontrem pelo tempo e a distância, por muito desenvolvidas ou primitivas que sejam, por muito elaborada ou simples que seja sua religião e moral, e por amplas que sejam suas diferenças em questões importantes, todo povo tem empregado, e segue empregando, certas ideias, símbolos e práticas que são comuns a todos, quem sabe com ou sem ligeiras modificações de forma. Os tratados maçônicos abundam em demonstrações desta uniformidade no uso de distintos símbolos, proeminentes em toda loja. Os autores se deleitam proporcionando evidências sobre as íntimas correspondências entre sistemas não relacionados entre si, e demonstrando quão antigas e universais tem tais ideias, símbolos e práticas. Mas não vão tão longe a ponto de

¹⁸ NT: Este livro foi escrito em 1922, portanto, a quase 100 anos. Muitos historiadores têm pesquisado e muitos textos e livros produzidos e trazem à luz entendimento da história da maçonaria que, provavelmente, não se tinha na década de 20 do século passado.

explicar a razão desta antiguidade e universalidade; e é este ponto que necessita ser esclarecido de imediato, pois proporciona a pista para todo o problema da gênese, história e razão de ser da Maçonaria.

Se uma investigação e uma reflexão profunda for realizada, torna-se claro que a universalidade e uniformidade referidas são devidas ao fato de que em um dado momento, na noite dos tempos, existiu ou foi implantado nas mentes de toda a família humana, que era sem dúvida muito menor e mais concentrada que agora, um Protoevangelho ou Doutrina Raiz no que concerne à natureza e destino da alma humana, assim como a sua relação com a Divindade. O homem atual se vangloria de ser mais sábio e mais avançado que o homem primitivo. Temos como certo que nossos ancestrais viviam em uma escuridão moral da qual emergimos gradualmente a uma luz relativa. No entanto, a evidencia contradiz esta suposição, e indica que o homem primitivo, por mais infantil e intelectualmente subdesenvolvido que possa ter sido, conforme os parâmetros atuais, era espiritualmente consciente e psiquicamente perceptivo em um grau impensável pela mente moderna. Somos precisamente nós que, apesar de nossa inteligência e desenvolvimento intelectual em assuntos temporais, continuamos ainda imersos nas trevas e ignorância em tudo o que concerne a nossa própria natureza, ao mundo invisível que nos rodeia, e às certezas espirituais eternas.

Em todas as Escrituras e cosmologias há uma tradição universal sobre uma Idade Dourada, uma idade de inocência, sabedoria e espiritualidade, na qual prevalecia a unidade racial a felicidade e a iluminação individual; na qual existia essa visão de um objeto de desejo que levou a que todo um povo percesse, mas em virtude da qual os homens se encontravam em consciente conversação com o mundo invisível e eram pastoreados, ensinados

e guiados pelos deuses ou guardiões não encarnados dessa raça infantil, que lhes ensinaram os princípios certos e imutáveis das quais dependia seu bem estar espiritual e sua evolução.

Há também uma tradição universal da alma coletiva da raça humana que sustenta que esta protagonizou uma queda, uma renúncia moral de seu verdadeiro caminho de vida e evolução, que se separou quase por completo de sua fonte criadora e que, conforme os tempos avançam, tem provocado uma descida ainda mais profunda em sua condição física, rompendo-se a unidade (para explicar de forma simples), e precipitando-se em uma diversidade de raças hostis de distintas linguagens e graus de avançamento moral, vendo-se isto acompanhado de uma progressiva densificação de seu corpo material, e um correspondente escurecimento da mente e atrofia da consciência espiritual. Para alguns leitores esta declaração provavelmente será rejeitada como fabulosa e incrível. A suposição de uma Queda do Homem é hoje em dia uma doutrina impopular, combatida por muitos que sustentam que tudo aponta na direção de uma elevação do homem; ainda que não percebam que, logicamente, uma elevação implica uma queda prévia que permita o assenso posterior. Em qualquer caso, não podemos parar para discuti-lo agora, e devemos contentar-nos unicamente em mencionar que tanto nas Sagradas Escrituras de todas os povos, assim como na tradição dos mistérios dos sábios da antiguidade, este acontecimento é registrado unanimemente.

Desde esta Queda (que não se deveu à transgressão de um indivíduo, mas sim a alguma debilidade ou defeito na alma coletiva da raça adâmica, e que não foi coisa de um instante e sim um processo que envolveu vários ciclos de tempo), fez-se necessário (e igualmente natural aos desígnios Divinos e à Providência) que a humanidade fosse redimida e restaurada a seu estado primitivo; que

deveria retornar novamente a uma associação vital com o Princípio Divino do qual, desde a separação, se viu cada vez mais distante conforme as tendências materialistas se impunham e truncavam sua espiritualidade original. Esta restauração requeria vários ciclos de tempo para seu êxito, e exigia algo mais: a aplicação de um método ordenado e científico para a reposição de cada fragmento da alma caída e a volta à sua condição pura e perfeita.

Enfatizo que o método não devia ser desordenado e caótico, e sim um método científico. Qualquer um pode cair de um telhado e quebrar os ossos, e em tal caso será necessário um hábil cirurgião e um esforço inteligente a cargo de uma mão amiga para curar o paciente e devolver-lhe ao lugar de onde caiu. O mesmo sucede com a Humanidade. Caiu para fora do Éden, tal como nossas Escrituras narram a caída das condições suprafísicas às físicas. Porque e como, também não iremos parar agora para analisar. Caiu, vítima de sua inerente debilidade e falta de sabedoria. Incapaz de levar adiante sua própria recuperação necessitou de uma hábil assistência científica, a partir de outras fontes, para procurar sua restauração. De onde poderia vir esse conhecimento hábil e científico, se não do mundo Divino, agora já invisível? De onde, se não desses deuses e anjos guardiões desta raça condenada ao erro, e da que todas as antigas tradições e textos sagrados nos falam? Por acaso não seria este método regenerativo apropriadamente denominado “ciência celestial”, tal e como na Maçonaria, e saudada conforme as palavras que empregam os maçons, “Ave, Arte Real”?

Assim se deu a origem e nascimento da Religião. Religião é uma palavra que significa “voltar a unir” (re-ligare). Tal como acontece com um membro quebrado, fazendo-se o ajuste e enfaixamento, a alma coletiva da humanidade, por sua queda, fraturada e fragmentada em inúmeros indivíduos e respectivos

descendentes, cada um individualmente danificado e imperfeito, necessita ser restaurada à condição da qual ela foi deslocada, e uma vez mais construída em um todo harmônico e perfeito.

Assim, devemos atribuir aos guardiões espirituais do homem primitivo, a comunicação dessa ciência universal para a reconstrução do templo caído da Humanidade, o qual encontramos, surpreendentemente, sinais em todas as raças e religiões do mundo. A esta fonte devemos atribuir a distribuição, em cada país ou cada povo, de símbolos semelhantes ou equivalentes, e de práticas e doutrinas modificadas tão apenas localmente e em concordância com a inteligência de cada povo em particular, ainda que todas manifestem uma raiz e propósitos comuns.

Esta era a única Religião Santa e Católica (ou universal) “na largura e comprimento do Mundo”, sendo ao mesmo tempo doutrina e ciência prática, destinada a reunir o homem com seu Criador. Esta religião somente poderia ser uma, como não podia ser de outra forma, se não católica e igual para todos os homens; porém, devido às tendências de distorções perversas da própria humanidade, era suscetível de tornar-se (como tem acontecido) degradada e dividida em tantas formas quanto há tantos povos. Mais ainda, seus princípios básicos nunca poderiam ser suscetíveis de alteração, ainda que pudessem ser (como assim tem sido) compreendidos exotericamente por alguns e esotericamente por outros; e ainda que seu significado não fosse reconhecível à primeira vista, senão que se desenvolvesse conforme o aumento da fidelidade e da compreensão.

Esta religião proporcionou os inalteráveis caminhos de conhecimento (“*landmarks*”) concernentes à natureza, potencialidades e destino humanos. Derrogou os antigos e estabelecidos usos e costumes para ser onipresente em todo tempo e lugar, não podendo ninguém desviar-se nem acrescentar

inovações, salvo a seu próprio risco. Era a Lei Sagrada para guiar a alma caída, uma lei válida desde o início dos tempos até seu ocaso, e da qual está escrito: “Como era no princípio, agora e sempre, pelos séculos dos séculos”. Era a ciência da vida, da vida limitada e temporal, vivida com a intenção de sua conversão ou sublimação em vida eterna e universal; e, portanto, chamava a um método de vida científico ou filosófico, no qual todo o momento e ação estaria dirigido a este grande fim. Um Método muito diferente do método moderno, que é por completo utilitário em seu ponto de vista e totalmente acientífico em seus procedimentos.



Moises desce do Monte Sinai (Gustavo Doré)

Diz-se que esta Proto-Religião teve origem no Oriente, de onde toda a luz provém e, conforme a humanidade se estendeu e se distribuiu pelo planeta, ela se estendeu gradualmente para o Ocidente, em perpétua vigília pelos interesses espirituais da humanidade e no propósito eterno de recuperar “o que estava

perdido”: a alma humana caída. Já dissemos que nos primeiros tempos a humanidade estava muito menos materializada e muitíssimo mais sensitiva espiritualmente do que hoje em dia; e conseqüentemente deduz-se que com o passar do tempo e o aumento da densidade corpórea, a influência da Proto-Religião se viu em consequência debilitada, ainda que seus princípios tenham permanecidos tão válidos e efetivos como antes; pois os caprichos da vontade e as noções especulativas do homem não podem alterar os princípios da Verdade e da Sabedoria, que permanecem estáticas. Seguir em detalhe o curso da história da Proto-Religião não se faz necessário nesse momento e requereria um longo tratado. Fazê-lo seria como remontar o curso de um rio desde sua ampla foz até um ponto onde se torna um riacho insignificante e a duras penas reconhecível. A mesma raça tem caminhado para trás, distanciando-se mais e mais do Ensino da Sabedoria original, de forma que a ampla torrente de luz que iluminava aos homens no concernente aos princípios cósmicos se contraiu a alguns minúsculos pontos. Mas esta luz, como a luz do Mestre Maçom, nunca se extingue por completo, por mais escura que seja a idade; e, por tradição, esta nossa época é espiritualmente a mais escura das idades escuras. “Jesus nunca deixou de dar testemunho de si mesmo”, e entre os testemunhos da Antiga Sabedoria e Mistérios figura a Maçonaria; um fraco reflexo, talvez, mas afinal de contas uma luz verdadeira e em legítima linha de sucessão com a primitiva doutrina, ainda capaz de guiar nossos passos pelo caminho da paz e da perfeição.

Os mais antigos ensinamentos dos Mistérios, marcados em parâmetros históricos, foi no Oriente e na língua conhecida como sânscrito, uma palavra em si mesma significativa e apropriada, pois significa Santa Escritura ou *Sanctus Scriptum*; e para nos aproximarmos com a devida luz à antiga Doutrina Secreta devemos nos referir ainda às escrituras religiosas e filosóficas da Índia, que

já se achava em seu apogeu espiritual e terrenal enquanto a atual Europa se encontrava sob uma capa de gelo.

Mas os seres, como os homens, têm uma infância, uma maturidade e uma velhice; são na realidade unidades, em uma escala maior que a individual, que colaboram no avanço dos propósitos gerais da vida. Quando um ser em concreto tenha servido ou falhado nesse propósito, a custódia dos Mistérios passa a outras mãos mais eficazes. O seguinte grande portador da tocha da Luz do Mundo foi o Egito, que após muitos séculos de supremacia espiritual, se converteu no país desértico, que é hoje em dia, tanto no material como no espiritual, deixando não obstante uma massa de relíquias escritas e arquitetônicas que testemunham que foram possuidores da Doutrina em seus dias de glória. Desde o Egito, conforme se desenvolveram as civilizações nos países próximos, se produziu uma grande radiação de sua cultura e teve lugar uma difusão de seu conhecimento, instituindo-se centros secundários para transferir a Doutrina Secreta na Caldéia, Pérsia, Grécia e Ásia Menor. “Do Egito chamei a meu filho” é, em um sentido, uma alusão bíblica para a passagem dos mistérios católicos do Egito às novas regiões virgens para sua iluminação.

Destas translações do conteúdo histórico nos interessam especialmente dois: a da Grécia e a da Palestina. Sabemos pela Bíblia que Moisés era iniciado nos Mistérios egípcios e foi instruído em toda sua sabedoria, enquanto Filón nos disse que Moises ali “se formou em música, geometria, aritmética, hieróglifos e na totalidade das artes e ciências”. Em outras palavras, se converteu em um verdadeiro Mestre Maçom e, como tal, se qualificou para a grande tarefa subsequente de liderar o povo hebreu e de formular seu sistema religioso e regra de vida, tal e como encontra-se registrado no Pentateuco. O sistema mosaico continuou, como sabemos, ao longo da senda narrada nos livros do

Antigo Testamento, e após muitos séculos e vicissitudes, floresceu na maior de todas as expressões dos Mistérios, tal e como é revelado nos Evangelhos do Novo Testamento, envolvendo a substituição de todos os sistemas anteriores sob a Suprema Grande Maestria d'Aquele que é a Luz do Mundo e seu Salvador. Simultaneamente à existência dos Mistérios Hebreus sob dispensa mosaica, a grande escola grega dos Mistérios estava desenvolvendo o que, originando-se na religião órfica, culminou e se centrou em delfos e gerou a sabedoria filosófica e as glórias estéticas associadas a Atenas e ao Século de Péricles. A Grécia era a descendente espiritual e menino prodígio tanto da Índia como do Egito, ainda que tenha se desenvolvido em linhas bem diferentes.

Sabemos que Pitágoras, como Moisés, após assimilar tudo o que seus mestres nativos podiam oferecer-lhe, viajou ao Egito para enfrentar sua iniciação final antes de retornar e fundar em Crotona a grande escola associada a seu nome. Sabemos também, pelo *Timeu* de Platão, como os aspirantes à sabedoria mística recorriam ao Egito para serem iniciados, e os sacerdotes de Sais¹⁹ lhes diziam “vos os gregos não sois mais que crianças” na Doutrina Secreta. Não obstante, lhes foram outorgadas uma formação que os capacitavam a promoverem seus próprios avanços espirituais. Sabemos pela correspondência, registrada por Jâmblico entre Anebo e Porfírio, das relações fraternais que existiam entre as distintas escolas, ou lojas, nos distintos países; como seus membros se visitavam, saldavam e ajudavam uns aos outros na ciência secreta, vendo-se obrigado o mais avançado, assim como todo o iniciado ainda o é quando requerido, a “prestar assistência e instrução a seus irmãos de graus inferiores”. Sabemos que na data em que se comemora o Natal – ou melhor deveríamos dizer a Instalação neste mundo – do Grande Mestre, vieram a Ele, de muito

¹⁹ NT: Saís ou Sa el-Hagar foi uma cidade egípcia na parte ocidental do Delta

longe, Magos ou Iniciados que haviam visto Sua estrela no Oriente e desejavam saber de seu eminente advento e oferecer-lhe reverência. Todos estes deslocamentos eram realizados numa época em que a iniciação era um acontecimento real e não unicamente um cerimonial como hoje em dia. É de interesse realçar que as práticas em grande escala dos mesmos costumes ainda são observadas, ainda que lamentavelmente sem o devido conhecimento, pela Ordem de hoje em dia.

Devemos agora tratar, de forma mais detida, dos Mistérios e do Arco Real, tal e como eram concebidos pela Escola Grega. Com os gregos foi adotada a forma de uma busca filosófica, quer dizer, pela Sabedoria, pela Sofia, da mesma maneira que nas escolas hebraicas e cristãs se revestiram sob a forma da busca da Palavra Perdida. O objetivo era, claro, o mesmo em ambos os casos, mas a abordagem era realizada de várias maneiras e, como veremos, os dois métodos se fundiram mais tarde. A abordagem grega era fundamentalmente intelectual, por meio do que Spinoza denominou *Amor intellectualis Dei*. A abordagem cristã era principalmente através dos afetos e adoração do coração. Ambas perseguiram o que havia sido perdido, mas uma buscava o ideal perdido pela via intelectual e a outra pela energia devocional.

A humanidade não pode ser educada se não de forma lenta; “linha após linha, preceito após preceito, um pouco daqui e um pouco de lá”, sendo desenvolvida e treinada uma faculdade após a outra até a remodelação em um organismo perfeito. Ainda que o sentido da Sabedoria filosófica e o sentido da Beleza perduraram como os principais pilares do sistema helênico, os gregos já haviam tomado conhecimento de um terceiro pilar intermediário que sintetizava e compreendia a ambos: o da Força ou virtude suprema do Amor quando é derramado por um coração puro e perfeito em direção ao objeto de todo desejo.

A busca da Sabedoria dos gregos era muito mais que um mero desejo de maior informação, e um julgamento mais maduro em torno do lugar que o ser humano ocupa no Universo. O mero fato de conhecer certos aspectos sobre o lado oculto da vida, não supõe nenhum proveito, salvo se este conhecimento puder influir e modificar nossa forma de vida conforme as verdades reveladas. Então o conhecimento se transmuta em Sabedoria; o homem se converte na verdade que vê, e a vida do homem se converte em verdade feita substância e movimento. Mas para que isso aconteça é necessário primeiro que sejam informados ou iniciados em certos elementos da verdade e persuadidos do que é a verdade antes de começar o trabalho que lhe leve a converter-se nela. O método grego, portanto, começava iniciando a mente em certas verdades sobre a natureza da própria alma, de sua história, destino e potencialidades, e em seguida abandonava o aluno para que prosseguisse sua formação por meio de um curso de conduta em que o ensinamento transmitido seria convertido em convicção e certeza de poder de vida, enquanto seu progresso crescente na ciência o despertaria a verdades ainda mais profundas.

Não é demasiado enfatizar que ninguém pode aprender a ciência espiritual, seja como ensinado na Maçonaria ou qualquer outro sistema, sem submeter-se a seus processos e vivendo-os na experiência prática. Neste supremo estudo, saber depende inteiramente de fazer; a compreensão está condicionada e é o corolário da ação. “Aquele que fizer a vontade conhecerá a respeito da doutrina”.

Por isso é que na Maçonaria um Mestre Instalado ainda é chamado de “Mestre das Artes e das Ciências”, pois se supõe que ele dominou a arte de viver de acordo com a gnose teórica, ou ciência, que lhe foi comunicada no curso de seu progresso. O verdadeiro conhecimento maçônico nunca se alcança meramente

por explicação oral, audição de preleções ou estudando em livros. Tudo isso pode ser útil como um começo para o buscador sincero, que necessita de um guia que o coloque no caminho da prática e experiência pessoais, de onde logo desenvolverá uma compreensão automática da doutrina por si mesmo; mas para aqueles com um interesse ocasional e caprichoso, a doutrina permanecerá velada e secreta. Por exemplo, uma coisa é escutar a explicação do que se entende por estar despojado de dinheiro e metais no sentido filosófico; mas é uma coisa muito diferente tornar-se imune à atração desses interesses materiais e seduções sensoriais, e ser conscientemente possuidor da sabedoria proveniente dessa experiência. Pode ser interessante escutar por que, em certo estado de progresso, o candidato é comparado a uma espiga de milho junto a uma queda d'água; mas a explicação será esquecida no dia seguinte, a não ser que, como resultado de seu próprio esforço, o ouvinte se tenha tornado pessoalmente consciente de um crescimento interior substancial, já maduro e pronto para ser colhido da terra de seu próprio ser, que tem sido fertilizado por um alimento espiritual caído do céu, como uma suave chuva, sobre sua alma ardente e aspirante.

Novamente, pode ser instrutivo saber que o grande ritual do Terceiro Grau significa uma morte ao pecado e ao ego e um novo nascimento à virtude, mas, como aproveitará a informação aqueles que, no entanto, continuam vivendo sua antiga forma de vida, aqueles que a cada momento negam tudo o que o ritual significa?

Os Antigos Mistérios, pois, significavam muito mais que meras noções de filosofia. Exigiam também um método filosófico de vida – ou melhor, de morte. Como disse Sócrates (no Fédon de Platão, do qual se tem extraído diretamente muito ensinamento maçônico e que todo estudante maçom deveria estudar profundamente) “o completo estudo do filósofo, ou investigador da

verdade, não é mais que morrer e estar morto”; uma afirmação repetida por Plutarco, “iniciar-se é morrer”, e pelo apóstolo Cristão: “morro diariamente”. Seu método estava dividido em duas partes, os Mistérios Menores e os Mistérios Maiores. Os Menores eram aqueles em que as instruções mais elementares eram dadas, de forma que os candidatos pudessem imediatamente começar a tarefa de purificar-se e adaptar suas vidas às verdades reveladas. Os Mistérios Maiores faziam referência ao desenvolvimento da consciência dentro da própria alma, como resultado da fidelidade à regra de vida prescrita. Para se apresentar uma pobre analogia, os Mistérios Menores teriam a mesma relação com os Maiores, assim como os Graus Simbólicos teriam com o Santo Arco Real.

Tratar adequadamente dos sistemas de Mistérios implicaria um longo estudo. Não obstante nos referiremos a um dos mais famosos deles, o Eleusino, que existiu na Grécia e que durante vários séculos foi o ponto focal da religião e da filosofia, pois para a parte civilizada da Europa daquela época, “Elêusis” era sinônimo de Luz; e a iniciação aos Mistérios Eleusinos, portanto, se requeria por parte do aspirante num desejo de buscar a Luz, precisamente no mesmo sentido que o maçom moderno declara que a Luz é o desejo predominante de seu coração. Isso significava, como deveria significar hoje em dia mas não é assim, não unicamente luz no sentido de receber alguma informação secreta que não se pode obter em nenhuma outra parte nem sobre nenhum assunto de interesse mundano, mas na abertura de toda a natureza espiritual e intelectual do candidato à luz suprasensorial do Mundo Divino, elevando-se ele próprio à Consciência de Deus. O homem ordinário, e não iniciado, não sabe nada sobre essa luz suprasensorial por uma razão meramente natural; ele é consciente apenas do mundo exterior e das coisas perceptíveis por suas faculdades naturais. Nas palavras de São Paulo “o homem natural não entende as coisas do espírito de Deus, pois lhes parecem

loucura; nem as pode conhecer, pois se tem que discernir espiritualmente”. A iniciação, portanto, significa um processo no qual o homem natural se vê transformado em homem espiritual ou ultra-natural, e para alcançar este estágio é necessário mudar sua consciência, transmutá-la a um novo e mais elevado princípio, e assim fazer dele um homem no sentido de alcançar uma nova forma de vida e uma nova visão do universo. “Não se amoldem ao mundo atual, mas sejam transformados mediante a renovação de sua mente”, disse o Apóstolo, referindo-se a este processo. Como foi previamente mostrado nestes textos, a transferência do símbolo da Divina Presença do teto ao solo da loja indica como o Princípio Vital e Imortal do homem pôde ser extraído e trazido desde sua região psicológica mais remota ao interior de seu organismo físico, e opera aí através de seu corpo e seu cérebro, como se estivesse decompondo sua mentalidade natural e superpondo-se a ela para regenerá-la. Esta verdade é novamente reproduzida no nome *Lewis*, tradicionalmente associada à Maçonaria. *Lewis* é uma moderna corruptela de Elêusis e de outros termos gregos e latinos associados com a luz. Em nossas preleções de instrução se diz que designa ao “filho de um maçom”²⁰.

Não obstante, isto não faz referência ao parentesco humano nem à condição filial. Se refere ao nascimento místico da Luz Divina nele próprio; como cita um conhecido texto das Escrituras: “para nós uma criança que nasce, para nós um filho é dado”. É o Divino Princípio, a Sabedoria Divina, trazida a nascer e operar dentro do homem natural, que virtualmente se converte em seu pai. É posteriormente descrito em nossas preleções como algo que, quando penetra na pedra e se expande, se agarra à pedra, permitindo aos maçons elevar grandes pesos de forma simples e

²⁰ NT: em português a palavra que designa ao filho de um maçom, que passa por uma cerimônia especial de adoção em uma Loja Maçônica, é *Lowton*.

depositá-las nos lugares que lhes correspondem. São formas ocultas de expressar o fato de que quando a Luz Divina é trazida das profundezas submersas do homem, e é firmemente enxertada ou aderida em seu organismo natural, então ele se torna capaz de facilmente lidar com as dificuldades, os problemas e “pesos” de todos os tipos, que para os não regenerados seriam insuportáveis. Pode ainda entender todas as coisas *sub specie aeternitatis* em suas verdadeiras relações, diferentemente do homem mundano que unicamente as contempla *sub specie temporis* sendo conseqüentemente incapaz de julgar o valor real das coisas e de “colocá-las em seus devidos lugares”.

No tempo em que os Mistérios floresciam, todo homem educado neles ingressavam da mesma forma que hoje se acende a uma Universidade. Os Mistérios eram a fonte reconhecida de instrução naquilo que realmente importava, que era o concernente à cultura da alma humana e a sua educação na Divina Ciência. Os candidatos eram classificados em graus conforme a sua qualidade moral e sua natureza intelectual e espiritual. Se submetiam durante vários anos a exercícios de disciplina intelectual e ascetismo corporal, submetendo-se periodicamente às provas necessárias para avançar aos processos de iniciação real mais sérios, solenes e terríveis, que eram de caráter secreto e cuidadosamente guardados. Sua educação, diferindo muito dos métodos escolásticos de uma era utilitarista como a nossa, estava dirigida unicamente ao desenvolvimento das “quatro virtudes cardeais” e das “sete artes e ciências liberais” como qualificações e pré-requisitos para participar na mais alta ordem da vida que a iniciação proporcionava aos candidatos meritorios e convenientemente preparados. O desenvolvimento pessoal alcançado nestas virtudes era muito mais avançado do que as mentes modernas considerariam adequado. Virtudes que para eles supunham muito mais que abstrações e sentimentos éticos; como a própria palavra indica, envolvem

valores positivos e virilidade de alma. A Temperança implicava no controle completo da natureza passional sob qualquer circunstância; a Fortaleza, a coragem que nenhuma adversidade abateria ou desviaria do fim perseguido sob nenhuma circunstância; a Prudencia, a profunda introspecção que originava a faculdade da profecia ou *pro-videncia*; e a Justiça mantinha a honestidade de pensamento e ação. Estas quatro virtudes cardeais são mencionadas tanto em Fedon de Platão como em O Livro da Sabedoria (capítulo VIII, 5-7), mostrando a comunhão de ensinamento entre as escolas grega e hebraica. As artes e as ciencias eram denominadas “liberais” porque tendiam a liberar a alma de defeitos e ilusões que habitualmente a escravizava, com o que se diferenciavam totalmente da ciência no sentido moderno, cuja tendência é, como sabemos, materialista e ofuscadora da alma. A Gramática, a Lógica e a Retórica eram parte das antigas disciplinas da natureza moral, por meio das quais as tendências irracionais do ser humano eram purgadas e o homem era treinado para ser um testemunho vivo do Logos universal e uma testemunha viva da Divina Palavra. A Geometria e a Aritmética versavam sobre o espaço transcendental e da numeração (observando que, como pode ser lido em nossas próprias escrituras, “Deus estabeleceu tudo com medida, número e peso”), cuja compreensão proporciona a chave, não apenas com relação aos problemas do próprio ser, mas também aos problemas filosóficos que são tão desconcertantes para os métodos indutivos de hoje em dia. Para os antigos a astronomia não requeria telescópios, pois não tratava das estrelas do ceu, mas era a ciência das questões metafísicas e da compreensão da distribuição das forças latentes nos indivíduos, que determina o destino dos homens, das nações e da espécie. Finalmente a Música (ou Harmonia) não era para eles de índole vocal ou instrumental, mas que supunha a prática vivente da filosofia e o ajuste da vida humana à harmonia com Deus, até que a alma pessoal se unisse a

Ele e participasse da Música das Esferas. Tal e como Milton escreve:

Que amável é a Filosofia Divina,
 Não é áspera nem difícil
 Como os loucos irreflexíveis supõe
 Mas musical como o alaúde de Apolo
 E uma festa perpétua de dolces néctares
 Onde não reina o bruto excesso
How lovely is Divine Philosophy,
Not harsh and crabbèd as dull fools suppose,
But musical as is Apollo's lute
And a perpetual feast of nectar'd sweets
Where no crude surfeit reigns

Todo mecanismo disponível era empregado para treinar a mente e alcançar o domínio sobre as paixões, assim como para soltar e retirar as impressões e atrações dos sentidos, para destruir as ilusões e falsas imaginações sob as quais ela trabalha ao não usar alguma luz mais elevada do que a sua própria, e, finalmente, para qualifica-lo a um método mais alto de cognição e para a recepção da Verdade suprasensorial e da Luz do Mundo Divino.

O idealismo da arquitetura e escultura gregas se devia por inteiro a este mesmo motivo, e tinha como fim elevar a imaginação mais além do nível visível e de preparar a mente para apreender a forma e beleza ultrafísicas. Até mesmo os exercícios atléticos se realizavam para servir ao mesmo propósito; a luta e as corridas não eram esportes vulgares; eram contemplados sacramentalmente, como o tipo de combate que a alma deve livrar contra os desejos da carne. A coroa de louros ou oliva, que era conferida ao vencedor, era o emblema da sabedoria e iluminação conferido àquele cujo espírito sobrepõe a matéria. Dessa maneira todo interesse intelectual ou físico se submetia à ideia de separar a alma da atadura

material e perseguia o objetivo de uma natureza purificada ou *catártica* que deveria purgar os pensamentos e desejos do aspirante e branqueá-lo por dentro e por fora, da mesma maneira que o candidato moderno ao entrar na Ordem é vestido de branco. Esta pureza interior de coração e mente, unida à posse das quatro virtudes cardeais, foi, e ainda é, absolutamente essencial para as provações de uma verdadeira iniciação, que de outro modo levariam o candidato próximo à insanidade e obsessões as quais a mente moderna não pode fazer ideia, tendo em vista sua ignorância no que implicava a iniciação. Aqueles que mostravam estar convenientemente preparados em seu currículo dos Mistérios Menores eram finalmente admitidos à iniciação aos Mistérios Maiores. Aqueles que fracassavam eram impedidos de avançar. Assim como agora, o número de aspirantes verdadeiramente sérios e qualificados era uma fração do total daqueles que entravam nos Mistérios, pois na vida espiritual, como no mundo natural, prevalece a lei biológica em que o material bruto excede em muito o produto aperfeiçoado. A cada ano são plantadas muito mais sementes do que as que finalmente germinam, ainda que cada semente seja capaz de crescer e gerar frutos. Platão, falando sobre os Mistérios em seus dias, cita uma autoridade ainda mais antiga que afirmava que “os portadores de tirso²¹ (ou candidatos à iniciação) são numerosos, mas os bacos (ou iniciados perfeitos) são poucos”. A mesma verdade é reescrita em palavras dos Evangelhos: “Muitos são os chamados, e poucos os escolhidos”.

Uma qualificação acima de tudo era essencial para o aspirante, como ainda é hoje: a humildade. A sabedoria na qual os Mistérios e a Iniciação submetem a um homem, é estupidez e loucura para o mundo; é o reverso e revolução de todos os padrões ortodoxos e acadêmicos. Para alcançá-la um homem deve estar

²¹ O tirso ou caduceu era um elaborado bastão portado pelo candidato e de um profundo significado simbólico.

preparado para essa completa e voluntária renúncia de si mesmo, o que pode resultar que descubra negadas todas as coisas que sustentava como verdadeiras. Ele deve se contentar em “tornar-se um tolo para o reino do amor de Deus” e de sofrer a adversidade, o ridículo e o escárnio se fosse preciso. Esta era uma das principais razões para o sigilo e uma – ainda que não a única – das origens da tendência maçônica à discricção. A sabedoria do mundo e a sabedoria necessária à iniciação são tão opostas em sua natureza, que qualquer intrusão a esta última provocará, inequivocamente, rechaço por parte da primeira. Por isso está escrito “Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se, vos dilacerem.” Silêncio e segredo são, portanto, desejáveis ainda que apenas por precaução e defesa, apesar de existirem outras razões; mas a humildade é sempre indispensável. Nas procissões públicas dos Mistérios Menores – para o público era permitido em certos festivais participarem até certo ponto em alguns dos conhecimentos mais exotéricos – os símbolos sagrados e elementos eucarísticos empregados nos rituais eram portados com grande reverência no lombo de um jumento. Com a mesma intenção, diz-se que um dos grandes filósofos gregos sempre teve um burro ao seu lado em sua sala de aula quando instruía a seus alunos. A explicação é dada nas palavras de uma das antigas autoridades após a iniciação da seguinte forma: “Não há criatura tão capaz de receber a divindade como um jumento, e se não és capaz de converter-se em jumento, nenhum ensinamento te fará capaz de ser portador dos Divinos Mistérios”. À luz disto se elucida, finalmente, o significado simbólico do Mestre Cristão entrando em Jerusalém sobre um jumento.

Outro instrumento de grande projeção educativa empregado nos Mistérios era o de instruir, ampliar e purificar a imaginação por meio de mitos que mostrassem de forma doutrinal, ou ritualmente,

as verdades do Mundo Divino e da natureza da alma. A mente moderna, em sua paixão pelos fatos empiricamente constatáveis, é pouco simpática a um método de ensino que dispensa fatos demonstráveis e prefere enunciar os princípios eternos que estão por traz de tais fatos e dos quais estes mesmos fatos não são senão a consequência e manifestação resultante. O positivismo científico tende, no entanto, a congestionar a mente e paralisar a imaginação, como lamentava Darwin em seu próprio caso. Os princípios estimulam e iluminam a imaginação, e habilitam a mente a interpretar fatos e valorá-los à sua relação apropriada. Os mitólogos gregos eram adeptos de expressar verdades cósmicas e filosóficas na forma de fábulas que expressavam um ensinamento teológico para o iniciado, ao mesmo tempo que a velavam ao ignorante e ao despreocupado. Construir mitos era uma ciência, não um capricho ou uma ficção irresponsável, e por meio da representação dramatizada os candidatos eram instruídos nas verdades fundamentais da vida.

Um dos mitos capitais e mais conhecidos era o de Deméter e sua filha Perséfone, que era representado anualmente com grande cerimonial e elaboração na Eleusina, na qual vale a pena deter-nos brevemente: narra como a donzela Perséfone desviou-se de Arcadia (céu) e de sua mãe Deméter, para colher flores nos prados de Enna, e como o solo se abriu fazendo com que Perséfone se precipitasse no escuro inframundo de Hades, governado por Plutão. O desespero da mãe pela perda chegou aos ouvidos de Zeus, o maior dos deuses, que para amenizar sentenciou que caso Perséfone não houvesse comido o fruto de Hades, ela deveria ser imediatamente restituída à mãe para sempre, mas se houvesse provado o fruto deveria permanecer um terço de cada ano com Plutão e voltar para Deméter nos outros dois terços. Ele provou que Perséfone tinha infelizmente comido uma romã no mundo inferior,

de modo que sua restauração à sua mãe não poderia ser permanente, mas apenas periódica.



Templo de Deméter em Eleusis

Este mito, e a grande importância que se lhe concedia, são unicamente apreciados se compreendida sua interpretação. Diz respeito às vicissitudes da alma e é da mesma natureza que o mito mosaico de Adão, Eva e a maçã, ou a parábola cósmica do Filho Pródigo. Nenhuma dessas narrativas pretendem ser considerada como historicamente verdadeiras, mas como ficções espirituais de realizações de natureza cósmico. Perséfone encarna a alma humana, gerada a partir dessa mãe terra primordial e incorruptível que os gregos personificavam em Deméter, de idêntica maneira como o texto mosaico fala de Deus criando o homem a partir do pó da terra. Sua exclusão da Arcádia, casa e mãe celestial, para buscar flores (ou especiarias frescas) por sua própria conta nos campos de Enna, responde às mesmas premissas de desejo que levaram à desobediência de Adão no Éden e sua queda a este mundo exterior, e *Enna* (que significa escuridão e amargura) é a mesma palavra que aparece em *Gehenna*. Não obstante, pode-se aprender com os próprios erros. São eles os que fazem crescer a sabedoria, e são as

riquezas da sabedoria e a esperança que representam Plutão, o deus das riquezas, em cujo reino Perséfone cai. Tal e como decretou Zeus, daí poderia retornar à sua mãe para sempre se não houvesse profanado a si mesma comendo o fruto do infra-mundo, mas, havendo comido, sua restauração somente pode ser parcial e temporal. Isto alude à progressiva mudança terrenal experimentada pela alma e à degradação por recriar-se nos prazeres deste plano de realidade inferior, o qual, como simboliza a romã, está repleto de sementes de ilusões e vaidades. Até que essas falsas tendências sejam erradicadas, e os desejos do coração sejam completamente insensíveis às delícias externas, não pode haver uma restauração permanente da alma à sua fonte, mas apenas o alívio periódico e o descanso que a morte traz quando arranca a alma do reino de Plutão para leva-la aos Céus, após o qual sofrerá posteriores descidas às limitações materiais e novas ascensões à condição espiritual, até que seja finalmente purgada e aperfeiçoada.

Por meio deste grande mito, então, era compartilhado o ensinamento da história da alma, seu destino, e perspectivas, e se dava ênfase na doutrina da reencarnação.

(Como esta doutrina não é popularmente compartilhada no Ocidente, assim como é no Oriente, resultando romanceada e inaceitável para alguns leitores, não insistirei aqui em sua aceitação).

Hoje em dia a Maçonaria segue este método tradicional de instrução por meio de mitos. Seu padrão de ensinamento nos graus simbólicos contém dois mitos: um é o da construção do Templo do Rei Salomão. O outro é o da morte e sepultamento de Hiram Abiff narrado no texto tradicional. O Arco Real contém um terceiro mito na história do retorno do cativo após a destruição do Primeiro Templo, e começo da construção do Segundo, e o descobrimento que é feito. Este terceiro mito já foi desenvolvido no capítulo

dedicado ao grau do Arco Real, de maneira que agora apenas necessitamos tratar dos mitos correspondentes ao simbolismo.

Para a mente literalista, a construção do Templo do Rei Salomão (que certamente se baseia, ainda que não totalmente, nas Escrituras Hebraicas) parece ser a história de uma verdadeira estrutura erguida por três nobres orientais, um dos quais concebeu a ideia, outro proporcionou o material, e o terceiro era o arquiteto e chefe dos trabalhos. Diz-se que os dois primeiros eram soberanos de duas pequenas nações adjacentes; o terceiro não era de sangue real, mas aparentemente uma pessoa sem dignidade social e “filho de uma viúva”. Como dito anteriormente, estes detalhes de um empreendimento realizado há mais de dois mil anos não podem ter valor algum para alguém hoje em dia, e se estivessem relacionados apenas com um feito histórico, a moderna Maçonaria bem que podia fechar suas portas e deixar de existir, pois não teria nada a oferecer a uma mente séria e reflexiva. Mas, pelo contrário, o relato nunca pretendeu dar conta de um feito histórico, mas ser um mito que envolve verdades filosóficas concernentes a princípios eternos, devendo ser interpretado em uma perspectiva espiritual, e sua análise revelará um conteúdo verdadeiramente notável. Portanto, a lenda da construção do Templo é um relato de instrução filosófica, construído de forma semi-histórica, e relativo à estrutura da alma humana. Esse templo não é de pedras e tijolos, mas de pedra não lavrada e material bruto incorruptível com o qual o Criador deu forma ao organismo humano. A Jerusalém na qual se construiu não era a Jerusalém geográfica da Palestina, mas a eterna cidade de paz nos céus; não, como disse São Paulo, a Jerusalém que agora existe, mas a Jerusalém celestial, mãe de todos nós, como a grega Deméter. Seus construtores não eram três personagens humanos residentes no Levante²², mas a Divina energia considerada nos três

²² NT: O termo **levante** (do latim *Levante*) refere-se à parte oriental de um território e também pode significar "nascente" e "Oriente". A etimologia deste vocábulo revela que ele veio a se

princípios constitutivos mencionados em nossas preleções de instrução como Sabedoria, Força e Beleza, que como pilares de Seu trabalho impregnam e dão a dimensão filosófica a todas as coisas criadas. Estes três princípios metafísicos podem ser definidos em termos modernos como a Essência da Vida (ou espírito substancial da Sabedoria); a Matéria incorruptível, que serve de molde, matriz ou veículo a essa Essência da Vida, para fixa-la, dar-lhe forma e sentido (Força); e finalmente o princípio intelectual ativo fabricante ou Logos, que une os dois anteriores, fazendo do conjunto um instrumento funcionalmente efetivo e inteligente (Beleza). A partir destes três princípios, ou sobre estes três pilares, a alma humana se originou e foi divinamente construída no mundo celestial. E nossas preleções, portanto, indicam acertadamente que estes três pilares “aludem também a Salomão, Rei de Israel, Hiram, Rei de Tiro; e Hiram Abiff”, pois estes nomes personalizam a indissociável tríade constituinte da Unidade Divina. (Também aparecem inscritos sobre o altar central simbólico no grau do Arco Real, como testemunho posterior desta construção divina da alma humana). O templo da alma já foi destruído e derrubado, sendo seu esplendor e grandeza coisa do passado. A humanidade, em vez de ser um todo orgânico e unido, se tem desmembrado em incontáveis fragmentos separados, sem que nem uma só pedra se mantenha sobre outra neste edifício arruinado. Perdeu a consciência dos genuínos segredos de sua própria origem e natureza, e deve contentar-se com o espúrio conhecimento substituto que coleta a partir de impressões neste mundo exterior. Como Perséfone, comeu as romãs do obscuro reino de Plutão, preferindo-as à ambrósia²³ da Arcádia, e até que esse veneno seja eliminado de sua natureza não pode voltar a gozar do estado de graça, e sim, submeter-se a um ritmo de morte e renascimento, a períodos de trabalho neste mundo

estabelecer devido ao dito ponto cardeal ser o lugar no horizonte onde nasce ou se *levanta* o sol. (fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Levante>)

²³ NT: Em mitologia, alimento dos deuses. Alimento material ou espiritual com efeito prazeroso, suave e delicado.

e de descanso para além dele. Mas pode purificar-se; o templo pode ser reconstruído e a alma de cada maçom convertido em uma perfeita pedra cúbica por seu trabalho sobre si mesmo, convertendo-se em uma pedra a mais no restaurado templo dos Céus.

É preciso dedicar algumas palavras ao significado oculto de Salomão e dos dois Hirans. Salomão personifica a Essência da Vida primordial ou Sabedoria Divina Encarnada, que é a essência de base de nosso ser. É definida no Livro da Sabedoria (Cap. VII, 25-27) como “uma pura influência que flui a partir da glória do Todo Poderoso; o brilho da Luz eterna, o espelho jamais contemplado de Deus e imagem de Sua bondade”. É apresentado como “Rei” porque deve transcender inequivocamente, dominar e governar tudo o que é inferior a ele, e é descrito como “Rei de Israel” porque “Israel” por si mesmo significa “cooperando ou governando com Deus”, estabelecendo uma clara distinção com a associação a outros seres de uma ordem inferior ao divino. Para reunir a Essência da Vida transcendental com um veículo que deveria outorgar-lhe fixidez e forma, fez-se necessária a assistência de um outro princípio dominante ou “régio”, personificado como Hiram, Rei de Tiro, que proporcionou o “material de construção”. No entanto, enquanto estejamos tratando com ideias puramente metafísicas, é obvio que a Tiro em questão não guarda relação com o porto do mar levantino²⁴ do mesmo nome. Em hebreu *tiro* significa “rocha” e a força, solidez e durabilidade que associamos com a rocha. Esta mesma palavra aparece de forma recorrente em grego, *turos*, e latim como *Terra*, e *durus*, duro. Portanto, *Rei de Tiro* é interpretável como o princípio cósmico que imprime solidez e forma à Essência da Vida, de fluidez espiritual e sem forma, resultando como o líquido contido em uma taça. Salomão e Hiram

²⁴ NT: O **mar Levantino** é um mar marginal do mar Mediterrâneo situado na sua parte oriental, banhando as costas de Egito, Líbano, Chipre, Israel, Síria e Turquia. (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Mar_Levantino)

de Tiro, dessa forma, forneceram suas respectivas propriedades de Essência de Vida e “material de construção”, forma duradoura ou substrato da alma, união que resulta funcionalmente efetiva pela adição de um terceiro princípio descrito como Hiram Abiff, o Filho da Viúva, que personifica o princípio intelectual ativo ou Logos. Resumindo, Hiram Abiff é o “princípio crístico” imante em cada alma; crucificado, morto e sepultado em todos os que não são conscientes de sua presença, mas latente em todos como força salvadora: “Cristo em mim”. “A esperança da Glória”. Coerentemente à humildade crística, Hiram Abiff (literalmente, “o Mestre procedente do Pai”) não é descrito como rei, tal e como o são Salomão e Hiram de Tiro, e sim como um homem “sem reputação”, um filho da viúva; um bonito toque de simbolismo gnóstico que faz referência à natureza em ruínas e viúva da Divina Maternidade ou Sofia, devido ao extravio e abandono da Sabedoria por parte de seus fracos filhos. Desses filhos apenas os que tem voltado, ou se esforçam para voltar, são dignos de serem chamados “filhos da viúva”, e são para aqueles que têm voltado a se unir a ela, ou que se acham com a fronte empapada de sangue e suor por sua angustia pela provação do Getsêmani²⁵, a quem se aplica a tradicional petição: “A mim, filhos da Viúva, pois eu sou filho da Viúva!”.

O templo da alma humana, constituída primordialmente pelos três princípios que acabamos de comentar no devido equilíbrio e proporção, e divinamente declarados “muito bons”, se tem desviado desse estado. Sua queda tem sido causada pelo abuso desproporcionado, desequilibrado, e portanto, desordenado de seus poderes inerentes. Da mesma maneira que um homem enfurecido

²⁵ NT: “...é um jardim situado no sopé do Monte das Oliveiras, em Jerusalém (atual Israel), onde acredita-se que Jesus e seus discípulos tenham orado na noite anterior à crucificação de Jesus. De acordo com o Evangelho segundo Lucas, a angústia de Jesus no Getsêmani foi tão profunda que "seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até ao chão." (Fonte:<http://pt.wikipedia.org/wiki/Gets%C3%A0mani>)

se torna temporariamente desequilibrado e com tendência a fazer o que não faria em um momento de serenidade, assim a alma tem desorganizado sua natureza por completo. Dos três pilares que deveriam sustentar a alma humana, a Sabedoria (Gnose) tem caído e tem sido substituída por uma mínima ferramenta flexível e volúvel, de opinião especulativa. A Força (energia divina dinâmica) tem sido substituída pela fragilidade da carne perecível. A Beleza, a forma paradisiaca que deveria adornar e assemelhar o homem a seu Divino Criador, tem sido substituída pela feiura e imperfeição. O ser humano é agora um templo em ruínas, sobre o qual encontra-se escrito a legenda *Ichabod! Ichabod!* “A Glória se perdeu!” Desconectado da interação consciente com seu Princípio Vital e Imortal, torna-se prisioneiro e cativo de si mesmo e de sua natureza temporal inferior. Resta-lhe agora refazer seus passos e reconstruir seu templo, para não mais continuar a ser escravo de suas ilusões e atraído por “posses”, mas se converta em um homem livre e em um construtor, comprometido em transformar-se em uma pedra viva e preciosa apta para o templo cósmico de uma Humanidade regenerada na qual, quando esteja aperfeiçoada e dedicada, a Divindade penetrará e habitará novamente.

Ser “instalado na cadeira do Rei Salomão” significa, em sentido estrito, recuperar uma Sabedoria que perdemos e reviver em nós mesmos a Divina Essência da Vida que é a base de nosso ser. Ao alcançar essa Sabedoria todo o perdido em termos de Força e Beleza retorna, pois os três pilares coexistem em associação eterna e eterno equilíbrio. Não alcançá-la supõe não reviver a Divina Essência da Vida durante nossa permanência neste mundo, e perder a oportunidade que oferece a vida neste mundo, pois a vida após a morte não consiste em realizar este trabalho, mas em descanso e conforto, onde nenhum progresso real ocorre. A Iniciação, portanto, foi instituída para transmitir a arte de recuperar a Sabedoria e assim elevar a alma do indivíduo a uma nova ordem

de vida desde que ele possa trabalhar por sua própria salvação e desenvolver suas potencialidades inerentes pela verdadeira senda de seu destino e evolução. Mas, como ensinavam os Antigos Mistérios, a alma que não começa seu trabalho neste mundo não será capaz de começá-la no seguinte, mas permanecerá suspensa nos planos mais tênues desta realidade até que seja arrastada de novo ao turbilhão da geração pela Roda da Vida, sempre em perpétuo movimento. Citando novamente a Platão, “aqueles que instituíram os Mistérios para nós nos ensinaram que quem quer que desça ao Hades (o estado após a morte) sem haver sido iniciado e sem tomar parte nos Mistérios, será lançado ao lodo e à escuridão, mas quem quer que chegue purificado e iniciado morará com os Deuses”. Este ensinamento é reproduzido na Maçonaria em referência ao Mestre Maçom que é “admitido às assembleias dos justos feitos perfeitos”; isto implica que aqueles que não alcançaram a aptidão necessária e não são nem “justos” nem “perfeitos” morarão em um nível inferior em sua existência *post mortem*, pois há incontáveis níveis na vida suprafísica: “há muitas mansões na casa de Meu Pai”, ou, literalmente, lugares de descanso. E tanto eles como seus ocupantes estão graduados em ordem hierárquica conforme o seu grau de eminência espiritual. O desordenado mundo moderno, com seus perversos ideais democráticos de igualdade e uniformidade, perdeu todo sentido do princípio hierárquico que, considerando que é observado no mundo superior, deveria ver-se refletido neste.

A Ordem é o primeiro mandamento do Céu,
E uma vez dito isto, alguns são,
E devem ser, maiores que os outros.
Order is Heaven's first law and,
That confessed, Some are,
And must be, greater than the rest.

Mas a Maçonaria preserva o testemunho desta graduação, e a existência de distintos níveis de vida no céu, consagrada na distribuição simbólica de seus membros mais avançados. Acima das lojas simbólicas se acha a Grande Loja Provincial, e por cima delas governa a Grande Loja de uma nação. Teoricamente se encontra por cima de todas estas o Capítulo do Arco Real, com o Capítulo Provincial e o Grande Capítulo elevando-se sobre eles. O estudante atento perceberá na indumentária simbólica usada pelos membros de cada um desses escalões a expressão adequada à verdade aqui consignada. O avental maçônico foi explicado anteriormente como uma figura da corporeidade da alma: o corpo (não confundir com o grosseiro corpo físico) que suporta a alma e da qual se desprenderá quando passar desta vida. Seu branco puro está bordejado, no caso dos irmãos menores, de uma pálida sombra deste azul que (inclusive na natureza física) é a cor do céu. No caso dos irmãos maiores da Loja Provincial e na Grande Loja esta borda azul se intensificou ao mais profundo grau desta cor em correspondência com seu teórico desenvolvimento espiritual, enquanto os adornos dourados da indumentária representam o que é expresso nas palavras do salmista: “a filha do Rei (a alma) é toda gloriosa por dentro; as suas vestes são entrelaçadas de ouro”, pois como a Essência da Vida ou Sabedoria se torna cada vez mais “forjada” ou incorporada em nós, torna-se a corporalidade objetiva da alma. No Arco Real o azul devocional se entrelaça com o vermelho, a cor do fogo ou ardor espiritual, resultando a mistura de ambos nesta púrpura que, tanto no Céu como na Terra é prerrogativa da realeza. Desta forma, por suas indumentárias nos vários graus, os membros da Maçonaria simbolizam na terra os anjos e arcanjos e toda a companhia do céu. Alguns deles se vestem de luz como de um manto; outros são ministros do fogo ardente.

Em um curto ensaio como este, nossa referência aos Antigos Mistérios é necessariamente breve e limitada ao sistema grego

eleusiano. Existiram muitos outros e existe a respeito uma ampla literatura, ainda que dispersa, para aqueles que desejem aprofundar na matéria e adentrar nos sistemas Egípcio, Samotrácia, Caldeu, Mitráico, Gnóstico ou outros. Em suas respectivas épocas e localidades, formaram os centros autorizados da religião e da filosofia, empregando esses termos como fases de uma doutrina indivisível que hoje em dia se separou em numerosas disciplinas teológicas e de filosofia especulativa de difícil conexão entre elas. O que os antigos autores publicaram sobre os Mistérios evitava discretamente a descrição das verdades mais profundas que ensinavam, assim como a descrição dos processos de iniciação. Estes devem permanecer sempre como objeto de segredo, mas o leitor perspicaz pode encontrar o suficiente nestes relatos intencionalmente obscuros e nestas narrações metafóricas para intuir o que ocorria, assim como o efeito que exercia sobre o candidato. A Iniciação, já dissemos, é algo que unicamente uns poucos estão adequadamente preparados para receber, inclusive após longa e rigorosa preparação, e menos ainda são os competentes para transmitir ou orientar este processo iniciático. Era uma experiência da qual um autor escreveu em referência ao candidato, *Vel invente sanctum, vel facit* (ou o encontra santo ou o faz como tal). A descrição de Virgílio na sexta Eneida da iniciação de Enéas no Elísio (ou luz sobrenatural), ou a de Lucio (outro nome que também implica iluminação) em O Asno de Ouro²⁶ de Apuleio, quando lhe foi permitido ver a luz à meia-noite, são exemplos instrutivos. Também o é a exclamação de Clemente de Alexandria, que havia sido recebido na escola Gnóstica: “Oh, verdadeiros Mistérios sagrados! Oh, pura luz! Pela luz da tocha sou guiado à visão do Céu e de Deus. Me santifico pela Iniciação. O Próprio Senhor é o hierofante que, guiando o candidato à Luz pela Iniciação, sela-o e apresenta-o ao Pai para que seja preservado para

²⁶ O asno de ouro, romance de Lucius Apuleio escrito no século II d.C., é composto de narrativas das aventuras burlescas e fantásticas de um homem que se vê transformado em asno.

sempre. Se o desejas, vem e seja tú também iniciado, e te unirás à dança dos anjos em torno do único Deus verdadeiro, não criado e eterno, com a Palavra de Deus compartilhando a Glória!”

Os Mistérios chegaram a seu ponto final como instituições públicas no século VI, quando devido a considerações políticas tanto os Mistérios como os ensinamentos da doutrina e filosofia secretas foram proibidas pelo governo romano, sob Justiniano, que desejava inaugurar uma religião de estado uniforme em todo o território sob seu domínio. Consequentemente, quando o Império Romano declinou e se fragmentou, a Igreja Católica Romana emergiu dele e, como sabemos, condenou veementemente qualquer autoridade em matéria de religião ou filosofia, considerando-a rival de si mesma, ao mesmo tempo em que reclamava a supremacia e jurisdição também em assuntos temporais. Para o maçom é muito instrutivo o desenlace desta conduta da Igreja. Quando uma autoridade competente em matéria plenamente espiritual, e concernente a um reino que não é deste mundo, reclama poder temporal e posses seculares, como a Igreja Romana fez, e ainda faz de forma simultânea, vicia e neutraliza sua própria qualificação espiritual. Fica infectada com o vírus das posses terrenas. Se enche de dinheiro e metais, dos quais é essencial manter-se limpo. Como resultado, o que poderia haver sido (e ainda é concebido para ser) a maior força educativa espiritual na história do Mundo, se converteu em uma instituição materializada e exerceu uma tirania intelectual que tem estrangulado as mentes de milhões de pessoas em matéria de religião. Assim como a esposa de Lot se petrificou em uma coluna de sal ao voltar-se para olhar para trás atraída pelo desejo de tudo aquilo que havia renunciado, assim a Igreja Romana, ao tentar servir a Deus e a Mamom²⁷ ao mesmo tempo, fracassou em ambas as tarefas, e como resultado dos passos em

²⁷ **Mamon** é um termo, derivado da Bíblia, usado para descrever riqueza material ou cobiça, na maioria das vezes, mas nem sempre, personificado como uma divindade. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mamon>

falso e abusos cometidos durante séculos, o mundo é hoje em dia um caos de seitas desunidas que dividem um ensinamento religioso popular e tão materialista quanto o observado na Maçonaria.

É uma pena, pois em sua concepção e prática originais, pretendia servir como sistema de iniciação a uma escala católica ou universal, e absolver, sobrepor e amplificar tudo o que havia sido previamente ensinado nos Antigos Mistérios, de forma mais velada e para um público mais restrito. Não é possível aqui aprofundar nas questões, verdadeiramente apaixonantes, que dizem respeito à transição da religião pré-cristã à cristã, ou explicar por que e como os Mistérios Cristãos são o florescimento dos anteriores e os transcende. Em seus ensinamentos centrais, como o método filosófico de vida exige, os dois métodos são idênticos. As diferenças entre eles são somente aquelas devido a amplificação e expressão formal. O cristianismo não veio para destruir, mas para preencher e expandir. Essa realização e expansão foram em consequência de um acontecimento de importância cósmica a qual nos referimos como A Encarnação. Nesse acontecimento algo afetou o próprio tecido do nosso planeta e a cada membro da família humana. A natureza desse feito e da mudança que ocorreu é demasiadamente grande e profunda para descreve-la agora, mas ilustrando-a segundo o simbolismo maçônico, foi um sucesso equivalente (e assim é representado) à transferência do símbolo sagrado do Grande Geômetra do Universo do teto, onde é colocado nos graus elementares, ao solo, onde aparece no Grau do Arco Real rodeado de luzes ardentes e de toda reverência e santidade. Quantos maçons há na Ordem hoje em dia que são conscientes de que, neste elemento simbólico, a Maçonaria está afirmando e prestando testemunho visual ao mesmo acontecimento afirmado pelo clérigo quando recita em seu credo as palavras “e desceu dos céus, se encarnou e se fez homem?”

Por um acordo tácito e bastante injustificável, os membros da Maçonaria evitam mencionar em suas lojas ao Mestre Cristão e limitam-se à leitura das Escrituras quase que exclusivamente ao Antigo Testamento. O motivo não é outro que um desejo de observar a norma de apartar-se de toda a discussão religiosa e prevenir uma possível ofensa a aqueles irmãos que podem não professar a fé cristã. Esta razão está completamente equivocada, e fica evidente pelo fato de que a luz maior sobre a qual todo o membro jura, e à qual se recomenda a maior atenção desde o momento de admissão na Ordem, não é unicamente o Antigo Testamento, mas o Volume da Lei Sagrada em sua totalidade. O Novo Testamento é tão essencial para a instrução do maçom como o Antigo, não apenas por seu ensinamento moral, mas porque constitui o registro dos Mistérios em sua forma suprema e culminação histórica. Os próprios evangelhos, como os graus maçônicos, são um método de preparação e iluminação, que conduz ao calvário da morte, seguido de um levantamento dentre os mortos e a conquista da Maestria, exibindo o processo de iniciação realizado com o mais alto grau que possa ser concebível. O Novo Testamento está cheio de passagens expressas em terminologia maçônica, e compreende uma grande ironia que os maçons modernos fracassem em reconhecer sua suprema importância, assim como a relevância que tem nos procedimentos de loja, e no fato de que assim fazendo podem ser comparados aos construtores que rejeitaram a pedra angular principal. Eles aprendem, ainda, que o Grão-Mestre e exemplo da Maçonaria, Hiram Abiff, não é mais que um reflexo do Grande Mestre e Salvador do Mundo, o Divino Arquiteto pelo qual todas as coisas foram feitas, sem o qual nada existiria, e cuja vida é a luz dos homens. Sim, nas palavras do hino maçônico, “Hiram o arquiteto, dirigiu a todos os trabalhadores, e lhes indicou como construir”, é igualmente verdade que o protagonista das escrituras cristãs ensina também “como deveriam construir e reconstruir” sua própria

natureza caída, e que o método de tal construção inclui a cruz como sua ferramenta de trabalho e culmina em uma morte e ressurreição dentre os mortos. E, aqueles que alcançam a sua iniciação e maestria por esse método, não está acaso escrito que se convertem na morada de Deus e constroem um templo espiritual que não é feito com as mãos, mas que é eterno e está nos Céus, do qual Jesus Cristo é a pedra angular, sendo todo o edifício, delicadamente construído, um templo santo e tabernáculo do Criador?

Nem os Antigos Mistérios nem a moderna Maçonaria, sua descendente, portanto, podem ser corretamente contemplados sem se fazer referência à sua relação com o evangelho cristão, no qual as escolas pré-cristãs ficam compreendidas. A linha de sucessão e evolução, desde os primeiros ao último, é direta e orgânica. Com as diferenças devidas à época, lugar e forma de expressão, ambos ensinavam exatamente as mesmas verdades e inculcavam a necessidade de regeneração. Em tal matéria não pode haver diversidade de doutrina. A verdade que lhes concerne deve ser estática e uniforme em todos os períodos da história do mundo. É por isto que Santo Augustinho afirmava que nunca existiu mais que uma só religião desde o começo dos tempos (referindo-se por religião à ciência da re-união da alma decomposta com sua fonte) e que essa religião começou a ser denominada cristã no tempo dos apóstolos. Nisso tem também a origem que tanto a Igreja Romana como a Maçonaria, ainda que tão divergentes em perspectiva e método, tenham isso em comum: ambas declaram e insistem em que não é permissível nenhuma alteração de sua doutrina central, e que fica fora de cogitação eliminar seus antigos marcos ou desviar-se deles. Ambas têm razão em sua insistência, pois no sistema de ambas está contida a antiquíssima doutrina da regeneração e divinização da alma humana, obscurecida em um caso por acréscimos teológicos alheios ao propósito principal da religião, e pouco compreendida no outro, cujo simbolismo permanece

pobremente interpretado. Para resumir e esclarecer isto: as doutrinas maçônica e cristã são idênticas em intenção ainda que difiram em método. Uma diz *Via Crucis*; a outra *Via Lucis*, ainda que em realidade os dois caminhos não são mais que um apenas. A primeira ensina por meio do ouvido, a segunda por meio do olho e identificando o aspirante com a doutrina, fazem-no passar dramaticamente através de ritos simbólicos com a intenção de que interiorize esses ritos como experiência subjetiva. Como ensina a literatura patrística, o método primitivo da Igreja Cristã não era o atual, no qual os ofícios religiosos e os ensinamentos são administrados a todo o público de forma idêntica e de uma maneira que implica um nível de doutrina comum e um poder de compreensão uniforme para todos os membros da congregação. Pelo contrário, era um método graduado de instrução, semelhante ao sistema maçônico de graus conferidos em razão do mérito e a capacidade. Para citar um dos primeiros tratados cristãos (Dionísio: “Da Hierarquia Eclesiástica”), com o qual todo o estudioso maçom deveria familiarizar-se, onde se descobre que a admissão na Igreja Primitiva se dava por meio de três graus cerimoniais de intenção absolutamente idêntica aos da Maçonaria.

“A santíssima iniciação nos Ritos Místicos tem como primeiro propósito Divino a santa purificação do iniciado; como segundo propósito, a instrução ilustradora do purificado; e finalmente a plenitude do anterior, alcançando a perfeição daqueles instruídos na ciência. A ordem dos Ministros de Primeiro Grau purifica o iniciado através dos Ritos Místicos; os Ministros do Segundo Grau conduzem o purificado à Luz; e os mais elevados e sublimes aperfeiçoam aqueles que participaram da Luz Divina por meio da contemplação e das iluminações experimentadas.”

Esta breve passagem basta para mostrar que a adesão original da Igreja Cristã implicava uma sequência de três ritos iniciáticos

idênticos em intensão aos da Maçonaria de hoje em dia. Os termos conferidos aos que se haviam qualificados nesses Ritos eram respectivamente Catecúmenos, Leiturgoi ou Ministros, e Sacerdotes ou Presbíteros; que são identificáveis com nossos Aprendizes, Companheiros e Mestres Maçons. Seu Primeiro Grau era o de um renascimento e purificação do coração; seu segundo estava relacionado com a iluminação da inteligência; e seu terceiro estava relacionado com uma morte total ao pecado e um novo nascimento à virtude, no qual o candidato morria com o Cristo na Cruz, assim como no nosso caso o candidato imita a morte de Hiram, e era levantado a essa elevada ordem de vida que é a Maestria.

Quando o Cristianismo se converteu em religião de Estado e a Igreja em um poder mundial, a materialização de sua doutrina aconteceu rapidamente e com o passar dos séculos essa condição se tem agravado. Em lugar de converter-se na força unificadora como pretendiam seus fundadores, sua associação com “posses materiais” a tem convertido em desintegradora. Os abusos conduziram a cismas e ao sectarismo, e ainda que o corpo principal, sob a forma das Igrejas Romana e Grega, ainda possuam e conservam zelosamente todas as credenciais originais, tradições e símbolos em suas soberbas liturgia e rituais, concedendo-se mais importância à casca externa de sua herança que a seu núcleo e espírito, ao mesmo tempo as comunidades Protestantes e as auto-denominadas igrejas “livres” se distanciaram muito da tradição original sendo que sua fictícia liberdade e independência supõe em realidade a um cativo nas mãos de suas próprias ideias, perdendo a conexão com a gnose primitiva e renunciando à compreensão dos Mistérios que deveriam sempre estar mais profundo que a religião popular exotérica em qualquer período determinado. Faz muito tempo que a Regeneração, como ciência, está inteiramente fora de consideração da religião ortodoxa. A afirmação do Mestre Cristão

“Necessário vos é nascer de novo” é considerada mais como um conselho piedoso para uma melhoria indefinida de conduta e caráter, e não como uma referência a uma drástica revolução científica e reforma do indivíduo na forma contemplada pelos ritos de iniciação prescritos nos Mistérios. A religião popular pode, de fato, produzir “bons” homens, dentro do padrão de bondade mundana. Não produz, e não pode produzir, homens divinizados com as qualidades de um Mestre, pois ignora a sabedoria tradicional e os métodos pelos quais esse fim pode ser conseguido.

Essa sabedoria e os métodos tradicionais dos Mistérios, no entanto, sempre tiveram alguma testemunha viva no mundo, apesar do ciúme e proibições da ortodoxia oficial. Desde a supressão dos Mistérios, no século VI, sua tradição e ensinamento tem sido continuada em segredo e sob distintas fachadas externas, e dessa continuidade surge nosso atual sistema maçônico. Como já comentado, a atual Maçonaria foi compilada, entre três ou quatro séculos atrás, como expressão elementar da antiga doutrina e método iniciático, por um grupo de mentes que estavam muito mais profundamente instruídos na velha tradição e ciência secreta do que os textos de ritos maçônicos indicam hoje em dia. Se eles permanecem na sombra do anonimato, de forma que a pesquisa do estudante moderno não seja capaz hoje de identifica-los, é apenas o que caberia esperar, pois o verdadeiro iniciado nunca se proclama como tal e prefere manter-se à margem de toda notoriedade, plantando sua semente para o bem estar de seus semelhantes, deixando que sejam outros que a reguem e que Deus as façam crescer. Mas, dentro dos limites que fixaram a si mesmos, realizaram seu trabalho de forma correta e honesta, como se procurou demonstrar nestas páginas, e compilaram um guia fiel ao desenvolvimento e princípios chaves do antigo ensinamento, assim como dos ritos perfeitos dos Mistérios filosóficos. Tem-se dito, de forma oportuna, que colocaram em marcha o sistema de Maçonaria

especulativa como “um experimento na mentalidade da época”, com a pretensão de mostrar pelo menos a uma pequena parte do público, numa época de grande escuridão e materialismo, uma evidência da doutrina de regeneração que pudesse servir como luz a aqueles que pudessem valer-se dela. Se esta teoria for verdadeira, a sua intenção pode, à primeira vista, parecer ter sido falseada pelo desenvolvimento posterior, no curso do qual não surgiu uma organização de dimensões mundiais e grande adesão, animada, sem dúvidas, por nobres ideais e cumprindo com certa beneficência, mas ainda assim fracassando por completo em seu propósito original de promover a ciência da regeneração humana, e ignorando que por esta falha suas conquistas em outras direções resultaram menores ou insignificativas. No entanto, uma perspectiva mais ampla e sábia da situação seria aquela que, embora reconhecendo a grande difusão de energia para alcançar um pobre resultado neste objetivo, contempla também que, a longo prazo e com o correr do tempo, esta energia não se perca, mas que se conserve; e que além de beneficiar aos membros capazes de aproveitar verdadeiramente a Ordem, mantém o testemunho e preserva a luz ardente dos Mistérios perpétuos em uma idade escura. Assim como a luz de um Mestre Maçom nunca se torna totalmente extinta, a luz dos Mistérios nunca desaparece completamente nos mais sombrios dias do mundo, e Deus e o caminho que leva a ele não ficam sem testemunha. Se, em comparação com outras testemunhas, a Maçonaria não é mais que um raio brilhando em vez de um potente feixe de luz, nem por isso deixa de ser uma luz verdadeira; uma suave luz que surge da chama do altar central do mundo, suficiente para guiar pelo menos a alguns de nós em meio à escuridão que nos rodeia, até que a noite tenha terminado. A Luz é concedida na proporção ao desejo de nossos corações, mas para a maioria dos maçons sua Ordem não fornece luz alguma para eles, porque a luz não é o seu desejo, nem sua iniciação é verdadeiramente compreendida nem desejada. Se

movem entre símbolos e segredos substitutos sem compreendê-los e sem desejar translada-los à realidade. Parece que a Ordem foi constituída para servir a fins sociais e filantrópicos alheios a seu propósito, ou até mesmo para satisfazer ao desejo pessoal de reconhecimento mundano. Mas como instrumento de regeneração permanece completamente ineficaz.

Será sem nenhum propósito essa ignorância, essa impenetrabilidade e incapacidade de compreender?

Talvez não. Cada um de nós vive na presença de mistérios naturais que não conseguimos discernir ou entender, e mesmo quando o desejo de sabedoria é finalmente desperto, a educação da compreensão é um processo longo. A natureza constrói lentamente em todos os seus reinos, aperfeiçoando sua intenção através de intermináveis repetições, empregando, aparentemente, uma grande quantidade de material que se desperdiça. Nas coisas do Reino que transcende a natureza, o mesmo método prevalece. As almas são atraídas muito lentamente à luz, e seu aperfeiçoamento e transmutação nessa Luz é em geral muito gradual. Por muito tempo, antes que seja capaz de distinguir a sôbra da substância, a Humanidade deve colocar sua mão de aprendiz sobre jogos ilusórios e substitutos dos verdadeiros segredos ou da Realidade. Por muito tempo, antes de ser digno da verdadeira iniciação no caminho que leva a Deus, deve permitir-se realizar uma série de ensaios preliminares, pouco inteligentes, dos processos nele envolvidos. As vias de acesso aos antigos templos dos Mistérios estavam alinhadas por estátuas dos deuses, que não tinham valor por si mesmas, mas procuravam habituar as mentes dos neófitos aos conceitos espirituais e atributos divinos que aquelas estátuas pretendiam encarnar, dando-lhes forma e rosto. Mas dentro do próprio templo, toda imagem, figura formal, símbolo e cerimonial cessavam; pois a mente devia ser capaz de trabalhar sem sua ajuda

e, a força unicamente de sua própria pureza e entendimento, devia poder elevar-se à percepção nítida de seus protótipos sem forma e ver o “Inominável dos cem nomes”.

“Obtenha conhecimento, adquira a sabedoria, mas com tudo que obtenhas, consiga entendimento”, exclama o velho Mestre, em um conselho que bem pode ser aplicado à Fraternidade Maçônica hoje em dia, que tão pouco compreende seu próprio sistema. Mas a compreensão depende do dom da Luz Sobrenatural, que nos é outorgado segundo o ardor de nosso desejo por ela. Se a Sabedoria de hoje em dia é viúva, todos os maçons são realmente ou potencialmente filhos da viúva, e terá razão de ser se seus filhos a buscam com desejo e trabalho, como quem busca a um tesouro escondido. Cabe à Maçonaria decidir se ela assume a herança de ser sucessora direta dos Antigos Mistérios e Maestria da Sabedoria, ou se, fracassando, sofrerá o inevitável destino de todo aquele que prima pela aparência, mas que o espírito original deixou de existir.



A deusa Ceres (Démeter)

O SIGNIFICADO DA MAÇONARIA

Em “O Significado da Maçonaria”, Walter Leslie Wilmshurst aborda o conteúdo da Iniciação tal e como se concebia nos Antigos Mistérios, em toda sua amplitude espiritual e mística. O maçom moderno contempla a Iniciação como um vago convite à melhora pessoal, mas desconhece o verdadeiro significado desta ordália quando é levado a suas últimas consequências espirituais. O autor analisa os graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre, assim como a plenitude do processo espiritual no Santo Arco Real, traçando sua genealogia desde os Antigos Mistérios e considerando o conteúdo simbólico e propósito de cada grau dentro do processo de Regeneração. O Significado da Maçonaria, em resumo, nos aproximada da genuína Iniciação.